

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA I
COLEGIADO DE URBANISMO**

GABRIEL PEDREIRA DE ARAÚJO RIBEIRO

CAMINHANDO COM OS PÉS:

uma reflexão acerca da construção de espaços na Lavagem do Bonfim a
partir dos trajetos de um pesquisador urbanista

SALVADOR – BA

2016

GABRIEL PEDREIRA DE ARAUJO RIBEIRO

CAMINHANDO COM OS PÉS:

uma reflexão acerca da construção de espaços na Lavagem do Bonfim a partir dos trajetos de um pesquisador urbanista

Monografia apresentada ao Colegiado de Urbanismo da Universidade do Estado da Bahia como requisito de aprovação na disciplina TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, e consequente obtenção de grau em Bacharelado em Urbanismo pela referida Instituição.

Orientadora: Prof.^a Dra. Isa Maria Faria Trigo

Colaborador: Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes

SALVADOR – BA

2016

Dedico este trabalho a tudo aquilo que pulsa e que vibra, a tudo que se que constrói pelo movimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à instituição que possibilitou a realização desta pesquisa: à Universidade do Estado da Bahia, através do Departamento de Ciências Exatas e da Terra I.

Minha gratidão à atenção, ao cuidado e à solicitude ofertados a mim pelos colaboradores pertencentes ao quadro institucional do Colegiado de Urbanismo. À Prof.^a Rita Vieira, pela retidão na condução dos trabalhos. À Prof.^a Clélia Dantas, pela simpatia e prestatividade recorrentes. À Edmilson Araújo, o meu muito obrigado!

Não poderia deixar de agradecer a alguns professores do Curso de Urbanismo que, direta ou indiretamente, colaboraram para a construção desta pesquisa. Aos professores Luiz Antônio de Souza e Débora Nunes, não só pelo notório conhecimento técnico que me proporcionaram, mas principalmente por permitirem um processo de aprendizado sempre estimulante e desafiador. À Prof.^a Ana Clara Souza, por colaborar decisivamente na etapa final deste processo. Ao Prof. Eduardo Nunes, pela valiosa colaboração e apoio.

Agradecimento especial à Prof.^a Isa Trigo, minha orientadora, amiga e parceira profissional, pela extrema paciência e generosidade dedicadas a mim e a este trabalho. Obrigado por compartilhar seus conhecimentos. Sem eles, esta pesquisa não se realizaria.

Aos amigos e parceiros que me apoiaram e me acompanharam nesta empreitada. Obrigado a Ethiane Romeny, Gabi Santana, Laura Freire, Thiara Fontes, Caio Sá Telles e Alex Gurunga, que contribuíram para uma caminhada mais branda.

Agradeço a Fábio Monteiro, meu companheiro de todas as horas, por estar ao meu lado em todos os momentos desta navegação.

Ao meu pai e minha irmã, Augusto e Lena Silva pelo carinho e presença contundentes. Às minhas queridas mães, D. Ni e Jurana Pedreira, pela minha vida, pelo amor, apoio e incentivo irrestritos. Sem vocês, nada teria ocorrido!

*“Bom começo de tudo é o Bonfim
Senhor de todos os dias
Oxalá de toda vida
dai pra todos nós da Bahia
Oxalá pra mundo inteiro a garantia*

*Senhor da Colina, Oxalá da subida e descida
De todo lugar onde a gente caminha
Bom começo de todo caminho
Senhor do meio e do fim,
Oxalá, nunca eu fique sozinho*

*Alívio da hora da dor mais doída
Na hora que pobre é a riqueza da vida
A paz verdadeira na guerra vencida
Babá me ouviu, Babá me atendeu
A porta se abriu, a dor foi embora*

*Penso em ti, meu amor, toda hora
Vou louvar pra sempre o teu querer bem
Oxalá, Senhor do Bonfim, amém
Bom começo de tudo é o Bonfim”*

(“Bonfim”, de Roberto Mendes).

PEDREIRA, Gabriel. **CAMINHANDO COM OS PÉS**: uma reflexão acerca da construção de espaços na Lavagem do Bonfim a partir dos trajetos de um pesquisador urbanista. 2016. 130 fls. Monografia (Graduação) – Colegiado de Urbanismo da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a análise das formas de construção e apropriação dos espaços da Lavagem do Bonfim, em Salvador, pelos diversos grupos sociais, políticos e culturais que participam desse fenômeno urbano. Refletir sobre o espaço nesta pesquisa é também refletir sobre as construções culturais e simbólicas; e os exercícios políticos de micro poder que determinam os modos como os participantes se representam e se relacionam entre si e com os espaços. Para isso, foram indispensáveis os entendimentos propostos pela Etnocologia, pelas Teorias do Imaginário e pela Filosofia Política. A pesquisa utiliza-se de uma abordagem teórico-metodológica que se aproxima dos procedimentos da antropologia crítica, mas que divaga sobre outros métodos, recortes e possibilidades. Dessa forma se inscreve como uma navegação a deriva. A Lavagem do Bonfim é um fenômeno da cidade de Salvador, de caráter religioso e festivo, portanto espetacular, que se constitui como de grande importância cultural, política e econômica, não só para a cidade, como também para a Bahia. Espaços de representação na Lavagem são construídos na medida em que o espaço físico é percorrido, e se criam espacialidades semoventes, transitórias e fortemente delimitadas em termos simbólicos.

Palavras-chave: Espaço público; Lavagem do Bonfim; Construção Simbólica; Espetacularidade.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de graduação que ora se apresenta tem como objetivo pesquisar de que forma a Lavagem do Bonfim se constitui enquanto fenômeno urbanístico da cidade de Salvador que resignifica e constrói espaços a partir dos aspectos/fenômenos culturais, sociais e simbólicos que se apresentam em seu contexto. Considerando aqui o pesquisar a partir de um modo de uso do corpo, de uma forma de aproximar e recriar a realidade. Uma forma de recortar o assunto.

Realizado no âmbito do curso de Urbanismo, área de estudo em si múltipla, pois alimentada por diversos campos de conhecimento, este texto é um Relatório de Pesquisa que está organizado da seguinte forma: esta Apresentação, onde são localizados alguns eixos importantes do trabalho, tais como os objetivos, as escolhas metodológicas, além de um primeiro informe sobre os referenciais que embasam esta pesquisa; o Capítulo 1, intitulado de “NADANDO NO FLUXO: O LUGAR DE ONDE SE VÊ”, essencialmente um relato, circunstanciado e comentado, da imersão na Lavagem do Bonfim ocorrida no dia 14 de janeiro, e seus preparativos anteriores. Este Capítulo, por uma escolha com o orientador, é narrado na primeira pessoa. O fato de o relato ser aqui apresentado no espaço tradicionalmente reservado ao capítulo das discussões teórico-metodológicas se dá pelo entendimento da necessidade do leitor ser imediatamente localizado ao contexto, ao objeto da pesquisa, para que possa desde a leitura inicial compreender como foram sendo construídas as reflexões aqui propostas e disparadas. Logo a seguir, no Capítulo 2, destinado aos referenciais e escolhas teórico-metodológicas, aqui denominado de “DAS BUSSOLAS E CARTAS: DISCUSSÕES E CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS”, como o nome já diz, são retomadas e aprofundadas as teorias e reflexões geradas pelo trabalho. Retomadas, pois se optou aqui por discutir e refletir sobre os diversos assuntos e eixos sempre que fosse pertinente. O que implicou, por exemplo, em se discutir eixos e indicadores também no relato de campo. Um texto é algo que se constrói para dar a melhor noção e percepção ao leitor. Essa organização foi considerada como a melhor para o tema desta pesquisa, considerando a abordagem aqui adotada. No Capítulo 2 também se localizam as observações acerca da metodologia, as técnicas e ferramentas adotadas, vez que

não há como separar o metodológico do teórico. Por fim, o capítulo com das Considerações, e sequencialmente as Referências, Apêndices e Anexos.

Esse trabalho, a partir de seu viés urbanístico, político e antropológico cultural, utiliza como principais eixos teórico-metodológicos: a Etnocologia, no entendimento de que as formas de representação que são tratadas no contexto da Lavagem do Bonfim ocorrem fora do cotidiano, de forma extraordinária e espetacularizada (BIÃO, 2007); na Geografia Humana e na Filosofia Política, na conceituação e tratamento do espaço, na medida em que o considera enquanto produto de um processo intermitente de interação social com o meio físico - espaço geográfico - constituindo assim o espaço humano (SANTOS, 2012), e na consideração do espaço público - lócus do fenômeno urbano desta análise - enquanto local da ação e da representatividade política da sociedade (HABERMAS, 2012); também na Filosofia Política pelo entendimento da cidade enquanto lugar de conflitos e de disputas da sociedade, estabelecendo relações de poder, do ponto de vista macro e micro político (FOUCAULT, 1979), sendo que essas relações de poder determinam e delimitam os modos como os sujeitos se apropriam e constroem os espaços. Esta pesquisa também se respalda teórico-metodologicamente na Antropologia Interpretativa, no reconhecimento da cultura enquanto processo que enfatiza a construção de significados e subjetividades através de processos do mundo social (LÉVI-STRAUSS, 1982) e nas Teorias do Imaginário, que respaldam as análises sobre o imaginário coletivo que, por ser tão forte, não é sequer percebido (DURAND, 1997). Considera-se nesta pesquisa que a cultura é constituída pela construção simbólica e processual de imaginários - coletivos e individuais - que determinam as formas como os indivíduos sociais se enxergam e se representam, e como os mesmos se relacionam entre si com os espaços. Dentro dessa perspectiva, em um contexto cultural como a Lavagem do Bonfim, considerar a cultura e o imaginário é considerar também a construção de espaços de urbanidade. Neste mesmo caminho, a Sociologia da Cultura reforça que os gestos inconscientes mais consolidados são justamente aqueles que são menos percebidos (BASTIDE, 2001). Como já mencionado, os teóricos aqui relacionados, e suas discussões, serão aprofundadas no Capítulo 2 deste trabalho, que trata dos Referenciais Teórico-metodológicos.

Esta pesquisa não visa gerar hipóteses ou definições, ou mesmo limitar, ainda que parcialmente, os olhares sobre os diferentes espaços que constituem a Lavagem do Bonfim. Busca apenas começar a esboçar um entendimento de urbanidade, sociabilidade e representatividade sobre este fenômeno cultural de relevância histórica e política para Salvador. Também não é o objetivo esgotar o tratamento e a sistematização do material coletado em campo. Visa-se basicamente refletir e discutir algumas percepções que foram construídas a partir da imersão deste pesquisador na Lavagem do Bonfim do ano de 2016.

O percurso que norteia esta pesquisa, bem como o direcionamento dado ao levantamento de dados de campo e as observâncias a partir do trajeto, levaram em conta a trajetória vivencial do pesquisador enquanto agente cultural, que lida com as várias formas culturais de apropriação de espaço e de representação de si. Não foi possível, nem desejado, desconsiderar que o pesquisador é um indivíduo com vivência na área da produção artística e imagética, então familiarizado com as formas de representação do ponto de vista do espetáculo. Tampouco desconsiderar que o pesquisador acompanha tradicionalmente a Lavagem do Bonfim e com ela estabelece relações simbólicas e pessoais. A partir dessa posição múltipla de artista-pesquisador e de produtor cultural, mas com olhar acadêmico/técnico urbanístico, foram levantadas e catalogadas as bases para a análise do trabalho.

Os referenciais tradicionais do Urbanismo dialogam aqui com outros referenciais para dar conta das percepções e inquietações afloradas no pesquisador, quando da observação do fenômeno urbano em questão. O diálogo a partir do fator cultural foi então adotado, do ponto de vista de ganho de espaço e de representatividade e visibilidade individual e social do cotidiano transformado em espetáculo e transformado em espaço de visibilização.

A Lavagem do Bonfim é um fenômeno urbano com status de festejo popular e procissão religiosa que ocorre a mais de 260 anos em Salvador, integra e compõe as tradições litúrgicas, culturais e simbólicas desta cidade. É realizado anualmente em meados do mês de janeiro e assume relevância também do ponto de vista político e econômico, já que integra o calendário turístico da Bahia e o calendário de eventos oficiais do município. Sendo uma estrutura de deslocamento de pessoas e grupos – das mais diversas categorias sociais - que percorre uma extensão de cerca de 7 (sete) quilômetros pela chamada Cidade Baixa em Salvador, esta modificação não

só a dinâmica da área onde se realiza, mas também de toda a cidade, tanto do ponto de vista urbanístico, quanto do ponto de vista cultural, do imaginário e de como o sujeito baiano considera que é a sua representação. Outras festas populares, assim como o Carnaval e o desfile de 2 de Julho, configuram-se por estruturas semelhantes, porém na Lavagem do Bonfim esta atinge seu ápice por privilegiar o andar na constituição de espaços políticos e simbólicos.

É do movimento de pés que se desenha e se constrói, a cada passo, o espaço da representação e da visibilidade dos diversos agentes participantes. É uma navegação em asfalto. E foi neste navegar que foi calcada esta pesquisa do ponto de vista da metodologia, considerada uma imersão flutuante, uma navegação à deriva.

Por ser um evento que mobiliza e desloca centenas de milhares de pessoas para uma mesma localidade da cidade durante a sua ocorrência, a Lavagem do Bonfim demanda uma complexa estrutura urbanística no que diz respeito ao planejamento de ações e na oferta de infraestrutura por parte dos setores/órgãos públicos que a organizam, tanto do ponto de vista da mobilidade quanto da provisão dos serviços de segurança, iluminação e abastecimento. Inicialmente, a investigação dessas ações administrativas, bem como a caracterização do espaço físico-territorial (a partir da adoção de diversas escalas e poligonais de análise), foram consideradas as questões de primeira grandeza para esta pesquisa, por entender que o espaço geográfico e a estrutura montada para o evento seriam essenciais para compreender as formas de apropriação do espaço por parte dos grupos participantes. Esta foi uma perspectiva importante para que o pesquisador construísse a base para outras análises e percepções.

Com a ida ao campo, realizada no dia 14 de janeiro de 2016, para além de toda a infraestrutura disposta em um espaço urbano que é físico, concreto e delimitado para a ocasião do evento, a percepção do pesquisador se expandiu e passou a considerar também os elementos culturais, políticos (relações de poder, macro e micro) e simbólicos que se organizavam naquele movimento. O próprio pesquisador passou a também se entender enquanto agente daquele fenômeno. Dessa forma, a Lavagem do Bonfim passou a se traduzir por andadas e paradas, onde os diversos grupos performavam, ainda que de maneira absolutamente cotidiana, as suas ações e gestos culturais de representação. Revelou-se, assim,

um espaço urbano que não é estático, mas sim um espaço semovente, onde os agentes se locomoviam e onde estavam sendo criados outros espaços de urbanidade, sociabilidade e de representação.

No meio de um mar de possibilidades de abordagens que se apresentavam no horizonte, este pesquisador optou, então, por escolher o espaço da representação de si e o espaço da representação política como os seus espaços de olhar mais atento nesta pesquisa.

Ao longo do trajeto executado, onde este pesquisador se colocou como participante e integrante do movimento, puderam ser observadas as mais inúmeras e diversas situações culturais e performáticas de interação social e de interação com os espaços. Pessoas tirando fotos com o grupo de “baianas”, ou mesmo selfies; até mesmo pessoas parando, bebendo, comendo feijoada e outras comidas típicas em todo o trajeto que realizavam. Os mais diferentes grupos ali se representavam e apareciam. Não é, pois, um dia estritamente cotidiano, mas ao mesmo tempo é um dia que traz uma tradição de mais de 260 anos de como se apresentar nela. Esta observação pôde ser vista na figura política de um governador de Estado andando com o grupo das “Baianas” para ser associado a elas, para ser associado à imagem de alguém do povo, para ser aceito enquanto liderança cultural, bebendo de uma tradição que existe há muitos anos. Quando um homem que participa da festa tenta cortejar duas mulheres, ou mesmo um outro homem, e este se coloca numa posição mais alta (por exemplo, em cima de uma carroceria de veículo), é também uma maneira de conquistar território e se reafirmar politicamente dentro de um exercício de micropolítica que aquele contexto favorece. Para aquele contexto os participantes se arrumam, se perfumam e se colocam apresentáveis, como se fossem para um “dia de festa e guarda”. Este é um momento que já está categorizado, tanto do ponto de vista das representações individuais e coletivas, quanto do ponto de vista dos clichês que as pessoas esperam encontrar. É um espaço de exposição importante. Então aqui neste trabalho é considerado que todos esperam e almejam serem vistos. É um lugar de visibilidade, e por conta disso, de conflitos e de exercícios de poder.

Assim sendo, um ponto de interesse deste trabalho é refletir sobre as formas de afirmação mais ou menos conscientes que as pessoas têm durante a Lavagem do Bonfim, as formas de afirmação mais ou menos tradicionais que as pessoas têm,

e por fim, a maneira como as pessoas não enxergam umas outras tantas formas que também são muito importantes e poderosas, e que por não serem observadas, essas acabam organizando e manipulando as próprias estruturas da peregrinação e do evento sem sequer notarmos. Essa é a linha de trabalho que vou adotar e que, dentro da estrutura de um trabalho de TCC, pincelo indicadores.

O espaço nesta pesquisa é abordado a partir de condicionantes “abstratas”, e por isso, aparentemente dissociadas do âmbito tradicional de análise e tratamento dados pelo urbanismo. São condicionantes culturais e simbólicas que geram visibilizações políticas e de reconhecimento e representatividade, e que influenciam, inclusive, a delimitação das providencias organizacionais e estruturais que permitem a ocorrência do evento enquanto espaço macro político. O espaço do movimento de pés é o tema desta análise. O espaço que é geográfico, para esta pesquisa, neste contexto se torna um outro, diferente do observado no seu cotidiano. Torna-se espetacular. Evidencia-se um contexto de espetacularidade, de extraordinário, mas ao mesmo tempo de tradicionalismo, por ser uma festa muito antiga e que já traz consigo os seus clichês. Ela é uma festa ambivalente, como todas elas são.

O espaço geográfico não é a tônica do espaço aqui tratado. Mas de alguma forma, a existência desse espaço físico é produzida a partir da relação que se estabelece com as condicionantes culturais. A configuração territorial é o “palco” dos percursos. Na medida em que o espaço físico é percorrido, estão sendo criadas espacialidades semoventes, transitório, efêmeras, mas ao mesmo tempo fortemente delimitadas em termos simbólicos, com seus clichês, com seus interditos e suas invisibilidades. A título inicial e introdutório, como cabe a um trabalho de TCC, sinalizar alguns indicadores e características ligadas à representação de si no espaço.

A seguir, as Listas de Ilustrações e Sumário, com o ordenamento das sessões, e em seguida o Capítulo 1, onde se fará o relato de campo, material central desta pesquisa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DA VISITA DE CAMPO À LAVAGEM DO BONFIM ..	23
FIGURA 2 – TRAJETO A: PERCURSO REALIZADO PELO PESQUISADOR NO SENTIDO DO LOCAL DA LAVAGEM DO BONFIM	24
FIGURA 3 – IMAGEM DO ACESSO, PELO BAIRRO 2 DE JULHO, À AVENIDA CONTORNO, INÍCIO DO PERCURSO OFICIAL DA LAVAGEM DO BONFIM	26
FIGURA 4 – TRAJETO B, PERCURSO REALIZADO PELO PESQUISADOR NO LOCAL DE CONCENTRAÇÃO DA LAVAGEM DO BONFIM	27
FIGURA 5 – CARROS E MINI TRIOS ESTACIONADOS NA LATERAL DA RUA E TRANSEUNTES ANDAM TRANQUILOS PELO ASFALTO	28
FIGURA 6 – SEQUÊNCIA DE FOTOS DO TRAJETO B DO PESQUISADOR / DETALHE DA PRESENÇA INSTITUCIONAL NAS IMEDIAÇÕES DA IGREJA DA CONCEIÇÃO	29
FIGURA 7 – LATERAL À DIREITA DA IGREJA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA / APARENTE DIVISÃO TERRITORIAL DESSE ESPAÇO: CONCENTRAÇÃO DE SERVIDORES PÚBLICOS, IMPRENSA E ORGANIZADORES DO EVENTO	30
FIGURA 8 – SEQUÊNCIA DE FOTOS DO TRAJETO B DO PESQUISADOR: ADRO DA IGREJA DA CONCEIÇÃO E CONCENTRAÇÃO DA IMPRENSA E FAIXAS DOS ÓRGÃOS DE GESTÃO PUBLICA .	31
FIGURA 9 – SEQUÊNCIA DE FOTOS DO TRAJETO B DO PESQUISADOR / GRUPO DE SAMBADORES	32
FIGURA 10 – PEQUENO GRUPO DE BAIANAS SE MANTÉM AFASTADAS DA AGLOMERAÇÃO; PARECIAM QUERER SE RESGUARDAR PARA O CORTEJO	33
FIGURA 11 – IMAGEM DO SENHOR DO BONFIM AGUARDA O INICIO DO CORTEJO	34
FIGURA 12 – BARRACAS DE COMIDA MONTADAS EM FRENTE À PRAÇA CAIRU	35
FIGURA 13 – SEQUÊNCIA DE FOTOS DO TRAJETO B DO PESQUISADOR / PONTOS DE ACESSO PRÓXIMOS À CONCENTRAÇÃO DA CONCEIÇÃO DA PRAIA.....	36
FIGURA 14 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS UTILIZADO PARA A LAVAGEM DO BONFIM.....	37
FIGURA 15 – ENTREVISTA COM VENDEDORA AMBULANTE ANTES DO INICIO DO CORTEJO....	38

FIGURA 16 – INÍCIO DO CORTEJO / GRUPO DAS “BAIANAS” ABRE A ROMARIA	39
FIGURA 17 – INÍCIO DO CORTEJO / CHEFES DO EXECUTIVO E SUAS COMITIVAS MOBILIZAM GRANDE PARTE DOS PRESENTES, INCLUSIVE MÍDIA E POLICIAMENTO	40
FIGURA 18 – TRAJETO C1, PERCURSO DO PESQUISADOR NA LAVAGEM DO BONFIM	42
FIGURA 19 – RAPAZ SOBE EM VEÍCULO PARA SE SOBRESSAIR DA MULTIDÃO DURANTE CORTEJO DO BONFIM.....	43
FIGURA 20 – SEQUÊNCIA DE FOTOS DO ENCONTRO DE UM BLOCO DE SAMBA E UMA PASSISTA DURANTE O CORTEJO.....	44
FIGURA 21 – PASSAGEM DO CORTEJO POR DEBAIXO DO VIADUTO AMÉRICO SIMAS	46
FIGURA 22 – GRUPO FOLCLÓRICO DE "BURRINHA" DESFILANDO NA LAVAGEM DO BONFIM ..	49
FIGURA 23 – GRUPO DE CAPOEIRA REUNIDO NO LARGO DE ÁGUA DE MENINOS ANTES DE ADENTRAR O CORTEJO	50
FIGURA 24 – TRAJETO C2, PERCURSO DO PESQUISADOR NA LAVAGEM DO BONFIM	52
FIGURA 25 – CORTEJO PASSANDO APRESSADO POR SÃO JOAQUIM.....	53
FIGURA 26 – MULHER REALIZA PERCURSO DE MULETAS COM CERTA DIFICULDADE.....	54
FIGURA 27 – TRAJETO D, PERCURSO DO PESQUISADOR NA LAVAGEM DO BONFIM	56
FIGURA 28 - IGREJA DO BONFIM VISTA DOS DENDEZEIROS	57
FIGURA 29 – MICRO POLÍTICA DOS CORPOS NAS FESTAS DE LARGO DE SALVADOR: IMAGEM DE CIMA REGISTRADA DURANTE A LAVAGEM DO BONFIM, E FOTO DE BAIXO NO ESPETÁCULO LOOPING OVERDUB BAHIA.....	59
FIGURA 30 - ENQUANTO O CORTEJO NÃO CHEGAVA, AS BARRACAS MONTADAS NO ENTORNO DA IGREJA VENDIAM BEBIDAS E ALIMENTOS VARIADOS	60
FIGURA 31 – LADEIRA DO BONFIM, GRANDE CONCENTRAÇÃO DE PESSOAS NA SUBIDA DO CORTEJO SENTIDO IGREJA DO SENHOR DO BONFIM.....	61
FIGURA 32 – GRUPO FOLCLÓRICO DE SAMBA DE RODA NA PRAÇA DO BONFIM FESTEJANDO A CHEGADA	62
FIGURA 33 – RELIGIOSO "BENZE" FIEL NA PRAÇA DO BONFIM AO FINAL DO CORTEJO.....	62

FIGURA 34 – FACHADA DA IGREJA DO BONFIM DURANTE ATO DA LAVAGEM DO ADRO PELAS "BAIANAS"	63
FIGURA 35 – ILUSTRAÇÃO DE CARYBÉ QUE RETRATA O MOMENTO DA LAVAGEM DA IGREJA DO SENHOR DO BONFIM PELAS BAIANAS.....	64
FIGURA 36 – BAIANA COM OLHAR PROVOCADOR ÀS PORTAS DA IGREJA DO SENHOR DO BONFIM.....	65
FIGURA 37 – FIÉIS ENTOAM COM CLAMOR O HINO AO SENHOR DO BONFIM	66
FIGURA 38 – MAPA DO PERCURSO OFICIAL DA LAVAGEM DO BONFIM.....	85
FIGURA 39 – POLIGONAL 01 DE ESTUDO DA LAVAGEM DO BONFIM	86
FIGURA 40 – BAIRROS PERTENCENTES À POLIGONAL 1 DE ESTUDO DA LAVAGEM DO BONFIM	87
FIGURA 41 – POLIGONAL 2 DE ESTUDO DA LAVAGEM DO BONFIM	88
FIGURA 42 – SEQUENCIA DE ORTOFOTOS DOS BAIRROS INTEGRANTES DA POLIGONAL 02 ..	89
FIGURA 43 – PERCURSO OFICIAL DA LAVAGEM DO BONFIM (BAIRRO DO COMÉRCIO)	92
FIGURA 44 – PERCURSO OFICIAL DA LAVAGEM DO BONFIM (BAIRRO DA CALÇADA).....	92
FIGURA 45 – PERCURSO OFICIAL DA LAVAGEM DO BONFIM (BAIRRO DE MARES).....	93
FIGURA 46 – PERCURSO OFICIAL DA LAVAGEM DO BONFIM (BAIRRO DE ROMA)	93
FIGURA 47 – PERCURSO OFICIAL DA LAVAGEM DO BONFIM (BAIRRO DO BONFIM).....	94

SUMÁRIO

1 NADANDO NO FLUXO: O LUGAR DE ONDE SE VÊ.....	17
1.1 TRAJETO A	18
1.2 TRAJETO B	26
1.3 TRAJETO C	41
1.4 TRAJETO D	55
2 DAS BUSSOLAS E CARTAS: AS DISCUSSÕES E CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	69
2.1 DAS TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS	81
2.2 DA CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO	85
3 CONSIDERAÇÕES	95
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES	102
ANEXOS	123

“Ah! Eu vim de Ilha de Maré

Minha senhora

Pra fazer samba

Na Lavagem do Bonfim

Saltei a rampa do mercado

E segui na direção

Cortejo armado na

Igreja da Conceição”

(“Ilha de Maré”, de Valmir Lima).

1 NADANDO NO FLUXO: O LUGAR DE ONDE SE VÊ

Início este trabalho relatando os trajetos e a descrição mesma da minha preparação para campo e vivência dentro da Lavagem do Bonfim do ano de 2016, ocorrida no dia 14 de janeiro do referido ano, em Salvador. Este Relatório de Pesquisa, que se constitui enquanto material central deste trabalho monográfico, traz também alguma discussão teórico-metodológica, sendo que os referenciais aparecem no texto na medida que a narrativa pede por eles.

Iniciar o trabalho com esse material – normalmente utilizado ao se falar da metodologia – ambienta imediatamente o leitor interessado no espaço narrativo da pesquisa: a descrição dos acontecimentos observados por mim na Lavagem do Bonfim; que por sua vez constrói, junto com os dados de campo aqui incorporados (registros e entrevistas), e com referenciais teóricos também aqui abordados, a possibilidade de um melhor entendimento e reflexão acerca da constituição dos espaços simbólicos, geográficos, políticos, culturais e sociais desse fenômeno urbano. Considerando sempre que o que é aqui apresentado é um recorte de um evento dentro de vários anos de visitação a esse contexto.

Pensou-se aqui a estrutura de um diário de bordo, narrando tanto os momentos que antecederam a chegada ao campo, das escolhas dos caminhos a percorrer, como a própria vivência deste pesquisador no local de realiza o da Lavagem do Bonfim. Para fins analíticos, os caminhos trilhados por este pesquisador foram divididos em 04 Trajetos (A, B, C E D), cujos critérios de segmenta o consideraram o ordenamento cronológico das a o es executadas, mas também fatores de ordens subjetivas, que serão expostas   medida que os Trajetos forem sendo abordados.

O relato do Trajeto A trata da prepara o para o campo, não são do ponto de vista técnico, do momento da sistematiza o dos instrumentos e técnicas da pesquisa, mas também do ponto de vista psicofísico, da mudança do meu estado de percep o e consciência; mudança de estado entendida aqui como o tipo de expectativa que se tinha ao ir ao cortejo, aliado ao fato de que esse não   um acontecimento cotidiano. Como tal, a forma de estar, de me relacionar e sentir o ambiente também implica numa certa altera o de estado de percep o e sensa o

cotidiana, esta também expressa em mudanças de estados corporais. Afinal, impossível dissociar estados de corpo e consciência (BIÃO, 2007, p. 45).

Dessa forma, são descritas desde escolhas e caminhos planejados, passando pelas ações práticas realizadas na prévia do dia do festejo, e também algumas impressões e sensações experienciadas.

Em um segundo momento deste diário de bordo, expresso pelos Trajetos B, C e D, são relatadas as experiências de campo propriamente ditas, os caminhos percorridos e as observações feitas por mim durante a Lavagem do Bonfim – que é o objeto da pesquisa.

Uma vez munido das ferramentas náuticas, este navegador enfim desce do barco e se lança ao mar para nadar no fluxo. É deste lugar que melhor pude observar e me deixar guiar pelas correntes.

1.1 TRAJETO A

Uma vez tomada a decisão por realizar esta pesquisa, tendo em vista o objetivo primordial de obtenção de grau em Bacharelado em Urbanismo pela Universidade do Estado da Bahia – e observados os prazos do cronograma da referida Instituição, a primeira ação desempenhada por mim, enquanto iniciante pesquisador, foi a escolha do tema a ser abordado.

Ao longo do percurso da Graduação em Urbanismo, me percebi interessado nas diversas relações estabelecidas entre a sociedade e o espaço urbano, mais especificamente, o espaço público. Santos (2012) conceitua o espaço enquanto produto do sistema de objetos – território¹ – e o sistema de ações – a sociedade, sendo estes sistemas inseparáveis. Espaço passou a ser, então, o tema da minha pesquisa, que começava a se esboçar. A partir daquela definição, foi necessário recortar o tema, escolhendo um objeto para a pesquisa.

¹ “O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, 2012, p. 138).

Emergiu, então, o interesse em refletir sobre um fenômeno urbano da cidade de Salvador, de caráter eventual e festivo, e de importância cultural e histórica, que tivesse relação direta com o (s) – diferentes – modo (s) de uso e ocupação do espaço onde/quando se realiza. Outro critério que seria considerado era a ocorrência desse fenômeno-evento ainda no primeiro trimestre do ano de 2016², possibilitando assim a realização de uma visita de campo. Foram identificados, assim, três fenômenos com esse perfil: o Carnaval, a Festa de Iemanjá e a Lavagem do Bonfim.

O Carnaval foi a primeira opção a ser desconsiderada como objeto da pesquisa por conta da grandeza e da complexidade deste evento. Para um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, abordar um objeto com tamanha grandeza seria inviável, ainda mais para um inexperiente pesquisador. Além disso, era também meu interesse abordar um fenômeno que trouxesse relações mais próximas com aspectos da cultura afro-baiana, característica que foi observada de forma mais contundente nas duas outras opções levantadas. Ademais, outro interesse era tratar de um fenômeno que não apresentasse, pelo menos como ponto determinante de sua análise/discussão, o caráter mercantilizado que as festas culturais vêm assumindo na cidade contemporânea. O Carnaval, cada vez mais, se caracteriza como uma “festa-mercadoria”, que nega a invenção lúdica e vai transformando história, cultura e tradição em divertimento e lazer, para o consumo de poucos. (SERPA, 2011).

A Festa de Iemanjá foi, dentre as opções de recorte para a pesquisa, a mais bem avaliada por mim, inicialmente. Preenchia todos os critérios e ainda trazia uma situação/problemática bastante atual e relevante ao campo do Urbanismo: o bairro do Rio Vermelho, local onde se realiza anualmente a Festa de Iemanjá em Salvador, passava, à época da escolha do tema deste TCC, por uma reforma de caráter higienista, sendo que a primeira etapa da obra seria entregue à comunidade justamente no dia do evento, em 02 de fevereiro do ano de 2016³. A ação, chamada

² Mais informações sobre o Calendário de Festas Populares de Salvador do ano de 2016 em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/confira-as-festas-populares-que-acontecem-em-salvador-no-verao-ate-o-carnaval-programe-se/?cHash=3c3929af44574df690d9adf3f93fbed4>> . Acesso em 12 out. 2016.

³ MOTA, Alexandre. Nova orla do Rio Vermelho deve ficar pronta até a festa de Iemanjá: entenda como fica o trânsito. Correio. Salvador, 16 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/nova-orla-do-rio-vermelho-deve-ficar-pronta->

popularmente de “novo Rio Vermelho” compunha o projeto Requalificação da Orla de Salvador, da Prefeitura Municipal, e pretendia criar “um amplo espaço de convivência totalmente novo e moderno, de acordo com padrões urbanísticos internacionais”⁴. Jacques (2010), ao analisar projetos dessa natureza, ditos de revitalização, afirma que “são quase sempre projetos pacificadores e espetaculares” (p. 108), promovendo locais homogêneos e pacíficos.

Por mais interessantes – e relevantes – que se mostravam ser as possíveis discussões referentes à Festa de Iemanjá, este fenômeno urbano ainda não parecia atrativo o bastante a ponto de se tornar o sujeito/objeto do meu TCC. Embora houvesse, supostamente, uma maior facilidade em adquirir dados sobre a “requalificação” do bairro do Rio Vermelho na ocasião de sua realização, este recorte/abordagem dado à Festa de Iemanjá não contemplaria em absoluto os meus interesses iniciais. Planejamento urbano não era, definitivamente, o alvo de análise do fenômeno que, por ventura, fosse eleito, e aquela parecia ser uma discussão necessária a qualquer análise que abordasse aquele fenômeno naquele momento. Além disso, em pesquisa preliminar realizada, constatei que já haviam significativos estudos acadêmicos publicados sobre a Festa de Iemanjá dentro da área de Arquitetura e Urbanismo. Com isso, a Festa de Iemanjá foi também desconsiderada enquanto realidade urbana para a pesquisa.

Dessa forma, a Lavagem do Bonfim foi “aceita” enquanto objeto da pesquisa. Por mais que eu relutasse e não reconhecesse de imediato, parecia que eu inevitavelmente teria que escolhê-la. Houve um movimento de atração entre tema e pesquisador, assim como os navegadores e o mar também costumam se atrair. As águas a serem navegadas já haviam sido identificadas. O mar escolheu seu navegante, ou seja, o Bonfim me escolheu.

Para além dos critérios objetivos explicitados nos parágrafos anteriores, e de uma mudança dialética⁵ usada como técnica para a escolha da Lavagem do Bonfim

ate-a-festa-de-iemanja-do-ano-que-vem/?cHash=cd4db25f97796846d8502168ab80788c>.
Acesso em: 11 out. 2016.

⁴ Disponível em: <<http://www.novaorla.salvador.ba.gov.br/index.php/rio-vermelho>>. Acesso em: 11 out. 2016.

⁵ “A característica do desenvolvimento dialético é que ele prossegue através de negações.” (LAKATOS, 2003, p. 103).

enquanto objeto da pesquisa, é evidente que fatores subjetivos influenciaram o processo de escolha do objeto de estudo desta pesquisa.

A subjetividade aqui colocada refere-se às formações culturais e aos meus estados internos que influenciaram tanto a escolha do tema, quanto nortearam toda a pesquisa. Ortner (2007) considera a subjetividade como:

[...] um conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes [...] da mesma forma, às formações culturais e sociais que modelam organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento, etc. (p. 376).

Ao reconhecer a subjetividade enquanto elemento determinante já na primeira etapa da pesquisa, para a escolha e recorte do tema, ali também já se anunciavam as bases de uma abordagem teórico-metodologia que seria adotada em todo o processo. Essa abordagem articula uma teoria de cultura especificamente orientada pela subjetividade, e como já dito, a formação cultural como corpo de símbolos e significados⁶.

No dia 12 de janeiro de 2016 foi realizado o que pode ser entendido como um primeiro encontro de Orientação com a professora Isa Trigo⁷. Nesse encontro, indicadores de análise foram levantados. A ida ao campo, que seria realizada no dia 14 de janeiro, no âmbito de realização da Lavagem do Bonfim, teria como objetivo mapear os diversos grupos – sociais, artísticos, culturais, religiosos e políticos – que participassem do festejo, analisando as diferentes relações que estes estabelecessem com o espaço público, e com os demais presentes. A descrição e o registro das performances e trajetórias seriam uma atividade necessária a ser executada por mim nessa ida a campo. Eu me proporia, por fim, a identificar e dimensionar o grau de acessibilidade e oferta de infraestrutura e serviços urbanos da Lavagem do Bonfim, adotando, evidentemente o percurso realizado por mim.

Os indicadores que foram levantados estão melhor detalhados e listados a seguir:

⁶ Conceitos aprofundados no Capítulo 2 desta monografia, que trata das discussões teórico-metodológicas.

⁷ Naquela oportunidade, a Prof.^a Dr.^a Isa Trigo ainda não era a Orientadora deste trabalho, porém havia em mim o evidente interesse de construir a pesquisa com sua orientação.

- Quanto aos acontecimentos do início da experiência de campo, registrar e analisar: a saída do Cortejo; os pontos de acesso de chegada dos participantes;

- Quanto aos grupos participantes, considerar: os representantes católicos, as Baianas da Lavagem, os adeptos do candomblé, os grupos culturais e artísticos, os grupos políticos partidários e de movimentos institucionalizados, os trabalhadores informais e os populares;

- Quanto à apropriação do espaço público a partir da movimentação e da performance dos participantes, considerar: o ritmo da caminhada, o dançar/sambar, o descansar, a dificuldade de locomoção pelo aperto em pontos do percurso, a emoção da chegada;

- Quanto aos pontos de dispersão, considerar: as ruas de acesso, o fluxo do transporte coletivo, o fluxo dos veículos privados.

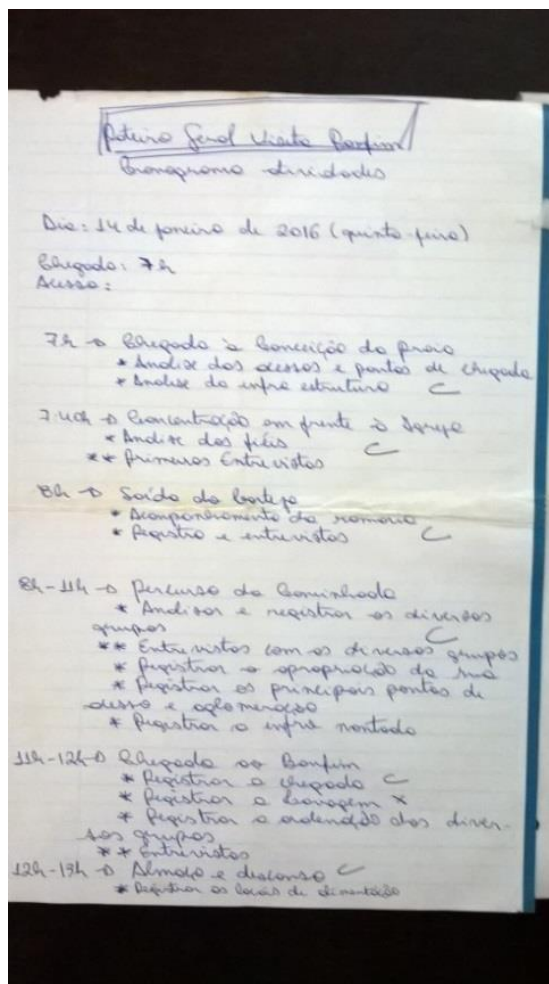
Outro critério para a observação em campo, além dos já assinalados, seria ficar atento àquilo que mais me chamasse a atenção. Meus olhos se voltariam, inevitavelmente, para as situações “espetaculares”, os gestos, os visuais, os movimentos que não se inscrevem normalmente no cotidiano.

Informações relacionadas à organização do evento, como a infraestrutura prevista e o cronograma de atividades oficiais, foram coletadas em noticiários televisivos e jornais (impressos e on line). Além disso, realizei uma pesquisa em vídeos e textos que tinham uma abordagem histórica para contextualizar a Lavagem do Bonfim.

Desde o encontro com a futura Orientadora que a expectativa tomava conta e me deixava reflexivo. A minha morosidade, característica em momentos como este, se instaurou naquele dia de véspera (13 de janeiro de 2016) e trouxe consigo uma intranquilidade, um sentido de alerta, de observação, traduzidos num pensamento intenso, mas em pouca sistematização escrita para me preparar para o evento. No entanto, a noite trouxe o estalo de produtividade, pois foi a partir daquele momento que os critérios de análise, discutidos poucos dias antes em encontro com a Orientadora, foram se esboçando. Fiz o Cronograma de atividades, com o mapeamento de acessos e dos grupos foco de observação; o Roteiro de Entrevistas; e listei os pontos de análise. Os materiais expostos na

Figura 1 (na página seguinte) e no Apêndice A foram confeccionados na véspera da Lavagem serviram de base para a experiência de campo.

Figura 1 – Cronograma de Atividades da Visita de Campo à Lavagem do Bonfim



Fonte: autor (2016).

Por fim, foi lembrada a questão da roupa. Diante de tantos cuidados com a vestimenta, um critério de escolha trazia consigo o simbolismo próprio do dia. A roupa escolhida seria branca⁸.

Havia muita ansiedade de se chegar ao campo. O dia, como já se esperava, estava ensolarado, mas não só. Havia uma atmosfera própria, diferente dos dias cotidianos, característica das festas de largo baianas. Havia uma sonoridade, um

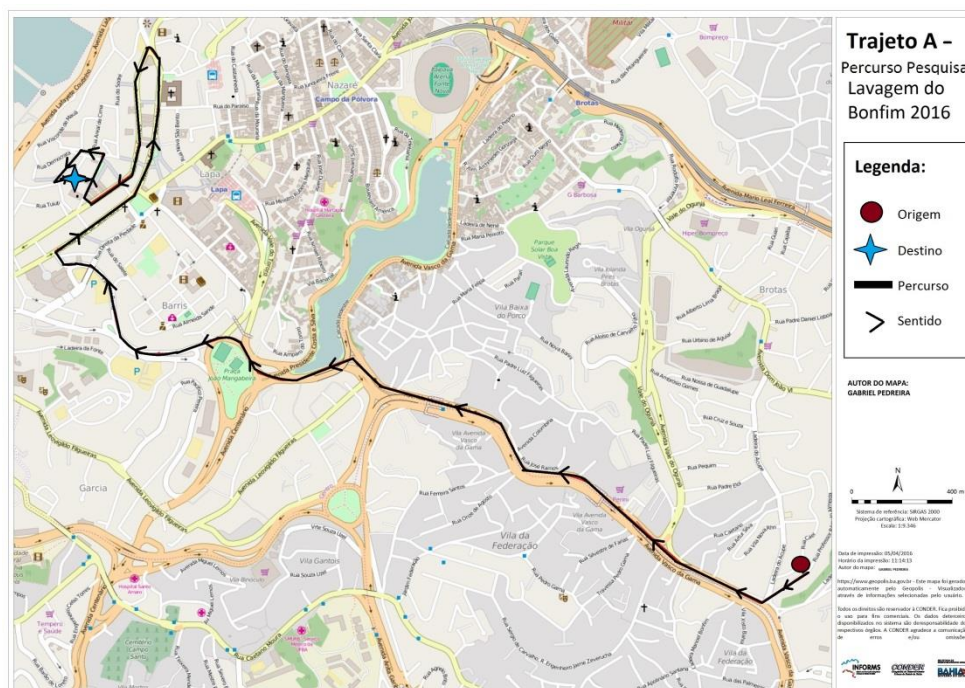
⁸ É tradição na Lavagem do Bonfim que os participantes do Cortejo se trajem com roupas brancas. De acordo com o sincretismo afro-baiano, o Senhor do Bonfim é associado ao orixá Oxalá, cuja cor branca lhe é dedicada.

clima, um estado festivo e alegre que pairava pela cidade do Salvador. Sobre essa atmosfera, Amado (1958) discorre:

[...] talvez por um milagre a mais do Senhor do Bonfim, talvez porque não seja mesmo hábito chover no verão baiano, a verdade é que a manhã desta quinta-feira é sempre esplêndida de luz [...] Há um ar de festa nas ruas comerciais e o rosto dos homens se abre em sorrisos (p. 127).

O Trajeto A (Figura 2), que reproduz o percurso realizado da residência deste pesquisador-navegante, localizada nas proximidades da Avenida Vasco da Gama, até a Ladeira do 2 de Julho, onde se acessou o Percurso Oficial da Lavagem, foi realizado em veículo particular. Essa forma de locomoção permitiu não só que eu escolhesse os caminhos do Trajeto, como também favoreceu uma observação mais atenta, já que eu podia reduzir a velocidade em algum ponto que achasse interessante de analisar com mais calma.

Figura 2 – Trajeto A: percurso realizado pelo pesquisador no sentido do local da Lavagem do Bonfim



Fonte: Autor (2016) / Base cartográfica: INFORMS/CONDER.

Neste trajeto, atento à movimentação do início do dia, percebi muitas pessoas caminhando pelas ruas vestidas de roupas brancas, grupos caminhando juntos, em blocos. Parecia que seguiam uma mesma direção, o Centro da capital baiana. Ao passar pelo Dique do Tororó, notei grande movimentação de pessoas e ônibus, mas

com tráfego fluido, apesar do horário (próximo das 7:30h). Na Avenida Carlos Gomes e na Praça Castro Alves, no Centro, muitos passantes já desciam as antigas ladeiras em direção ao Comércio, ladeiras estas pouco utilizadas no cotidiano, dada a falta de segurança que imprimem. Considera-se aqui que o passante que trajasse branco, poderia, com grande probabilidade, estar se encaminhando para o Bonfim. A estátua de Castro Alves testemunhou a chegada de grupos de vários locais da Bahia, em vans e ônibus.

Ao descer do veículo que realizou o Trajeto A, ávido por não perder qualquer registro da ocasião, retirei, apressado, da bolsa que carregava, a câmera e os roteiros de campo, estes seriam meus companheiros durante todo o dia. Um rapaz que se posicionava no pé da ladeira, depois constatei que se tratava de um “flanelinha”⁹, correu em minha direção pra tentar, em vão, identificar o veículo que transportou a mim e meu acompanhante para, então, cobrar-nos por deixa-lo estacionado em “sua região”¹⁰.

Na primeira caminhada, ainda a poucos metros do carro estacionado, descendo a Ladeira do Gabriel, também conhecida como Ladeira do 2 de Julho, em direção à Av. Lafayette Coutinho, também chamada de Av. de Contorno, percebi aquilo que poderia ser descrito como a presença inicial institucional no “evento”: veículos da SET (Superintendência de Engenharia de Tráfego de Salvador), alguns agentes de trânsito e também barreiras de circulação posicionados na encruzilhada com a Ladeira dos Aflitos (

Figura 3). De frente aos agentes, os flanelinhas organizavam o estacionar dos carros que chegavam ao local, cobrando por isso. Esta foi apenas uma pequena amostra da convivência simultânea entre o legal e o ilegal que por todo o dia seria presenciada no Bonfim¹¹.

⁹ Nome popularmente utilizado para designar o trabalhador informal que organiza o estacionar dos veículos automotores nas vias públicas.

¹⁰ Apenas a título de ilustração, pois o comércio e a movimentação dos serviços informais daria outro trabalho de TCC.

¹¹ E que é também parte do cotidiano da cidade.

Figura 3 – Imagem do acesso, pelo bairro 2 de Julho, à Avenida Contorno, início do Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim



Foto: autor (2016).

As barreiras dos órgãos institucionais de trânsito impediam o acesso de veículos automotores e indicavam que o local de início do circuito oficial da Lavagem do Bonfim. Para passar por ali, só a pé. Esta delimitação também foi utilizada por mim para demarcar o início do Trajeto B, que será descrita a seguir.

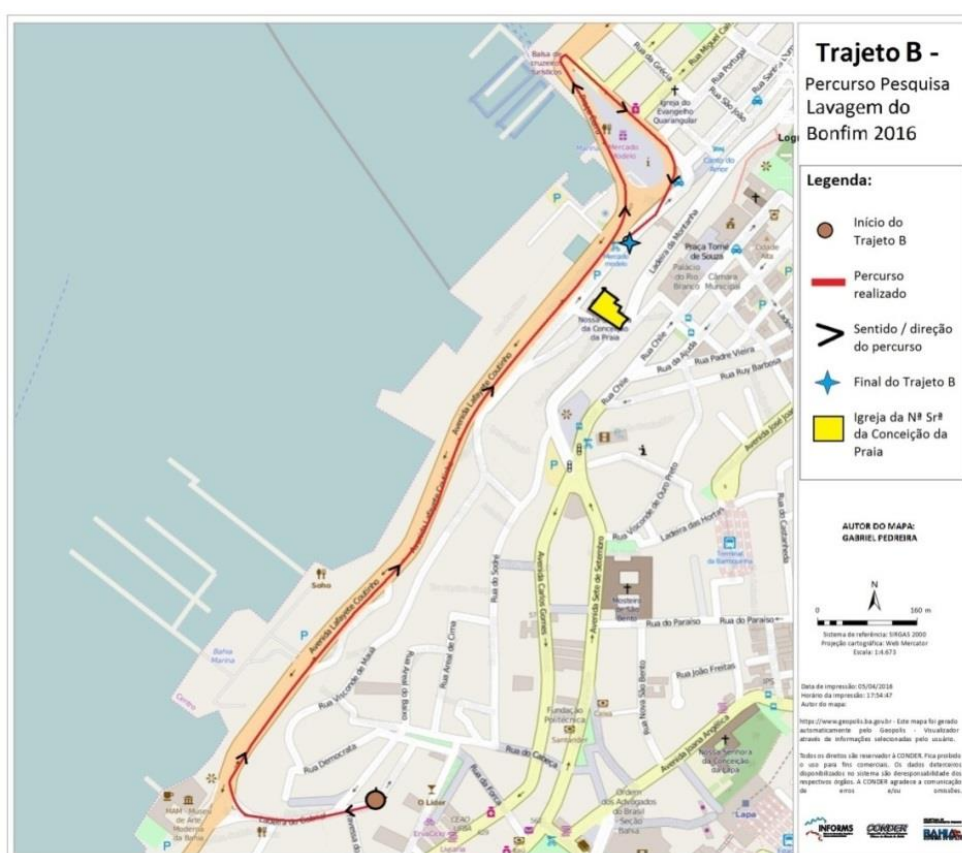
1.2 TRAJETO B

Adentrando a Avenida de Contorno, seguindo em direção à Catedral Basílica da Nossa Senhora da Conceição da Praia, iniciei o Trajeto B (Figura 4) desta pesquisa, destinado à observação do espaço de “concentração” e de início do cortejo oficial da Lavagem do Bonfim. No trajeto, caminhei pela Avenida de Contorno, passando pelo Elevador Lacerda e Praça Cairú, contornando o Mercado Modelo, passando pelo Terminal das Lanchas e retornando à frente da Igreja da Conceição, para o acompanhamento do início do Cortejo.

A impressão por mim sentida, ao adentrar p Trajeto B foi a de que, a partir daquele momento, eu estava efetivamente me lançando ao mar, ou seja, iniciando

de fato a minha pesquisa. Como um ator que adentra o palco e vê a necessidade de iniciar sua cena aos olhos da plateia à sua frente. Stanislavki, renomado diretor teatral russo afirmou certa feita que “a chegada do ator no palco é a certeza de que precisa ter a consciência da energia que o sacro espaço Dionísio emana” (STANISLAVSKI, 1984, apud ELEGIBÔ, 2009, p. 115). Aquele espaço da Lavagem do Bonfim em mim já parecia vibrar.

Figura 4 – Trajeto B, percurso realizado pelo pesquisador no local de concentração da Lavagem do Bonfim



Fonte: Autor (2016) / Base cartográfica: INFORMS/CONDER.

Pessoas com vestimentas leves desciam em direção à Conceição da Praia. Caminhavam pela calçada, dividindo o espaço com as mercadorias dos poucos vendedores ambulantes que já se posicionam por ali. Passaram carros pela via interditada, provavelmente de moradores ou organizadores do evento.

Na altura do Porto Trapiche percebi mais uma barreira de trânsito e algumas estruturas de sinalização e segurança montadas, além de certa aglomeração de

veículos. Mais a frente, posicionados à direita em uma das pistas da via, carros de som, mini trios e vans com bebidas aguardavam o momento de participar do cortejo ao Senhor do Bonfim. Um carro enfeitado com palha chamava a atenção de quem passava. Turistas, ciclistas e transeuntes circulavam pelo meio da pista, demonstrando maior segurança em estar na pista de rolamento (rua).

Figura 5 – Carros e mini trios estacionados na lateral da rua e transeuntes andam tranquilos pelo asfalto

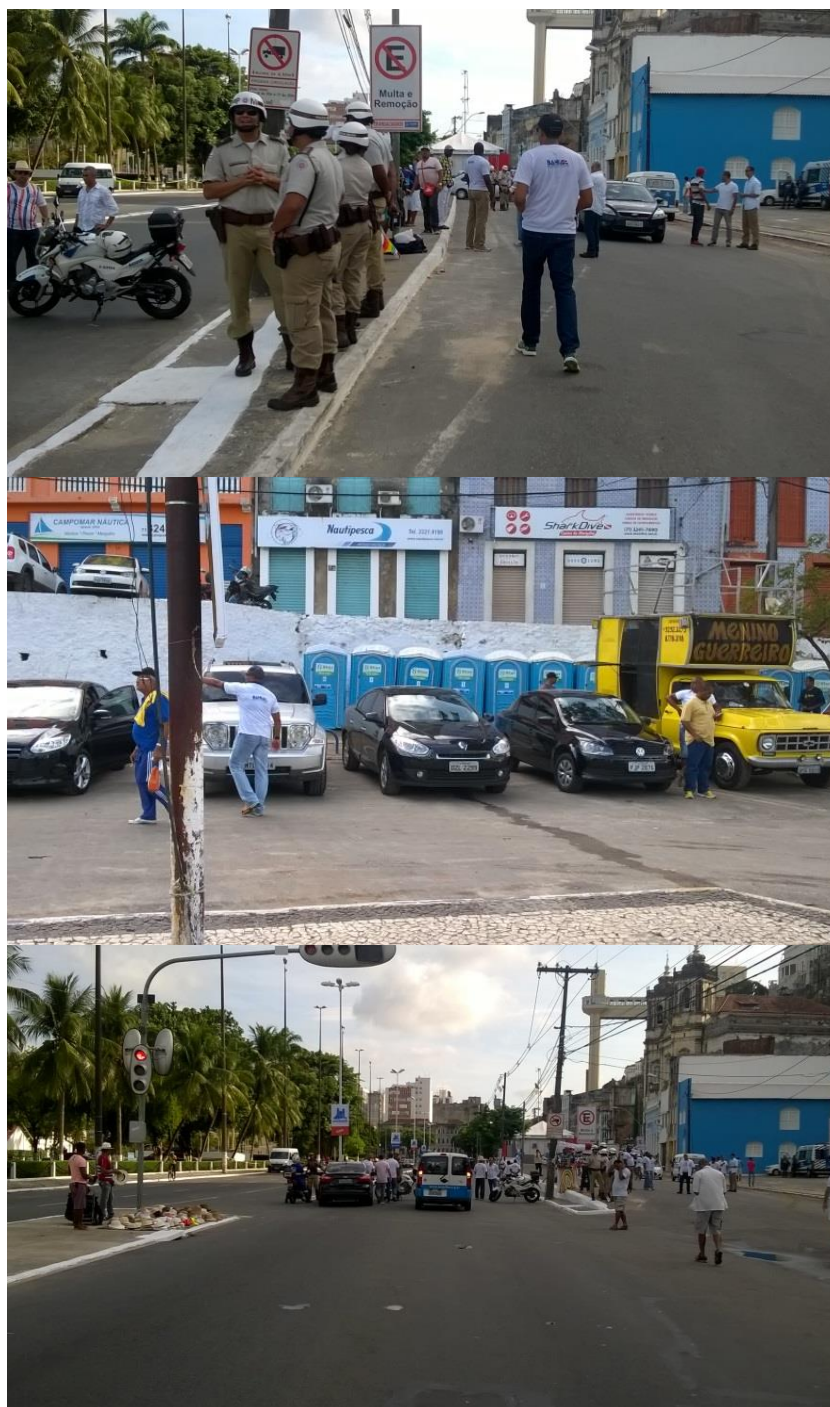


Fonte: autor (2016).

Nas imediações da Igreja da Conceição, a presença do Poder Público se evidenciava, conforme mostra a Figura 6 (página seguinte). Cordões de policiamento, banheiros públicos, carros oficiais e postos fixos de organizações policiais ocupavam parte da via, enquanto a outra parte era ocupada por outros veículos - de servidores públicos, provavelmente¹² - e por vendedores de mingau e de milho cozido.

¹² Porque eram carros credenciados.

Figura 6 – Sequência de Fotos do Trajeto B do pesquisador / Detalhe da presença institucional nas imediações da Igreja da Conceição



Fonte: autor (2016).

Havia também pessoas portando bandeiras, faixas e camisas de órgãos dos governos estadual e municipal. Apesar do grande fluxo de populares que descia pela Ladeira da Conceição, este ponto à direita da Igreja parecia estar segmentado, por conta da concentração de servidores públicos das gestões municipal e estadual,

da imprensa institucional e também de organizadores do evento, conforme nota-se na Figura 7. O grande volume de populares que descia a Ladeira da Conceição passava pelo local e se dispersava pelos demais espaços da localidade.

Figura 7 – Lateral à direita da Igreja da Conceição da Praia / Aparente divisão territorial desse espaço: concentração de servidores públicos, imprensa e organizadores do evento



Fonte: autor (2016)

Em frente à Igreja da Conceição da Praia, local de início do Cortejo e onde uma missa ecumênica ocorria, faixas do governo do Estado encobriam a visão e camuflavam as poucas Baianas que permaneciam por ali (Figura 8). Só se conseguia ver poucos jarros brancos com flores sobre as cabeças envoltas em panos brancos. A presença forte da imprensa no adro da Igreja tornava ainda mais confusa a identificação de alguma representação ou simbolismo religioso. Aos olhos de um desavisado que passasse, aquela cena parecia mais retratar um comício do que necessariamente uma missa.

Figura 8 – Sequência de fotos do Trajeto B do pesquisador: Adro da Igreja da Conceição e concentração da imprensa e faixas dos órgãos de gestão pública



Fonte: autor (2016).

Seguindo em direção ao Elevador Lacerda, ao lado esquerdo da Igreja da Conceição, me deparei com um grupo de sambadores (Figura 9) que davam um tom alegre àquele início de festejo. As pessoas que chegavam das diversas ladeiras e caminhos se aproximavam da roda formada para bater palma, cantar e sambar junto. Quando penso em estados não cotidianos, penso em que sambar, cantar e dançar no meio de uma rua que normalmente é atravessada por carros a alta velocidade é algo que muda o estado psicofísico do sujeito. Aqueles primeiros estímulos me trouxeram quase que de imediato uma lembrança musical que conseguia retratar bem a cena vislumbrada.

A Conceição da Praia está embandeirada
De tudo quanto é canto muita gente vem
De toda parte vem um baticum de samba
Batuque, capoeira e também candomblé
O sol está queimando, mas ninguém da fé
(CAYMMI, 1949)

Figura 9 – Sequência de fotos do Trajeto B do pesquisador / Grupo de sambadores



Fonte: autor (2016)

De fato, era início da manhã, mas o sol já ardia. A maior parte das pessoas chegava em grupos. E os que vinham a sós logo tratavam de se agrupar, buscando alguma semelhança em quem estava imediatamente ao seu lado. Às vezes, trocavam duas palavras, dois sorrisos e se dispersavam. Mas além de poder se sentir seguro, essa tendência sugere a necessidade de estar junto, de pertencer a um grupo e de estar em comunicação com os outros. Enfim, também de ver e de ser visto.

Um grupo de baianas um tanto afastadas da aglomeração me chamou a atenção (Figura 10). Em relação à animação dos que sambavam, elas se mantinham sem dançar, como se estivessem se resguardando de uma festividade mais intensa naquele momento. Poderíamos chamar a isso de discrição. Era, no entanto, impossível se manterem imperceptíveis, caso fosse esta a intenção, tamanha a

beleza dos seus trajes e a postura que destoava do restante dos presentes. Traziam consigo uma espécie de solenidade elegante.

Figura 10 – Pequeno grupo de Baianas se mantém afastadas da aglomeração; pareciam querer se resguardar para o Cortejo



Fonte: autor (2016)

Em meio àquele movimento festivo, notei, surpreso, a presença da imagem do Nosso Senhor do Bonfim - crucificado e ladeado por fitinhas coloridas - em cima da carroceria de um veículo credenciado (Figura 11). Deduzi que poucos notavam a sua presença naquele momento, já que nenhum alvoroço ocorria. Duvidei por um instante se se tratava mesmo da imagem original, devido ao fato de não haver praticamente ninguém olhando, ou admirando, ou tendo, com a imagem, práticas de reverência encontradas em igrejas ou mesmo em outras situações do cortejo. Também porque, na frente de uma imagem sacra, normalmente a atitude é outra. Posso especular aqui que talvez o fato da imagem estar deslocada, dentro do carro que a levaria, e não na sua posição tradicional, produziu, possivelmente, um não reconhecimento da mesma por parte do seu público. Logo em seguida considerei também que aquela imagem, inusitadamente esquecida, ao contrário da costumeira repressão cristã, podia representar um alento aos presentes, um Senhor do Bonfim tão próximo e tão íntimo que os deixavam confortáveis para expor sua natureza humana e errante, profana. Talvez seja este o modo como o baiano se relaciona com alguns santos, atravessado pelas formas de cultuar das religiões de matriz

africana, com dança, música e festa. Sobre a popularidade deste santo e a forma como é cultuado em Salvador, Jorge Amado (1958) declara que é o mais popular da cidade, estando acima de qualquer divergência política ou religiosa. Segundo o literário, o Senhor do Bonfim não é exclusivo de nenhuma religião, “talvez porque ele seja tão do povo e democrático, tão sem preceitos religiosos, virando deus negro nas seitas africanas...” (p. 126). As pessoas estavam ali para louvar o santo, se não pelos cânticos da Igreja ou do candomblé, com sambas e marchas. “Nesta quinta-feira o pecado não existe nas ruas da cidade da Bahia” (AMADO, 1958, p. 127).

E as conversas continuavam, os risos, as danças, as vendas. Tudo transcorria como devia ser, e o Senhor, de cima, observava silente enquanto aguardava o início do seu cortejo.

Figura 11 – Imagem do Senhor do Bonfim aguarda o início do Cortejo



Fonte: autor (2016).

Quanto ao que se percebeu da ocupação física do espaço, as calçadas e canteiros estavam quase todos ocupados por isopores de cerveja e por estruturas de venda de produtos diversos, como chapéus, mingaus, milho. As mesas e cadeiras brancas, forradas com toalhas rendadas brancas, estavam dispostas próximas a muitas barracas enfeitadas que se concentravam na Praça Cairu, e que preparavam grandes panelas de comida quente¹³ (Figura 12).

Figura 12– Barracas de comida montadas em frente à Praça Cairu



Fonte: autor (2016).

Na rua, as pessoas ocupavam os espaços de asfalto, dividindo-os com os numerosos carrinhos de café com caixas de sonorização. Fazer a primeira refeição do dia – ou todas do dia – parece ser uma tradição no Bonfim. E como aquilo tudo cheirava bem e por todo o lado¹⁴. Aliás, os perfumes variados dentro de um trajeto-espaço como esse definem a todo o momento, e de forma muitas vezes inconsciente, a forma de cada um se sentir, de maneira diversa do seu cotidiano.

E como já dizia o sambista Riachão (1963), “quem chega na Praça Cairu e olha pra cima, o que é que vê? Vê o Elevador Lacerda que vive a subir e a descer”. Populares desciam abundantemente pelo Elevador e pelas Ladeiras. Pouca

¹³ Chama-se na Bahia de “comida quente” os pratos preparados ao fogo que são típicos da culinária local, como feijoada, sarapatel, xinxim, caruru, vatapá, dobradinha, etc.

¹⁴ Perfumes que variam desde a fritura do dendê na preparação dos acarajés, o tempero das feijoadas, o álcool das cervejas, os mingaus, os perfumes e suores diversos dos presentes.

movimentação foi observada no Terminal das Lanchas naquele momento (Figura 13). E baixo também o movimento no Terminal da França, pois só se viam os ônibus metropolitanos e os taxis circulando.

Figura 13 – Sequência de fotos do Trajeto B do pesquisador / Pontos de acesso próximos à concentração da Conceição da Praia

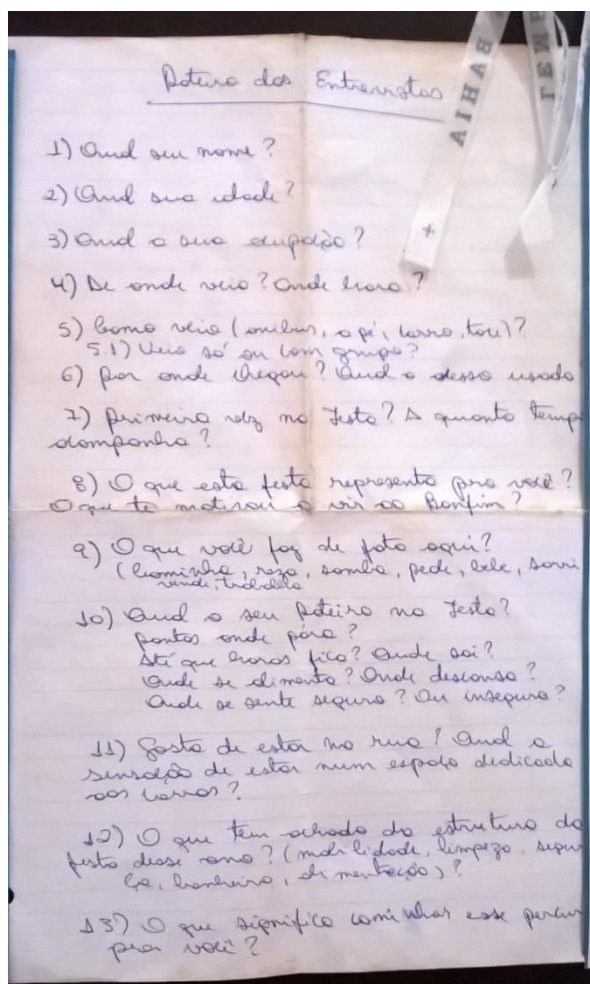


Fonte: autor (2016).

Eram quase 8:30h da manhã e nada do Cortejo iniciar. Grupos uniformizados se colocavam a postos, como quem garantindo um lugar naquele movimento que estava prestes a se iniciar. Um espaço na rua talvez não fosse tão fácil de ser conseguido, era preciso se posicionar estrategicamente.

Nesse intervalo de tempo até o início do Cortejo, realizei 3 entrevistas. As pessoas, após terem sido contatadas, concordaram em responder, e faziam isso de maneira solícita. Por mais tensão e expectativa que aquele momento favorecesse, o clima geral era pacífico. Abaixo, na Figura 14, o Roteiro de Entrevistas, detalhado no Apêndice A.

Figura 14 – Roteiro de Entrevistas utilizado para a Lavagem do Bonfim



Fonte: autor (2016)

Um dos objetivos das entrevistas era desvendar quais as motivações que as pessoas tinham para estarem ali na Lavagem do Bonfim. Outro objetivo era

questionar o que aquele momento representava para elas. Quando perguntada sobre essas questões, a vendedora ambulante Manoela Cerqueira dos Santos (Figura 15), afirmou que a Lavagem do Bonfim representava um aumento da renda para toda a cidade, já que “atrai o turista, e a gente também ganha um dinheirinho extra” (informação verbal)¹⁵.

Figura 15 – Entrevista com vendedora ambulante antes do início do Cortejo



Fonte: Fábio Monteiro (2016).

O uso do espaço público por trabalhadores informais para a venda de seus produtos é uma praxe das metrópoles contemporâneas e Salvador não escapa a esta realidade. Na Lavagem do Bonfim, a exemplo dos grandes eventos da capital baiana, este uso vem acompanhado de certa organização por parte dos setores públicos, como o cadastramento dos trabalhadores e a permissão para utilização de carrinhos de mão. Para a ambulante Manoela, o ano de 2016 foi melhor para

¹⁵ Entrevista concedida por: SANTOS, Manoela Cerqueira dos. **Entrevista I**. [jan. 2016] Entrevistador: Gabriel Pedreira de Araújo Ribeiro. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 (aprox. 3min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

trabalhar durante a festa, pois ela não precisou se preocupar com o “rapa”, ou seja, com a fiscalização que apreende produtos não licenciados.

No chão, gente, no céu, fogos. Uma alvorada anuncia o início do Cortejo. E passaram as Baianas, pouco numerosas, espremidas por entre as bandeiras de movimentos sociais e as câmeras de fotógrafos (Figura 16).

Figura 16 – Início do Cortejo / Grupo das “baianas” abre a romaria



Fonte: autor (2016).

Logo após, os chefes dos Governos Estadual e Municipal e suas imensas comitivas causaram um grande tumulto. Muita gente acompanhava, muitos fotógrafos e muitos policiais, conforme demonstra a Figura 17, a seguir. Todos ali presentes pareciam querer ver os representantes políticos que passavam, e talvez serem vistos por eles.

Figura 17 – Início do Cortejo / Chefes do Executivo e suas comitivas mobilizam grande parte dos presentes, inclusive mídia e policiamento



Fonte: autor (2016).

Acontecia ali, assim como em toda a sociedade, uma luta por espaço físico e de visibilidade; o espaço comunicacional de Habermas (2012) e o espaço político-cultural de Arendt (2007)¹⁶. Por mais pacífica que aparentasse ser (e é de fato apaziguada), a Lavagem do Bonfim não escapava à lógica do poder que se traduzia nas relações entre as classes e na relação destas com o(s) espaço(s). A presença marcante da classe política baiana e da mídia institucional (imprensa) evidenciava que existia um movimento de dominação e condução de uma massa popular presente, se utilizando da comunicação (uma propaganda) para efetiva-la e para propagar uma atmosfera de paz, como pede o Senhor do Bonfim. Para Gramsci, citado por Serpa (2011):

As classes dominantes não governam pela forma, mas pelas estratégias (nem sempre sutis) de persuasão, às vezes indireta, fazendo com que as

¹⁶ Essa discussão é retomada e aprofundada no Capítulo 2, das discussões teórico-metodológicas.

classes subordinadas aprendam a enxergar a sociedade pelo prisma dos governantes. (p. 144).

Para Habermas (1984), a cultura que é difundida pelos meios de comunicação é uma “cultura de integração”, assumindo funções de propaganda, influenciando política e economicamente, e tornando, cada vez mais, o espaço público num espaço privatizado.

Ao ver aquela multidão sendo conduzida, encabeçada pelo cortejo dos políticos, percebi que os dois níveis de poder tratados por Foucault (1979) exerciam grande influência no movimento que se iniciava: o micro poder, a política dos corpos e as disputas por espaço físico e simbólico dos diversos grupos ali presentes; e o macro poder, o poder institucional, que ditava os caminhos daquela construção coletiva e semovente de espaços.

Mesmo me questionando sobre os porquês de uma atenção maior dada ao grupo dos “políticos” em detrimento do grupo das “Baianas”, até então para mim o símbolo maior do festejo, acabei também por sendo conduzido por aquela multidão que seguia os meios de comunicação. Deixei, então, a Praça Cairu e segui a pé (com fé) sentido Colina Sagrada.

1.3 TRAJETO C

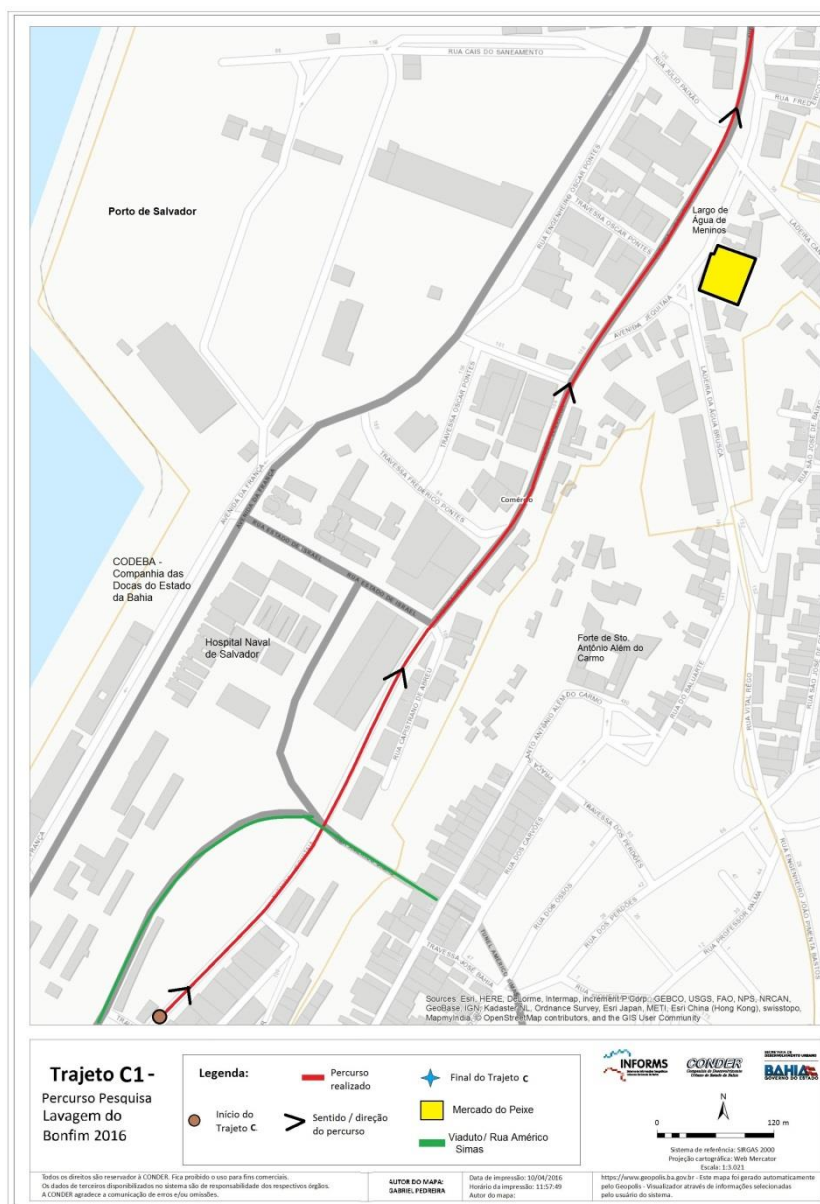
O Trajeto C do pesquisador-navegante refere-se ao trecho do Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim em que percebi uma clara mudança no ritmo da caminhada do Cortejo, esta, cada vez mais acelerada e mais festiva. Deduzi que as características físico-territoriais daquele trecho possivelmente influenciavam aquela mudança observada, favorecendo também uma mudança de estado daqueles presentes. Estados estes detalhados em cada situação, a seguir, relatada.

Saindo da Praça da Inglaterra, o cortejo passaria a não mais estar protegido do sol pelos altos prédios do Comércio. O ponteiro do relógio já se aproximava das 10h da manhã, sinal de que estávamos próximos da metade do caminho ao Bonfim. O sol forte “castigava”, e como resultado, as pessoas ingeriam cada vez mais

líquidos, água, e principalmente cerveja. A brincadeira e a algazarra pareciam que tomavam corpo (volume) naquele trecho da caminhada.

O Trajeto C1 (Figura 18) refere-se ao trecho compreendido entre o final da Praça da Inglaterra e o Largo de Água de Meninos, passando pelo Viaduto Américo Simas.

Figura 18 – Trajeto C1, percurso do Pesquisador na Lavagem do Bonfim



Fonte: Autor (2016) / Base cartográfica: INFORMS/CONDER.

Dentre as cenas que me causaram um forte impacto e que deflagraram momentos de reflexão, uma delas foi a presença de um rapaz sem camisa que se

colocava em um ponto mais alto em relação à multidão, sobre uma carroceria de um veículo. Este dançava freneticamente, como quem parecia buscar chamar a atenção dos passantes para ele (Figura 19).

Figura 19 – Rapaz sobe em veículo para se sobressair da multidão durante Cortejo do Bonfim



Fonte: autor (2016).

Era, visivelmente, um exercício de micro poder, um uso diferenciado do espaço e das ferramentas/condições disponíveis, e do próprio corpo, para o ganho de visibilidade, de atenção. A política dos corpos estava mais uma vez ali representada naquela cena de um contexto espetacular, onde aquele rapaz conseguiu se sobressair da massa caminhante. Havia uma evidente necessidade de se mostrar, de aparecer, e para isso, o personagem referido adotou postura, comportamento e apresentação estética diferenciados.

Para Sartre (2014), existe uma necessidade de todos os indivíduos de serem vistos, e que isso garante e legitima a sua própria existência social. O autor afirma que:

[...] aquele que se apreende de maneira imediata descobre também todos os outros, e os descobre como uma condição de sua própria existência. Ele se apercebe que não pode ser nada [...], ao menos que os outros o reconheçam como tal (p. 47).

Seguindo a multidão alegre que caminhava naquela quinta-feira de Bonfim, notei que nas várias ladeiras por onde passávamos desciam da Cidade Alta grande

quantidade de pessoas, em sua maioria organizadas em grupos, de amigos, famílias, bandas, fanfarras. Nas transversais de todo o percurso, barracas montadas garantiam a alimentação farta e a nutrição dos passantes e também daqueles que ficavam pelo caminho. Também nas vias transversais do percurso estavam dispostos banheiros químicos e pontos de observação policial. Havia um clima de proteção e de segurança, por mais que as ruas daquela localidade, no cotidiano, imprimissem grande insegurança na população soteropolitana. Era um contexto espetacular.

Nas imediações do Hospital Naval, uma roda de samba se formou a partir do encontro de um pequeno bloco de samba (o “Dhja8”) com uma passante que chamava a atenção de todos a sua volta por sua habilidade na arte da dança (Figura 20). A porta-bandeira do bloco, então, convidou e cortejou a bela passista, enquanto a multidão do entorno assistia encantada aquela cena.

Figura 20– Sequência de fotos do encontro de um bloco de samba e uma passista durante o Cortejo



Fonte: autor (2016).

Ao presenciar aquela roda de samba que se formava e a sensualidade natural que aquela mulher imprimia seus movimentos na dança, fui lançado às memórias de um possível primeiro contato que tive com referenciais de uma baianidade¹⁷ e de uma cultura popular. Recordei-me da primeira vez que assisti a uma roda de samba, escondido e atônito, na película “Barravento” (1962), do Glauber Rocha, ainda na primeira infância, numa TV estatal. Lembrei-me do impacto causado pelas imagens em preto e branco que traziam referências culturais (religiosas e de comportamento) tipicamente baianos e praieiros, que eram tão distantes (fisicamente e culturalmente) da criança migrante baiana que fora criada na cidade de São Paulo. Lembro que por muito tempo aquelas imagens povoaram os meus sonhos (ou melhor, meus pesadelos), o samba, a capoeira e os batuques. Interrompi o andamento do filme pelo pavor que sentia daquelas coisas dos santos negros. A estranheza causada em ver os movimentos sinuosos daquela dança também projetados por homens, algo inimaginável na cabeça de menino sulista com educação machista.

Coincidentemente, voltei a assistir ao referido longa-metragem cerca de 20 anos depois aquela experiência da infância, no dia 8 de dezembro de 2015, quando estava mais uma vez distante de Salvador na data de louvor à Nossa Senhora da Conceição da Praia. Emocionei-me ao rever a roda, a capoeira e o candomblé.

Estava eu próximo à Ladeira do Boqueirão, ao sol escaldante do dia de Lavagem, presenciando e, a partir daquele momento, participando de um samba de roda com uma passista tão leve e sensual em seus movimentos quanto a personagem Cota, interpretada pela musa Luíza Maranhão, em Barravento.

Realizo aqui uma breve pausa na descrição das ações observadas durante a Lavagem do Bonfim para um esclarecimento quanto as intenções de se rememorar uma lembrança pessoal do pesquisador neste texto. O ponto de partida desse estudo é a subjetividade, esta enquanto intersubjetividade (SARTE, 2014, p. 47-48), onde há uma busca de apreender o “eu” diante do outro, considerando que “o outro é algo tão certo para nós quanto nós mesmos”. Dessa forma, neste Relatório de

¹⁷ Entende-se por baianidade o conjunto de referências do modo de ser baiano, cujas origens remontam ao século XIX. Esta foi se desenvolvendo no plano da mídia - sobretudo da música - e da literatura, e alcançou o máximo de cultivo entre os anos 80 e 90. Baseia-se na caracterização do modo de ser baiano sobre três pilares: a religiosidade, a sensualidade e a familiaridade. Convencionalmente, a baianidade se refere a Salvador e o Recôncavo (MOURA, 2011, p. 119).

Campo, trago memórias não com um intuito terapêutico de exposição de um “eu” individual, mas localizando-me enquanto sujeito social e cultural, que trago comigo as construções de um imaginário coletivo¹⁸. Localizo-me enquanto um baiano de origem sertaneja que emigra para o sudeste do país na infância, mas que retorna à Bahia e se envolve com a cultura local. “Inscribo do meu lugar o direito de ler outros lugares”. (ELEGIBÔ, 2009, p. 115).

Retomando a caminhada, me dispersei daquela roda de samba e segui na Avenida Jequitaia em direção ao Viaduto Américo Simas, que apontava logo à frente e que concentrava grande volume de pessoas. A cada passo que dava e me aproximava do viaduto, mais a certeza de que estávamos, todos aqueles que acompanhavam a pé o cortejo, sendo observados. Essa certeza de um olhar externo me fez perceber como as pessoas alteravam o seu comportamento, mesmo que momentaneamente. Notei aquela massa ainda mais eufórica, mais cantante, e mais pujante em seu caminhar no exato momento em que passava por debaixo do viaduto e cumprimentava os observadores que se colocavam sobre aquela estrutura viária urbana, como num camarote de carnaval (Figura 21).

Figura 21– Passagem do cortejo por debaixo do Viaduto Américo Simas



Fonte: autor (2016).

¹⁸ Entendido como um conjunto de símbolos, conceitos, memória e imaginação de um grupo de indivíduos pertencentes a uma comunidade específica (DURAND, 1997). Este conceito, bem como sua contextualização dentro das Teorias de Imaginário serão aprofundadas no Capítulo 2 desta monografia.

Nesse trecho, pela primeira vez em todo o percurso, tive uma sensação de insegurança pela impressão da iminência de conflitos mais corporais por espaço. Talvez para se proteger do sol forte, talvez pela busca de maior duração da visibilidade que o local trazia, me parecia que todos queriam, de alguma forma, permanecer algum tempo sob o viaduto. O efeito conjunto de sol forte e da bebida alcoólica ingerida por muitos ali presentes parecia potencializar as tensões por espaço. Sobre esse trecho do percurso da Lavagem do Bonfim, a professora Maíra Sphanguero, que integrava o bloco de samba Dhja8, expõe sua experiência, relacionando com a política dos corpos vivenciada na cidade de Salvador:

[...] teve um ponto especial que eu achei que... tem um viaduto, né, que a gente passa uma hora em baixo? A gente tava bem no meio do viaduto e veio o grupo do ACM, e que era muita gente. Às vezes, vinha com o carro de som super alto, a gente para de tocar porque não vai dar pra ouvir, e aí quando a gente viu que era o ACM, a gente falou: “não, nós não vamos tocar enquanto esse pessoal passa”. E a gente parou e a gente parou. O que que aconteceu? Eles vinham, eles tinham que se dividir. Então isso do movimento dos corpos eu achei muito significativo. A resistência que isso significou porque eles eram muitos, com carro de som, se sentindo porque eles estão no Poder e tal. E de repente, eles tinham que desviar, eles não podiam seguir. A gente ficou parado embaixo do viaduto e eles passaram assim [movimento com os braços indicando divisão]. Então eu fiquei imaginando esse movimento de cima, de micro resistência e aquela multidão, o quanto a gente atrapalhou também um pouquinho eles, de alguma forma. [...] Então eu achei bem significativo assim desses corpos ali. E o tempo todo isso, toda hora tinha um bloco que vinha mais violento, violento assim, não violento de violência, mas às vezes tem muito menino, e o mestre tem muita testosterona... E assim, tem hora que, como a gente é um bloco pequeno, e o bloco não tava completo, tava menor ainda, tinham bandas que passavam, grupos diversos, que a sensação que eu tinha é que ia atropelar, que vinham com uma violência, uma força, uma velocidade, que eu senti que o grupo: “não, vamo pará, vamo sair do caminho”. A gente... Eu sinto mesmo a política de corpos assim, que independente de qualquer razão, partido político, mas assim... política mesmo: “tenho a minha fanfarra, e eu sou agressivo, eu vou passar e sai da frente”. Ali poderia, se pega outro... podia dar algum conflito: “como assim? A gente ta passando aqui e você vem do nada, né?!”. E tem uma coisa do próprio baiano, eu acho, generalista no meu entender, que assim é normal isso acontecer. Pra mim, é um horror, né? Meu Deus, como eu sofri! E você não vai esperar desculpa do outro, o outro não vai dar desculpa, então é como se fosse já um código dos corpos aqui. As pessoas não se incomodam tanto com esses pequenos conflitos porque eu acho que em outro lugar isso incomodaria bem mais. É uma corporalidade, não é mais uma questão de não ter espaço. É uma cidade que você não passa impune. (informação verbal)¹⁹.

¹⁹ FERREIRA, Maíra Sphanguero. **Entrevista II**. [jan. 2016]. Entrevistador: Gabriel Pedreira de Araújo Ribeiro. Salvador, 2016. 1. arquivo .mp3 (aprox. 36min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

As características comportamentais levantadas pela entrevistada me fizeram, mais uma vez, pensar sobre como as relações entre os grupos sociais e as relações que essas estabelecem com o(s) espaço(s) são condicionantes, ou mesmo dependentes dos aspectos culturais. Para Arendt, conforme citado por Serpa (2011), cultura e política são fenômenos próprios da esfera pública. E a “cultura indica que arte e política, não obstante seus conflitos e tensões, se inter-relacionam e até são dependentes” (p. 140). O ser baiano em Salvador talvez exija que se tenha uma consciência de espaço e uma postura corporal que não necessariamente passe por códigos cordiais e de distanciamento físico observados em outras localidades. As pessoas caminham muito próximas umas das outras, mesmo quando existe espaço. E não raramente, ocorrem choques de corpos, mas isso não necessariamente gera maiores conflitos, ou mesmo a necessidade de pedidos de desculpas. Há uma “cultura” de tensões dos corpos, um acordo tácito entre os habitantes, que é próprio de Salvador, talvez mais um aspecto da baianidade.

Seguindo com o Cortejo, na altura do antigo Moinho da Bahia S.A (que queimou no passado e queimava novamente com aquele sol), me deparei com um grupo de pessoas vestidas e brincando de burrinha (Figura 22). Aquela cena instaurou uma atmosfera extremamente alegre, era o sertão mostrando que também participava da Lavagem do Bonfim. Salvador também era Nordeste, afinal. A construção de um imaginário de Bahia afrodescendente, não deixando de reconhecer a forte influência ocasionada pelo processo histórico de ocupação desse território, tende a afastar, em alguns momentos, a percepção das influências sertanejas na construção física e simbólica da cidade do Salvador. A presença honrosa dos vaqueiros no desfile da Independência da Bahia, no 2 de Julho, nos remete à importância do sertão para a construção da Bahia. Em meio à brincadeira, um integrante do grupo da burrinha entoava “eta cabra da peste, Pelourinho Olodum somos do Nordeste”, uma canção de José Olisson e Domingo Sérgio, “Revolta Olodum”, que reconhece, por parte dos afro-baianos, que somos também todos do Nordeste.

Figura 22– Grupo folclórico de "burrinha" desfilando na Lavagem do Bonfim



Fonte: autor (2016)

Essas imagens e referências me atravessaram, e me fizeram lembrar de minha origem sertaneja e das inúmeras férias escolares passadas no sertão sisaleiro baiano. Aquele parecia um outro mundo aos olhos de uma criança que ainda trazia aspectos da vida sudestina e cosmopolita. O sertão era seco e pueril, lambido de cor âmbar durante o dia, mas extremamente estrelado a noite. Até a forma de louvar os santos era diferente, sofrido, arrastado, como cobras pelo chão, segundo a canção de Gil (1967). Lembrei das várias procissões presenciadas, ao ver minhas tias-avós entoando pedidos de chuva à São José em ladainhas de cortar o peito, como o chão seco cortado, rachado de meses sem água, e os rostos das senhoras castigados pelo sol:

Meu divino São José
 Aqui estou a vossos pés
 Dai-nos chuva com abundância
 Meu Jesus de Nazaré!
 (Domínio Público)

Com os olhos marejados das lembranças, retorno à caminhada, ou melhor, ao Cortejo do Bonfim, este barulhento, alegre, festivo, como um Riobaldo, rememorando tudo o que viveu em sua passagem pelo sertão. Mas nesse caso, o sertão era o próprio Bonfim, afinal o “sertão é dentro da gente” (ROSA, 1979).

O sol castigava, mas a animação era notória. A cada passo dado, era um grupo cultural diferente que se mostrava e animava a multidão que já dava indícios

de certo cansaço e fome. Já se percebia uma certa impaciência. Era o momento de parar para dar uma descansada à primeira sombra que surgisse.

Lavagem do Bonfim, quinta-feira
Sai da Conceição da Praia, a primeira
Talagada de batida na Praça Cayrú
Olha a vertigem, Virgem Maria!
Te segura, criatura, que o dia
Inda tá menino moço, o almoço inda tacru
Timbau, pandeiro, som de guitarra
Tanta roupa branca, tanta algazarra
Zona de folia, de fé, de devoção
Foto de lambe-lambe alegria
Vai passar pelo Moinho da Bahia
Mais de trinta graus de calor, amor e emoção
(GIL, 1993)

Ao chegar ao Largo de Água de Meninos, em frente ao Mercado Popular, também conhecido como mercado do peixe, percebi que muitas das pessoas que acompanhavam o Cortejo junto comigo pararam para descansar à sombra do viaduto e das árvores dos canteiros. Decidi parar também para comer e beber algo antes de seguir com a caminhada. Notei um volume grande de pessoas descendo a Ladeira da Água Brusca, que liga o bairro do Barbalho à Cidade Baixa. Nesse local, avistei um grupo de capoeira que acabara de se reunir e aguardava o momento de adentrar o cortejo (Figura 23).

Figura 23 – Grupo de Capoeira reunido no Largo de Água de Meninos antes de adentrar o Cortejo



Fonte: autor (2016).

Aproveitei para entrevistar alguns representantes de grupos que estavam ali reunidos. Quando perguntados sobre o significado da Lavagem, parte dos entrevistados deixou clara a importância daquele evento enquanto espaço de visibilidade e de representatividade para si e para os seus respectivos grupos. É sabida a relevância política e cultural da Lavagem. Abaixo alguns depoimentos nesse sentido:

Isso, além de ser uma festa religiosa, dá a oportunidade da gente também poder apresentar o nosso trabalho, né? A religião, a Igreja Católica, com a capoeira eles conseguem também fazer esse trabalho unificado. A gente consegue mostrar pra a nossa comunidade, pra todo mundo que capoeira não é só luta, tal. Também tem a nossa crença, que faz parte dessa festa. (informação verbal).²⁰

Pra mim, é um momento de fé e dedicação ao Nosso Senhor do Bonfim. É um prazer imenso da cidade trazer um pouco da nossa cultura ao povo da cidade de Salvador. (informação verbal).²¹

Eu acho que o que trouxe todo mundo aqui foi a fé, em especial. E é um espaço histórico em Salvador que é importante a presença do MST aqui também. (informação verbal).²²

Depois de um breve descanso, segui com parte dos grupos, na Avenida Jequitaia rumo ao Bonfim, passando ligeiramente pelo trecho de São Joaquim (Trajeto C2, conforme Figura 24), e certo de que a próxima parada seria somente no alto da Colina Sagrada, em frente à Igreja do Bonfim.

²⁰ FERREIRA, Taise. **Entrevista III**. [jan. 2016]. Entrevistador: Gabriel Pedreira de Araújo Ribeiro. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 (3 min. 25 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

²¹ CERQUEIRA, Suzana Ferreira. **Entrevista IV**. [jan. 2016]. Entrevistador: Gabriel Pedreira de Araújo Ribeiro. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 (2 min. 27 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia.

²² OLIVEIRA, Carla. **Entrevista V**. [jan. 2016]. Entrevistador: Gabriel Pedreira de Araújo Ribeiro. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 (5 min. 12 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia.

Figura 24 – Trajeto C2, percurso do Pesquisador na Lavagem do Bonfim



Fonte: Autor (2016) / Base cartográfica: INFORMS/CONDER.

Seguindo a Avenida Jequitiaia, passando pela Feira de São Joaquim, notei que havia uma dispersão da multidão que até então acompanhava em massa o cortejo (Figura 25). Pelo que pude notar, alguns participantes permaneceram pelas imediações do Largo de Água de Meninos, outros pareciam apressar-se para passar rápido por aquele trecho do percurso, ainda mais quente e sem nenhuma proteção solar. Até o som das bandinhas e fanfarras pareceu ensurdecer nesse trecho. Tive a impressão que aquele era um espaço intermediário, uma passagem necessária para o povoado e festivo Largo da Calçada que se aproximava.

Figura 25 – Cortejo passando apressado por São Joaquim



Fonte: autor (2016)

Ao me aproximar da Praça São Joaquim, em meio aos passos apertados²³ da maioria que seguia o percurso do Cortejo, notei uma figura que destoava do ritmo executado e que me chamou a atenção pela sua reduzida velocidade na caminhada. Era uma senhora de muletas que aparentemente realizava o percurso do Bonfim por fé e/ou penitência (Figura 26). Ao ver aquela cena, impossível foi não lembrar-me do filme “O pagador de promessas”, (DUARTE, 1962), no qual o personagem principal da trama, Zé do Burro²⁴, carrega por mais de 7 léguas uma cruz de madeira nas costas como pagamento de uma promessa.

²³ Rápidos, aligeirados, como se diz na Bahia.

²⁴ A saber, Zé do Burro, por não dispor de uma Igreja em sua localidade de origem, recorre a um terreiro de Candomblé para realizar sua promessa em troca da salvação do seu burro Nicolau. Acaba pactuando com Yansã, Orixá yorubano que, no sincretismo, representa Santa Bárbara. Ao chegar às portas da Igreja de Santa Bárbara, em Salvador, Zé do Burro é barrado e impedido de completar sua promessa pelo pároco responsável.

Figura 26 – Mulher realiza percurso de muletas com certa dificuldade



Fonte: autor (2016).

A associação da cena presenciada no Cortejo com o enredo do filme, por ambos remeterem a movimentação (física e simbólica) como possível forma de devoção e de demonstração da fé, me fez refletir sobre como talvez aquele espaço da Lavagem do Bonfim também se constitui enquanto sagrado, enquanto espaço itinerante de culto. Inúmeras são as concepções religiosas que representam/simbolizam na movimentação dos corpos dos fiéis a busca pelo sagrado²⁵. A movimentação, nesse sentido, propõe um deslocamento físico para/entre locais de culto, estes fixos e físicos (como igrejas, centros, templos, totens, ou mesmo cidades), definindo o caminho trilhado como um local de passagem. Na Lavagem do Bonfim, percebe-se também um deslocamento do ponto de vista simbólico do local de culto, a própria rua torna-se um espaço de ligação com o sagrado. Estar na rua naquele contexto por si só já representa a própria fé. Muitos dos presentes ali não realizam todo o percurso oficial do Cortejo, sequer chegam até a Igreja do Bonfim, porém, mesmo assim se sentem conectados e abençoados pelo santo patrono do festejo. A estudante Ivana Ribeiro Araújo da Cruz, frequentadora do Bonfim a mais de 30 anos, por mais que afirmasse que realizaria apenas um curto trecho do percurso oficial da Lavagem, entre os bairros de Roma e Comércio,

²⁵ As romarias, as procissões e os caminhos católicos, como o de Santiago e de Bom Jesus da Lapa, apoiam-se neste entendimento.

declarou que sua motivação principal para estar no Cortejo era a fé. Segundo ela, “é aonde o povo se une e a religião se encontra”. (informação verbal)²⁶

A assistente social Marli Moraes Rodrigues, que participa do Cortejo a pelo menos 40 anos, afirma que chegando ou não à Igreja do Bonfim, a motivação maior de se estar ali na Lavagem é sempre a fé:

A questão espiritual hoje, eu acho que nesse planeta, tá cada vez mais indo pro lado da força da fé, de ser movido por uma fé maior. Eu acho que é isso que nos move, nos traz pra aqui, pra chegar até lá, ou não. Ou até chegar até um determinado local onde sua limitação diz: “para”, você para. Eu já fui várias vezes, hoje eu não sei se vou chegar até lá, mas minha pretensão é ficar por aqui. (informação verbal)²⁷

Segui minha caminhada, com a expectativa de encontrar mais a frente outras situações que pudessem me fazer refletir sobre os espaços que são construídos ao longo da passagem deste Cortejo.

1.4 TRAJETO D

O Trajeto D do pesquisador-navegante, abaixo representado pela Figura 27, refere-se ao trecho final do percurso oficial da Lavagem do Bonfim. Corresponde espacialmente à caminhada pela Avenida Bonfim, iniciada nas imediações da Praça dos Dendezeiros, subsequente subida da Colina Sagrada pela Ladeira do Bonfim, e a enfim chegada à Praça Senhor do Bonfim, onde está localizada a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim.

²⁶ CRUZ, Ivana Ribeiro A. da. **Entrevista VI**. [jan. 2016]. Entrevistador: Gabriel Pedreira de Araújo Ribeiro. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 (3 min. 07 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice G desta monografia.

²⁷ RODRIGUES, Marli Moraes. **Entrevista VII**. [jan. 2016]. Entrevistador: Gabriel Pedreira de Araújo Ribeiro. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 (4 min. 47 seg.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta monografia.

ponto o referido momento como o marco final do relato da experiência deste pesquisador²⁹.

No Trajeto D, a proximidade e a posição frontal da Igreja em relação à Avenida Bonfim favoreciam àqueles que ainda se colocavam a caminhar com o Cortejo uma visão tão bonita quanto estimulante. Logo mais à frente, a poucos metros, estava a igreja construída no ano de 1754³⁰ que demarcava o fim da longa caminhada. (Figura 28).

Figura 28 - Igreja do Bonfim vista dos Dendezeiros



Fonte: Fábio Monteiro.

A aproximação da completude do percurso gerava em mim, e em alguns outros presentes – pelo que pude notar –, expectativa e impaciência, sensações

²⁹ Possivelmente, esta experiência de campo se desdobrará na produção de outros materiais científicos, sendo que as observações feitas por mim nos momentos posteriores ao marco final aqui adotado serão referidos e analisados nessas oportunidades.

³⁰ O capitão-de-mar-e-guerra da marinha portuguesa Teodósio Rodrigues de Faria instituiu a Irmandade do culto ao Senhor do Bonfim no Brasil e iniciou a construção da Igreja em 1740, na Península de Itapagipe, inaugurando-a com grande festa em 1754 (BONFIM, 2000).

traduzidas corporalmente pela impressão de velocidade mais acentuada na caminhada e redução de sorrisos ou da participação em danças e brincadeiras que aconteciam ao longo do trajeto. Aparentemente, queria-se chegar logo ao Bonfim.

Ao mesmo tempo, a configuração eminentemente residencial da localidade onde está situado o Trajeto D favorecia, àqueles que não tinham pressa ao chegar ao Bonfim, um ambiente tranquilo e agradável, com muita oferta de sombra das árvores, policiamento e abastecimento de líquidos e alimentos. Havia muitas pessoas que estavam posicionadas nas calçadas, famílias em frente às casas, com os portões abertos ou mesas dispostas nas varandas.

A poucos metros do início da Ladeira do Bonfim, na esquina com a Avenida Salvador, notei um grupo de pessoas dançando o ritmo “arrocha” com os corpos bem próximos uns dos outros, e imprimindo certa euforia e sensualidade na performance que executavam para uma plateia numerosa e barulhenta que se concentrava para assisti-los. Aquele movimento nitidamente os destacava da multidão, estavam em evidência, em cena, e isso os estimulou a uma mudança perceptível de estado psicofísico. Em dado momento, talvez potencializado pelo consumo de álcool, o estado alterado de consciência e de corpo fez com que alguns dos que dançavam fechassem os olhos e permanecem concentrados em sua dança, como que tomados por um transe. Deduzi que a presença daquela plateia estimulava a performance dos dançarinos, esta cada vez mais espetacularizada. Cito aqui Trigo (2012), relacionando a interação dos indivíduos da cena descrita acima com a interação do ator com sua plateia:

Os estímulos, percebidos como flashes, pungências ou imagens – vicejam no seu corpo, em movimentos e sensações que ele oferta à sua plateia, que, por sua vez, com seu olhar e atenção, o alimenta a produzir e a construir mais e mais o arcabouço desse edifício imaginário que se chama personagem. (p. 174).

Imediatamente me lembrei de uma cena de um espetáculo de dança contemporânea que havia assistido poucos dias antes, o “Looping Overdub Bahia” (ASSIS, 2015). Nesse espetáculo, as ações dos artistas trazem referências diretas de um imaginário construído em torno das festas de largo de Salvador, com sua profusão de sons, isopores de cerveja e danças sensuais coletivas. Os movimentos de tensão e de distensão da cultura se potencializam nas festas de largo de

Salvador. Na Figura 29 é observada a semelhança entre os movimentos realizados na Lavagem do Bonfim e no referido espetáculo.

A micro política dos corpos, mais uma vez, se exercia e constituía um espaço de poder através da dança e das tensões motivadas a partir dela. Não a toa, em um espaço físico tomado por uma multidão que se espremia, uma roda espaçosa se abriu em torno daqueles que performatizavam.

Figura 29 – Micro política dos corpos nas festas de largo de Salvador: imagem de cima registrada durante a Lavagem do Bonfim, e foto de baixo no espetáculo Looping Overdub Bahia



Fonte: autor (2016) / Patrícia Almeida (2015).

Seguindo na Avenida Bonfim, ao pé da Colina Sagrada, notei grande quantidade de barracas montadas sobre os canteiros e calçadas para a venda de comidas e bebidas. As mesas e cadeiras já estavam sendo disputadas naquele

momento, principalmente àquelas posicionadas debaixo das sombras das árvores, afinal já passava do meio dia, o sol estava a pino, e o Cortejo havia atrasado a chegada ao Bonfim (Figura 30). Assim como naquele ponto, por todo o percurso trilhado visualizei estruturas de alimentação, porém foi nos arredores da Igreja do Bonfim que estas se mostraram numerosas e diversas em seus produtos. Baianas de acarajé vendiam seus tradicionais quitutes, almoços eram servidos nos bares e também nas casas dos moradores da localidade. Havia um clima de almoço tamanho que parecia disputar a atenção dos presentes com o momento ápice da chegada do Cortejo.

Figura 30 - Enquanto o Cortejo não chegava, as barracas montadas no entorno da Igreja vendiam bebidas e alimentos variados



Fonte: autor (2016).

Temos uma Igreja que hoje festeja
O dia do Bonfim
E perguntei onde era, e fomos lá
Ver ioiô e iaiá, sambando, ai, pra mim
E nessa terra de baianas e bons moços,
Mil virtudes encontrei por lá
Tive convite pra bons almoços
Comi efó, também comi vatapá,
Acarajé, xinxim apimentado
(PEREIRA, 1942)

A subida da Ladeira do Bonfim, principal acesso à praça onde o percurso oficial é encerrado e onde ocorrem os atos litúrgicos da chegada do Cortejo, talvez tenha sido o trecho mais difícil de ser realizado, por ser o único, em todo o percurso,

que apresenta uma inclinação ascendente de nível topográfico, uma subida. A dificuldade da subida, aliada ao cansaço da longa caminhada, favorecia uma redução da velocidade dos passos. Talvez por esses aspectos, este trecho foi, possivelmente, aquele que apresentou uma maior aglomeração de pessoas, conforme expõe a Figura 31.

Figura 31 – Ladeira do Bonfim, grande concentração de pessoas na subida do Cortejo sentido Igreja do Senhor do Bonfim



Fonte: autor (2016).

Ao chegar à Praça do Bonfim, notei que havia naquele espaço uma grande diversidade de manifestações culturais e religiosas típicas da cultura afro-baiana. A cultura baiana estava ali representada, naquele micro ambiente. Dentre outras cenas, avistei grupos culturais que se representavam alegremente (Figura 32); e também religiosos que realizavam trabalhos espirituais, como limpezas com folhas e rezas naqueles que passavam e se interessavam (Figura 33). Variados aspectos da baianidade estavam sendo praticados naquele contexto.

Figura 32 – Grupo folclórico de samba de roda na Praça do Bonfim festejando a chegada



Fonte: autor (2016).

Figura 33 – Religioso "benze" fiel na Praça do Bonfim ao final do Cortejo



Fonte: autor (2016).

Nesse intervalo de tempo em que eu atravessava a Praça do Senhor do Bonfim, o cortejo enfim chegava ao seu destino final. Foi a partir daquele momento que os olhos e as atenções se voltaram para a fachada da Igreja (Figura 34), pois em instantes se iniciaria o ato-simbolismo ápice do dia, o momento mais aguardado e que dá nome àquele contexto, a lavagem das escadarias da Igreja pelas Baianas.

Pierre Verger (1999), em seu texto “Notícias da Bahia de 1850” relata que uma das versões de início desse ritual de lavagem da igreja foi:

[...] Alguém havia feito o voto de lavar o solo da igreja para agradecer o Senhor do Bonfim uma graça recebida e cumpriu a promessa vários anos seguidos, acompanhado por numerosos assistentes. Esse costume se generalizou. Na quinta-feira que precede o domingo do Senhor do Bonfim, a lavagem do chão da igreja torna-se uma manifestação de piedade cumprida por uma multidão. (p. 79)

Figura 34 – Fachada da Igreja do Bonfim durante ato da lavagem do adro pelas "Baianas"



Fonte: Fábio Monteiro (2016).

Tal foi a minha frustração – e a de muitos ali presentes, que também aguardavam ansiosos por aquele momento –, por não conseguir visualizar, tampouco registrar, a lavagem empregada pelas Baianas, que acabei desistindo de tentar me aproximar mais da Igreja, e passei a olhar o movimento de longe. O acesso para o interior do adro da Igreja só fora permitido aos chefes do Executivo estadual e municipal e seus assessores, além das mídias institucionais que os seguiram durante todo o percurso do Cortejo. Com isso, havia uma quantidade considerável de pessoas que se espremiavam pelo gradil da Igreja para tentar ver qualquer movimento, por entre as fitinhas coloridas que costumeiramente ali são amarradas pelos fiéis.

Sobre o pouco espaço (simbólico e de mídia) dado às Baianas nesta edição da Lavagem do Bonfim, em detrimento à atenção destinada aos grupos políticos (considerando o ano eleitoral), o antropólogo Fábio Lima publicou em sua página/perfil web pessoal em uma rede social, ainda no dia da Lavagem, o seguinte desabafo:

Alguém viu essa imagem hoje na festa do Bonfim? É impressionante e lamentável como os políticos e partidos políticos de esquerda e direita acabaram essa tradição de fé, cultura e resistência. O que se viu foi um grupo isolado de baianas, ao lado de determinado grupo partidário, que realizavam as suas lavagens. Conseguiram, enfim acabar com a Bahia. Valei-me meu Senhor Bom Jesus do Bonfim! Traga a Bahia de volta e não sou saudosista, mas preso por Tradição e História³¹.

A imagem que o antropólogo se referiu em seu depoimento seguramente pode ser associada à ilustração abaixo representada na Figura 35, de autoria do artista plástico Carybé, presente na obra de Odorico Tavares (1961). Nela, as Baianas realizam o ato da lavagem do adro da Igreja com vassouras enfeitadas e água de cheiro, momento este que traz consigo o simbolismo da purificação.

Figura 35 – Ilustração de Carybé que retrata o momento da Lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim pelas Baianas.



Fonte: TAVARES (1961).

³¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205035422940290&set=a.1478365194142.2055572.1084124602&type=3&theater>>. Acesso em 15 jan. 2016.

O simbolismo e o aspecto visual do ato das Baianas, considerando que estas personagens tem historicamente estreita ligação com as tradições dos cultos de matriz africana, me remetem à cerimônia das “Águas de Oxalá”, estas realizadas anualmente nos terreiros mais tradicionais da Bahia. Estes atos, realizados em datas específicas, foram por mim acompanhados nos últimos anos no Ilê Axé Opô Afonjá, e também no Ilê Axé Opô Aganju, ambos espaços religiosos os quais mantenho ligação religiosa. Durante os rituais, os filhos de santo levam, em Cortejo, as quartinhas brancas com água e flores para os assentamentos³² do orixá Oxalá, simbolizando a purificação da comunidade. Assim como na Lavagem do Bonfim, esse Cortejo acontece numa quinta-feira, para que na sexta, dia do branco³³ na Bahia, tudo esteja limpo e purificado.

Quanto à Baiana da Lavagem (Figura 36), por menos espaço (midiático) que esta aparentou receber durante a realização da Lavagem do Bonfim do ano de 2016, ela ainda se constitui enquanto o mais representativo ícone desse festejo.

Figura 36 – Baiana com olhar provocador às portas da Igreja do Senhor do Bonfim



Fonte: autor (2016).

³² Espécie de altares, as representações simbólicas e icônicas dos Orixás.

³³ É tradição na Bahia se usar roupas brancas nas sextas-feiras.

Esta dedução pode ser fundamentada tanto pelo imaginário consolidado nas inúmeras obras artísticas que as representam e enaltecem (como na canção “O que é que a baiana tem?”, de Caymmi (1939)); como também pela própria mídia (espaço midiático de Arendt), que continua estampando prioritariamente as suas imagens nas manchetes dos noticiários e matérias que abordam a Lavagem (ANEXOS B, C, D e E). Em qualquer contexto que a imagem de uma Baiana surgir segurando uma quartinha com água e flores, ou apoiada sobre sua cabeça, logo esta será associada à Lavagem do Bonfim.

O que é que a baiana tem?
Que é que a baiana tem?
Tem torço de seda, tem! Tem brincos de ouro, tem!
Corrente de ouro, tem! Tem pano-da-costa, tem!
Tem bata rendada, tem! Pulseira de ouro, tem!
Tem saia engomada, tem! Sandália enfeitada, tem!
Só vai no Bonfim quem tem
(CAYMMI, 1939)

Iniciou a execução do Hino ao Senhor do Bonfim, ato que encerrou as atividades litúrgicas do dia da Lavagem. O Hino foi entoado por som mecânico, cujas caixas de amplificação estavam posicionadas em estrutura de palco montada logo à frente da Igreja, na praça; e acompanhado em coro, com emoção, por uma multidão que se concentrava na Praça do Senhor do Bonfim (Figura 37).

Figura 37 – Fiéis entoam com clamor o Hino ao Senhor do Bonfim



Fonte: autor (2016).

Da janela central da Igreja, a imagem sacra do Nosso Senhor do Bonfim, desta vez erguida solenemente pelo pároco responsável e em posição tradicionalmente reconhecida, recebe da multidão ali presente toda a reverência e o louvor que lhe são dignos:

Glória a ti neste dia de glória
Glória a ti, redentor, que há cem anos
Nossos pais conduziste à vitória
Pelos mares e campos baianos

Nesta Sagrada Colina
Mansão da misericórdia
Dai-nos a graça divina
Da justiça e da concórdia

Glória a ti nessa altura sagrada
És o eterno farol, és o guia
És, senhor, sentinela avançada
És a guarda imortal da bahia.

Dessa sagrada colina
Mansão da misericórdia
Dai-nos a graça divina
Da justiça e da concórdia

Aos teus pés que nos deste o direito
Aos teus pés que nos deste a verdade
Trata e exulta num férvido preito
A alma em festa da tua cidade

Nesta sagrada colina
Mansão da misericórdia
Dai-nos a graça divina
Da justiça e da concórdia
(SALLES, 1969)

E assim, esse pesquisador se despede da lembrança do percurso trilhado e adentra no terreno dos referenciais teórico-metodológicos dessa pesquisa.

“Navegar é preciso; viver não é preciso”

(Fernando Pessoa)

2 DAS BUSSOLAS E CARTAS: AS DISCUSSÕES E CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O Capítulo 2, destinado ao aprofundamento das discussões teórico-metodológicas da presente pesquisa, inicia-se com a citação de um trecho de uma célebre poesia de Fernando Pessoa, também atribuída ao general romano Pompeu³⁴ na obra “Vidas”, de Plutarco: “navegar é preciso; viver não é preciso” (PESSOA, 1986, p. 231). Para Pompeu, navegar (velejar) era o sentido da vida, sendo que sem esta ação, a vida não teria valor algum. Em Pessoa³⁵, navegar tinha valor semântico de criar, e o criar era mais importante que a própria vida. Em ambos os usos, o termo “navegar” faz referencia ao ato de se arriscar, de se lançar ao novo, de descobrir, aprender e produzir a partir dele, transformando a si mesmo e a sua realidade. E é analogamente que esta pesquisa se utiliza do termo “navegar” para designar o seu percurso metodológico. Este se inscreve como uma navegação, e seu condutor, um pesquisador-navegante. E, assim como numa navegação, esta pesquisa se abre à possibilidade do novo, às descobertas e à criação.

Tanto a vida, quanto a navegação são imprecisas. Essa afirmação se contrapõe à outra interpretação comumente associada à epigrafe que abre o capítulo, na qual se refere ao termo “preciso” enquanto precisão técnica no exercício do navegar. Navegar é preciso. De fato, para uma navegação segura é indispensável o domínio de técnicas, como o uso de mapas e bússolas para traçar rotas, porém há um quê de imprevisibilidade, um desejo de descobertas inerente ao ato de navegar. Mudanças de percurso podem acontecer por ocasião de eventualidades, como ventos ou correntes. E nessas mudanças, outros rumos serem adotados e descobertas serem experimentadas. Nesse sentido, esta pesquisa se norteia por técnicas e ferramentas metodologias, assumindo a imprevisibilidade do percurso e aceitando as revelações e resultados não calculados.

³⁴ Pompeu (106-48 A.C) teria dito a frase “navigare necesse; vivere non necesse!” diante de marinheiros amedrontados durante uma tempestade. A frase tornou-se sinônimo da natureza aventureira dos argonautas. Disponível em: <<http://www.revistaliteraria.com.br/biopessoa.htm>>. Acesso em 07 out. 2016.

³⁵ No poema “Navegar é preciso”, Pessoa esclarece que “viver não é necessário; o que é necessário é criar”. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2016.

O pesquisador-navegante aqui assume uma condução compartilhada do seu barco. Pois é também o mar que o navega; e o vento. Como numa navegação à deriva³⁶. Paulinho da Viola (1996), na canção Timoneiro, afirma “não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”. Aqui ele se deixa levar pelo balanço do mar e por suas correntes. Nesse caso, o balanço do mar e suas correntes referem-se às novas perspectivas que foram surgindo ao longo da pesquisa, transformando os objetivos inicialmente pretendidos.

Em alguns momentos as águas se tornam revoltas e turvas. E não faria sentido se fossem sempre calmas e previsíveis. Para este pesquisador, pesquisar sem riscos, sem descobertas, sem transformação e sem inovação não faria o menor sentido, assim como o viver sem o criar não fazia sentido para Fernando Pessoa. Talvez seja o sangue lusitano, a alma de argonauta presente em ambos.

A metáfora da navegação parece dar conta da dinâmica do movimento nesta pesquisa.

Enquanto perspectiva teórico-metodológica de abordagem, esta pesquisa é também estruturada por métodos antropológicos de estudo cultural. Aproxima-se de uma antropologia crítica (Marcus; Fischer, 2004), ao considerar a cultura enquanto processo polissêmico e ao propor um tratamento politizado da relação observador-observado e observado-espço para alcance de uma análise crítica do fenômeno cultural. Em se tratando do objeto de estudo, a Lavagem do Bonfim se constitui enquanto um fenômeno urbano eminentemente cultural, sendo assim, o entendimento de cultura enquanto processo em constante construção, a partir da interação dos agentes (pessoas, instituições e mídia), determina os usos e modos como os indivíduos sociais se relacionam e constroem os espaços do festejo, já que o espaço é o produto das interações entre sociedade e configuração territorial (SANTOS, 2012). O modo como as pessoas se comportam no Bonfim, se olham e se relacionam passa por aspectos culturais, que diretamente constituem os espaços de urbanidade.

³⁶ Entendimento resultante de uma discussão teórico-metodológica com minha orientadora, Isa Trigo, que em sua tese utilizou aquilo que ela define como uma estrutura de investigação de “flutuação à deriva”. Compreendo que, também nesse caso, trata-se de uma navegação cuja bússola são as pessoas e acontecimentos, que vão irrompendo a partir dos indicadores tomados na pesquisa, e que estão configurados essencialmente nas perguntas que direcionam as entrevistas, posteriormente aprofundadas como categorias de análise e de observação.

Com a antropologia interpretativa, esta pesquisa se relaciona ao sistema simbólico de Clifford Geertz³⁷, que trata a cultura enquanto um código de símbolos partilhados pelos membros de uma sociedade. Esta considerada enquanto processo, enfatiza a construção de significados e subjetividades através de processos do mundo social. Nesse aspecto, a presente análise dialoga teórico-metodologicamente tanto com os sistemas estruturais da antropologia estruturalista de Claude Lévi-Strauss (1982), que define cultura enquanto sistema simbólico na criação acumulativa da mente humana, ou seja, os mitos, a arte, o parentesco e linguagem; quanto com as Teorias do Imaginário de Gilbert Durand, que respaldam as análises sobre o imaginário coletivo que, por ser tão forte, não é sequer percebido. Segundo Juremir Silva (2012), o imaginário para Durand consiste no “[...] resultado das ‘pulsões subjetivas’ e das ‘intimações objetivas’.” (DURAND, 1997, apud SILVA, 2012, p. 62). São os mitos que se tem no inconsciente. Para Durand (1997), o imaginário não é mais que o trajeto onde a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito (p. 41). Ou seja, as construções do imaginário se originam de aspectos subjetivos que se fundamentaram em objetividades anteriormente inscritas e processualmente consolidadas. Como já falado na Apresentação, a Lavagem do Bonfim é um fenômeno urbano cultural que apresenta séculos de ocorrência em Salvador. Há naquele contexto, uma série de códigos de percepção de si que passam por modos de se representar e de se relacionar com os sujeitos e com os espaços que configuram construções culturais próprias daquele contexto. Os códigos comportamentais que foram sendo constituídos ao longo dos vários anos de realização do festejo formaram aquilo que se costuma designar como cultura da festa ou “tradição”. A cor da roupa que se orienta usar no Cortejo, branca, passou a ser um código de vestimenta para aquele contexto, um símbolo cultural, consolidado por séculos de realização do festejo. É cultural, é tradição usar o “branco” no Bonfim. Este código pode ser originalmente referido ao uso da cor por grupos específicos que participavam (e ainda participam) da Lavagem – as Baianas e os candomblecistas – e que adotam outro valor simbólico àquela cor, associando-a diretamente ao culto do orixá Oxalá, sincretizado com o Nosso Senhor do Bonfim.

³⁷ Disponível em: <http://instituto.antropos.com.br/v3/index.php?option=com_content&view=article&id=55:a-respeito-das-metodologias-antropologicas-para-o-estudo-cultural&catid=40:consultoria-antropologia&Itemid=9> . Acesso em 09 out. 2016.

Há para estes grupos, inclusive, imposição dogmática do uso da cor branca, e isso pode ser entendido como uma intimação objetiva. Este é apenas um dos exemplos que podem (e foram) observados na Lavagem do Bonfim e que consideram a cultura como construção simbólica que determina os modos como os indivíduos se representam e se relacionam entre si e com os espaços.

Bachelard (1947, p. 7-9), citado por Durand (1997, p. 30), destaca que a imaginação é dinamismo organizador, fator de homogeneidade na representação.

[...] muito longe de ser faculdade de “formar” imagens, a imaginação é potência dinâmica que “deforma” as cópias pragmáticas fornecidas pela concepção, e esse dinamismo reformado das sensações torna-se o fundamento de toda a vida psíquica porque “as leis da representação são homogêneas”, a representação sendo metafórica a todos os seus níveis, e, uma vez que tudo é metafórico, “ao nível da representação todas as metáforas se equivalem”. (BACHELARD, 1947 apud DURAND, 1997, p. 30)

Para compreender melhor o imaginário, partindo de uma concepção simbólica da imaginação (postulando o semantismo³⁸ das imagens), faz-se necessário, nesse estudo, de um esclarecimento breve sobre certas terminologias e conceitos das estruturas do imaginário, como os símbolos, os esquemas e os arquétipos.

Os símbolos possuem algo mais do que um sentido artificial, detêm um essencial e espontâneo poder de repercussão. Os símbolos são ricos em sentidos diferentes. Prosseguindo com o exemplo da cor da roupa no Bonfim, a cor branca é um símbolo identificado e resignificado de diversas formas e pelos grupos variados. O uso do branco, para uns é tradição, para outros, representa a paz, e há ainda aqueles que usam por determinações religiosas. Valendo-se de outro exemplo observado no Bonfim, a figura “Baiana” é um símbolo associado às manifestações tradicionais da Bahia. Há a Baiana de tabuleiro (ou de acarajé), associada ao preparo de alimentos típicos da cultura afro baiana, e a Baiana da Lavagem, associada ao festejo e culto ao Senhor do Bonfim. Já os esquemas, estes formam o esqueleto dinâmico, o esboço funcional da imaginação, são os símbolos motores ou símbolos funcionais. Os esquemas fazem a junção entre os gestos inconscientes do sensorio-motricidade, as dominantes reflexas e as representações (DURAND, 1997, p. 60).

³⁸ O fato de as imagens não serem signos, mas conterem materialmente, de algum modo, o seu sentido. (Durand, 1997, p. 59).

Sartre (1950) afirma que o esquema aparece como “presentificador” dos gestos e das pulsões inconscientes. Existe uma relação estreita entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas (DURAND, 1997, p. 51). Para além do aspecto visual que as identifica (principalmente na vestimenta característica), as Baianas (sejam as de tabuleiro, sejam as da Lavagem) assumem códigos comportamentais e corporais específicos, típicos. O modo espontâneo como se comunicam, os gestos expansivos com as mãos, o modo como descansam os braços com as mãos apoiadas na cintura. Estes gestos podem ser associados aos esquemas. Os gestos diferenciados em esquemas vão determinar, em contato com o ambiente natural e social, os grandes arquétipos. O que diferencia o arquétipo do símbolo é geralmente a sua falta de ambivalência e sua universalidade. O símbolo é polivalente, possibilita várias significações da mesma “imagem” e, quando ele perde sua polivalência, tende a tornar-se um simples signo. Durand considera que “os arquétipos ligam-se a imagens muito diferenciadas pelas culturas e nas quais vários esquemas se vem imbricar” (1997, p. 62). O arquétipo promove, então, a ideia, e o símbolo engendra o nome. As Baianas da Lavagem, aquelas com jarros de água e flores sobre as cabeças, se constituem enquanto um grande arquétipo da Lavagem do Bonfim.

Os esquemas, os símbolos e os arquétipos nos levam a verificar certos protocolos normativos das representações imaginárias, são construções de um imaginário coletivo.

As Teorias do Imaginário, à luz de Durand, Bachelard e Sartre, são reveladoras para o presente estudo, pois permitem um entendimento dos símbolos, dos arquétipos e dos esquemas enquanto elementos de construção de imaginário coletivo que determina o modo como os indivíduos culturais se representam, e se relacionam entre si e com o espaço. Reconhece-se que o contexto cultural abordado nesta pesquisa, a Lavagem do Bonfim é atravessado, até mesmo pelo seu caráter múltiplo, por diversas construções simbólicas.

A imaginação nesta pesquisa se concretiza também na dimensão da forma textual do Capítulo 1, instrumentalizada tanto pelo uso de metáforas, como a da navegação; quanto pelo uso de figuras e memórias (iconografias) e as construções de imaginários em torno delas. Técnica Para Durand (1997), “para poder ‘viver diretamente as imagens’, é ainda necessário que a imaginação seja suficientemente

humilde para se dignar encher de imagens”. (p. 25). O autor ainda categoriza eloquente:

Todos aqueles que se debruçam de maneira antropológica, quer dizer, simultaneamente com humildade científica e largueza de horizonte poético, sobre o domínio do imaginário estão de acordo em reconhecer à imaginação, em todas as suas manifestações (religiosas e míticas, literárias e estéticas), esse poder realmente metafísico de erguer as suas obras contra a “podridão” da Morte e do Destino. (DURAND, 1997, p. 405).

Esta forma de construção textual, presente no Capítulo 1, pode ser referida como uma etnografia experimental de estudo de caso, valendo-se de uma observação participante. A etnografia experimental, segundo João Paulo Aprígio Moreira (2009) em resenha do texto “Ethnography and interpretative anthropology” de Marcus e Fischer (1986), caracteriza-se pela “presença do escritor no texto não apenas em nota de rodapé ou em prefácios, mas que seja discutida sua própria experiência em campo”³⁹. A etnografia experimental neste trabalho se apresenta no Capítulo 1, do relato vivencial da Lavagem do Bonfim, fundamentando não só a incorporação, no texto, das percepções e lembranças experimentadas pelo pesquisador seus trajetos percorridos, em primeira pessoa, como o próprio entendimento desse material como o central desta pesquisa, o que motivou a decisão por coloca-lo como texto inicial.

A reflexão proposta neste estudo relaciona-se também com o pensamento pós-estruturalista inspirado em Foucault, que reforça os modos como os sujeitos e as posições dos sujeitos são construídos. Nesse caminho, faz-se necessário entender como as relações de “poder” se associam às formações culturais e de imaginário, e como essa complexa estrutura (em constante transformação) determina as formas de uso do espaço. Para Foucault (1979), “o poder não é como uma realidade que possui uma essência, uma natureza. O poder é uma prática social, e como tal, constituído por forças díspares, heterogêneas e em transformação” (p. 10).

O que se analisa e relaciona nesta pesquisa não é somente a influência do poder institucionalizado do Estado (este inegavelmente presente), mas principalmente os micro-poderes que se exercem entre os indivíduos. Foucault

³⁹ Disponível em: <<https://stormblast.wordpress.com/2009/11/06/marcus-george-e-fischer-michael-j-1986-%E2%80%9Cethnography-and-interpretative-anthropology%E2%80%9D-in-anthropology-as-cultural-critique>>. Acesso em 09 out. 2016.

(1979, p. 11) considera que os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, e neste complexo, os micro-poderes existem integrados ou não ao Estado. O que o autor chama de microfísica do poder é o deslocamento do espaço da análise e do nível que esta se efetua.

[...] dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção e as formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação de procedimentos técnicos de poder que se realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos.” (FOUCAULT, 1979, p. 11).

Para Foucault, nada é mais material, mais físico, mais corporal que o exercício do poder. E na sociedade, as disputas por espaço, (físico, simbólico, de representação, de visibilidade, político) passam por relações de poder que se transcrevem também do ponto de vista da representação da identidade e das performances corporais. Quem mais performatiza e ganha visibilidade, mais micro poder exerce num determinado contexto. Nesse sentido, o poder simbólico detém enorme influência nas estruturas culturais e de imaginário, configurando ou transformando a visão do mundo, e deste modo, a ação sobre o mundo (BOURDIEU, 2006, p. 15).

Trazendo uma situação descrita no Capítulo 1 desta pesquisa para ilustrar as relações de poder exercidas no contexto da Lavagem do Bonfim, quando um rapaz se coloca em uma posição física mais elevada (em cima da carroceria de um veículo estacionado no Percurso do Cortejo) em relação aos outros indivíduos que compartilham do mesmo espaço, e este adota uma postura gestual mais expansiva (elevação de volume de voz, movimentos corporais largos), considerando as alterações de estado psicofísico motivadas pelo regime de espetacularidade e a necessidade de se representar, este indivíduo está exercendo a micro política do poder, o uso do corpo para ganho ou domínio de um espaço (simbólico, mas que pode se inscrever no espaço físico). Quando uma banda de fanfarra formada de muitos integrantes passa, no Cortejo, de forma agressiva por um grupo cultural pequeno e impõe que este saia do caminho ou se desloque com ritmo diferente, está exercendo um micro poder que se transfigura na dominação do outro para ganho de espaço.

Segundo a Etnocenologia⁴⁰, a espetacularidade é um tipo de estado psicofísico que pode ocorrer aos sujeitos quando estes se sentem observados, seja num contexto cultural teatral, seja no âmbito familiar – como quando um filho chama a atenção da mãe para si, chorando – ou mesmo no âmbito de uma manifestação social, como é o caso do festejo da Lavagem do Bonfim. Nesse contexto, vários grupos e sujeitos buscam atenção e empoderamento a partir do reconhecimento que os outros tenham de si e do que fazem e representam. Para Trigo e Saré (2011):

[...] o espetacular se instaura quando SE pode ver algo de fora, quando há algo no que se vê que escapa ao olhar e à percepção cotidianas e automáticas. Ao andar na rua, sentindo-se olhado, sua consciência se transforma e você passa a trabalhar num regime aqui denominado de “espetacularidade”. (p. 4).

Ainda na dimensão do poder, Ortner (2007, p.383) reconhece a formação cultural enquanto um corpo de símbolos, significados e visões de mundo que são parte das forças e processos de dominação.

Nesse sentido, se conecta com o sistema de Geertz, quando fala sobre o conjunto de símbolos e de significados; e com o sistema de Durand, que compreende esses significados, especialmente aqueles engendrados imaginariamente, e assim percebidos pelo sujeito, como um sistema que define não apenas pensamentos, mas também impedimentos, condutas e fazeres entre as pessoas e com suas sociedades e comunidades. (informação verbal)⁴¹

Articulando este entendimento, Bourdieu estabelece uma relação entre o poder e o ganho de espaço:

O espaço propriamente político de dominação define-se pela relação que se estabelece entre a distribuição dos poderes e dos bens no espaço geográfico e a distribuição desses agentes neste espaço, sendo a distância geográfica em relação aos bens e aos poderes um bom índice de poder. (BOURDIEU, 2006, p. 126).

Ao pensamento dialético esta pesquisa se aproxima por considerar que as discussões aqui tratadas não caminham para uma tentativa de definições,

⁴⁰ A etnocenologia, ou estudo da cena, pode ser entendida como “uma disciplina científica que investigaria, nos vários processos de organização das cenas, e no contexto cultural de vários grupos humanos específicos, características comuns, ante a extraordinária variedade de possibilidades de se compor cenas, inter e intragrupais, captando padrões e identificando matrizes estéticas para conjunto de cenas organizadas pelos seres humanos nos mais diversos contextos” (SANTOS, 2012, p. 57).

⁴¹ Isa Trigo, em sessão de orientação para este trabalho.

fechamentos ou conclusões. Estas se constituem enquanto levantamento de indicadores e eixos de reflexão. Além disso, relaciona 03 das leis fundamentais dessa construção: a ação recíproca, a mudança dialética e a mudança qualitativa (LAKATOS, 2003, P. 100), na condução e inter-relação das teorias aqui abordadas. O entendimento de que nenhum fenômeno pode ser compreendido isoladamente, sem considerar os fenômenos circundantes, e de que o mundo compreende um complexo de processos e, nesse desenvolvimento, mudanças qualitativas tendem a ocorrer. Esta abordagem dialoga com o tratamento do espaço aqui considerado, entendido por Milton Santos (2012, p. 103) como sistema de valores que se transforma permanentemente. O espaço é uma síntese entre o conteúdo social e as formas espaciais, sempre em processo.

O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única [...] resulta da sociedade nessas formas-objetos [...] o espaço é um sistema de valores, que se transformam permanentemente. (SANTOS, 2012, p. 103).

Para Santos, “no espaço, as formas de que se compõem a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade” (SANTOS, 2012, p. 104). A paisagem é composta pelas formas que exprimem as heranças das sucessivas relações entre o homem e a natureza. Já o espaço, este é constituído pela paisagem mais a vida que os anima. Nesse aspecto, Santos (1993) evidencia a relação existente entre espaço e tempo. Segundo ele, “o espaço é uma categoria histórica, e, por conseguinte, o seu conceito muda, já que se acrescentam novas variáveis no curso do tempo” (p. 243).

Sobre o tratamento do espaço público, lócus do fenômeno analisado no presente estudo, Habermas (2012) afirma que é o lugar, por excelência, do agir comunicacional e do uso livre e público da razão. Para Arendt (2007), o espaço público é o lugar da liberdade (política), do discurso, do uso da palavra, da comunicação, para expor suas necessidades individuais e se diferenciar dos demais. Segundo Silva e Xavier (2015, p. 219), para Arendt (2007) três aspectos são elementares na constituição do espaço público: o espaço da aparência e da visibilidade; o mundo comum – enquanto produto humano; e o espaço da ação e da palavra, lugar da pluralidade. Conclui-se que o espaço público “não é outra coisa senão o espaço da confluência das falas e do agir humano; condição de possibilidade para a formação de opiniões divergentes, da inter-relação, do entendimento e do

consentimento”. (SILVA; XAVIER, 2015, p. 232). É também o espaço da aparência, da diferenciação, de visibilidade e de representatividade. Para Arendt (2007, p.60) apud Silva e Xavier (2015), “a presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garantem-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (p. 223). O “ser visto” no espaço público traz a essência da relação entre espaço público e indivíduo social.

O espaço público é, essencialmente, lugar (palco) de enfrentamentos e discordância, composto pela coexistência das implicações cotidianas. Como revelam Pena e Junior (2012) em artigo sobre partilha e conflito nos espaços públicos, esse papel social do espaço público ocorre “desde a polis grega, onde a ágora era o lugar dos assuntos públicos, da política” (p. 47). Há, no entanto, uma crescente tentativa na cidade contemporânea de despossar e deslegitimar esse caráter dos espaços públicos, promovendo locais homogêneos e pacíficos. Sobre isso, Jaques (2010) afirma:

Os projetos ditos de revitalização – esta denominação insinua que os espaços a serem “revitalizados” estão mortos, sem vida, ou que o tipo de vida existente não é apropriado e deve ser substituído – são quase sempre projetos pacificadores e espetaculares. Dentro da mesma lógica espetacular, baseada na criação de imagens e construção de consensos urbanos, os espaços públicos contemporâneos, assim como a cultura, são vistos como estratégicos para a construção e a promoção de imagens de marca consensuais de cidades, ou seja, são pensados enquanto peças publicitárias, para consumo imediato. (JAQUES, 2010, p. 108).

Os festejos são contextos de lazer, diversão e socialização, onde os indivíduos tem a oportunidade de se relacionar não só com pessoas do seu cotidiano, mas também com pessoas ou grupos não integrantes da sua rede pessoal (ANDRADE; MIRANDA, 2011). Essa característica de socialização, e por que não afirmar, de tensões, amplia-se ainda mais no advento das festas populares, que tem como lócus de suas manifestações o espaço público.

As festas populares traduzem-se como veículos de crítica social e política, ao passo que permitem aos indivíduos falarem da comunidade e à comunidade. Segundo Dias (2001), os chamados “batuques” podem ser vistos como “territórios livres”. Estimulam outro estado psicofísico nos indivíduos, dando margem às manifestações do seu cotidiano numa percepção não cotidiana, mas num regime de “espetacularidade”.

Por vezes, esse estado de consciência motiva a uma sensação de permissividade e de banalidade de comportamentos condenáveis em outros contextos, segundo Andrade e Miranda (2011) “dá ensejo á ruptura total, a partir da suspensão de uma ordem vigente e instauração de uma nova”. A ordem vigente, com as tentativas de homogeneizar e tornar consensual os espaços públicos, encontram, então, resistência nas festas populares, heterogêneas por natureza.

Nesse sentido, o entendimento de espaço da visibilidade tratado nessa pesquisa dialogam novamente com os estudos da Etnocenologia, que diz que o sujeito precisa se representar para sua própria sobrevivência, a condição de sua existência passa por uma representação de si para o outro. O ato de espetacularizar-se, pelo fato de contemplar uma mudança de estado psicofísico – (a noção primaria de estar sendo observado) pontua também para a decorrente mudança de visão do mundo que cerca o sujeito ao sentir-se observado. Para Bião (2007), a espetacularidade:

[...] trata-se de uma forma habitual ou eventual, inerente a cada cultura, que o codifica e transmite, de manter uma espécie de respiração coletiva mais extraordinária, ainda que para parte das pessoas envolvidas possa se tratar de um evento cotidiano. (p. 44)

O espaço considerado nesta pesquisa é, a partir dos entendimentos sobre o espaço publico dados por Habermas e Arendt, o espaço simbólico, da ação política do micro poder (FOUCAULT), da representação e da visibilidade, considerando os conceitos de cultura dados por Geertz no contexto de um fenômeno urbano fora do cotidiano, em regime de espetacularidade (BIÃO). Nesse sentido, Serpa (2011) define esse espaço como:

O espaço público é aqui compreendido, sobretudo como o espaço da ação política ou, menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade. Ele também é analisado sob a perspectiva crítica da sua incorporação como mercadoria para o consumo de poucos dentro da lógica de produção e reprodução do sistema capitalista na escala mundial. Ou seja, ainda que seja publico, poucos se beneficiam desse espaço teoricamente comum a todos.

É visto também, ainda, como espaço simbólico, da reprodução de diferentes ideias de cultura, da intersubjetividade que relaciona sujeitos e percepções na produção de espaços banais e cotidianos. (p. 9).

A Lavagem do Bonfim, como já dito na apresentação, é a segunda maior festa popular da cidade de Salvador, perdendo somente para o Carnaval. É uma tradição

de mais de 200 anos, que atrai muitos turistas e que faz parte do calendário de festas organizado pela Prefeitura Municipal de Salvador e pelas agências de turismo baianas (SOUZA, 2003). Caracteriza-se por um cortejo católico, seguido por inúmeras manifestações políticas, culturais e artísticas, estendendo-se por cerca de 7 km da chamada Cidade Baixa, desde as imediações do Mercado Modelo, em frente à Igreja da Nossa Senhora da Conceição da Praia, até a Colina Sagrada, na Igreja do Senhor do Bonfim, na Península de Itapagipe, onde ocorre o momento ápice, com a lavagem das escadarias e adro da Igreja do Bonfim pelas “baianas”, representantes dos cultos afro-baianos. Estabelece íntimas ligações com as mais variadas camadas da sociedade baiana.

A Lavagem do Bonfim, além do cunho religioso e cultural, ganhou ao longo dos anos aspectos eminentemente econômicos e políticos, sendo utilizada como vitrine pelos diversos grupos político-partidários, sociais e culturais. Esta festa popular promove diferentes formas de apropriação do espaço urbano, considerando os diversos sujeitos e grupos participantes.

Assim como nos demais contextos urbanos, seguindo a já mencionada tendência contemporânea, a Lavagem do Bonfim também vem passando por tentativas de “organização” por parte dos seus gestores, encontrando, no entanto, resistência por parte de sua população. Para Souza (2003):

Organizar significa ser alvo de uma intervenção maior dos órgãos ligados ao Estado. Isso é feito através da montagem de cordas pela Prefeitura e pela Polícia Militar, afim de separar, conter a população através de uma medida disciplinar a que a população da cidade de Salvador resiste o tempo todo: as cordas. (SOUZA, 2003, p. 140)

Sobre o uso das festas populares como momentos de exposição social, relacionando os intentos de controle pelo Estado dadas as diferentes formas de apropriação do espaço público pelos grupos diversos, considerando o estado alterado de consciência que estes contextos promovem, Vainfas e Souza (2000), revelam:

Se as festas tinham caráter institucional, a ocupação do espaço público as revestia de novo caráter, e usos diferenciados, daí surgiam, reavivando a preocupação da Igreja em controlar os excessos e ordenar os comportamentos (p. 58).

Reafirmando o caráter singular das festas populares, e mais precisamente, da Lavagem do Bonfim, como contexto de apropriação dos espaços públicos pela população em regime de espetacularidade, tomemos o relato poético de Weldon Americano da Costa, em Cidade de Salvador, Terra do meu coração:

E começa a lavagem, água e vassoura, frascos de perfumes e água da Colônia derramados, vestidos de seda das damas misturadas a saias e anáguas rendadas das crioulas, tudo confundido, molhado, às vezes estragado na faina, por entre risos, benditos, uma exaltação pia que confina com o bacanal. (COSTA apud BARBUDA, 2013, p. 125).

A seguir, subitem que relaciona as técnicas e procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.

2.1 DAS TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

Este trabalho utiliza-se de documentação indireta, através de pesquisa documental e bibliográfica para o levantamento de dados. Quanto aos dados escritos de fontes primárias, exame de documentos oficiais de Instituições públicas em arquivos públicos e particulares; e dados estatísticos em órgãos particulares e oficiais, como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Fotografias e canções folclóricas e contemporâneas também se constituem como parte da pesquisa documental realizada nesta pesquisa. Quanto aos dados de fontes secundárias (bibliográficas), buscou na imprensa escrita, sob a forma de jornais (on line); em meios audiovisuais, nos noticiários televisivos; em bases cartográficas de divisão política e administrativa, para a produção de mapas de trajetos e poligonais de análise do espaço; e finalmente, publicações em livros, teses, dissertações e publicações avulsas.

Enquanto levantamento de documentação direta, a coleta de dados se deu através de pesquisa de campo de caráter exploratório-descritivo, utilizando-se de observação direta intensiva, pela técnica de observação sistemática e participante; e por entrevistas semiestruturadas. Como resultado, a produção de fotografias, vídeos e Diário de Bordo, além de áudios das entrevistas.

A pesquisa bibliográfica ocorreu através de portais e plataformas de pesquisa acadêmicas, como o CAPES e CNPQ, bem como em programas de pós-graduação de conceituadas instituições universitárias. Artigos, dissertações e até teses de doutorado que abordavam os temas pretendidos pela pesquisa, dos campos de conhecimento das ciências humanas e sociais, comunicação e artes. Nesta etapa também ocorreu a pesquisa bibliográfica em livros e a leitura mais densa. A observação participante, enquanto técnica de investigação, situa o investigador como membro do grupo que está estudando, é uma tentativa de colocar investigador e investigado do mesmo lado, e esse procedimento foi adotado aqui⁴².

A coleta de dados para a análise socioespacial, com o fim de caracterização do espaço físico de realização do fenômeno aqui pesquisado (alvo de detalhamento no Subitem 2.2), se utilizou de bases cartográficas e dados demográficos oficiais (INFORMS – Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia e IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, respectivamente), além de informações relacionadas à organização do evento, cronograma de atividades e infraestrutura montada pelos setores públicos (municipais e estaduais).

A observação participante do pesquisador durante a visita de campo ao Bonfim, bem como os registros e entrevistas realizados ocorreram entre as 08 e 12h do dia 14 de janeiro de 2016. Este recorte temporal, abordado nesta pesquisa, equivale ao intervalo de duração do Cortejo, horário adotado pela organização do evento e órgãos oficiais da gestão, em percurso de cerca de 7km, entre a Igreja da Conceição da Praia e a Igreja do Senhor do Bonfim. Este intervalo de tempo é comumente associado ao “lado sagrado” da festa, em contraponto ao lado “profano”, realizado nos turnos da tarde e noite do dia da Lavagem do Bonfim. Esta classificação não está sendo considerada neste estudo, em vista de que os conceitos de sagrado e profano não são objeto de discussão primeira aqui, nem mesmo a observação de que esses caracterizam uma polaridade na ocorrência do evento. Pelo contrário, a experiência do Bonfim, induz a pensar que eles se atravessam e se complementam em todos os momentos do dia.

Quanto às entrevistas, no Roteiro de Visita de Campo produzido, o critério principal era ter uma maior variedade. Dentro do universo de participantes do

⁴² Segundo Lakatos (2003), “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele” (p.194).

Bonfim, a amostra buscava a maior variedade de gênero, etnia e faixa etária e o pertencimento a algum grupo social. Neste sentido, entrevistas foram realizadas com fiéis católicos, populares, vendedores ambulantes, grupos culturais, baianas, adeptos do candomblé, turistas, famílias. O acompanhamento dessas entrevistas foi sendo listado no check-list improvisado, à medida que iam sendo realizadas.

Quanto aos entrevistados, a amostragem não probabilística se deu por critérios listados em Roteiro de Entrevistas exposto e discutido no Capítulo 1 desta monografia (e também relacionados no APÊNDICE A). A abordagem aos entrevistados, assim como o retorno dos mesmos, ocorreu, no geral, de forma tranquila e sem negações. Das 17 abordagens feitas durante a visita de campo, 15 delas efetivou-se como entrevista e apenas 02 recusas. A entrevista, semiestruturada, apoiava-se em Roteiro de Entrevista (Apêndice A), com cerca de 20 perguntas, mas deixava em aberto a possibilidade de adaptações. As entrevistas duraram, em média, cada uma delas, 4 minutos e foram registradas por gravador de áudio. A liberação dos direitos de imagem e personalidade dos entrevistados, para fins dessa pesquisa, está registrada em cada arquivo de áudio, estes devidamente catalogados.

A partir desses critérios, foram produzidas 515 fotografias, 15 entrevistas de áudio e 20 vídeos.

Os materiais coletados foram separados em pastas eletrônicas (quando arquivo digital) e divididos por tema/campo de conhecimento. Com relação as leituras em materiais bibliográficos, as citações possivelmente utilizadas foram sendo transcritas e armazenadas em arquivo digital.

A análise dos dados e informações coletados em campo iniciou com a divisão do espaço do Cortejo, para fins analíticos desta pesquisa. Foram seccionados 10 trajetos, considerando critérios de distância (cerca de 700m cada), e também a adoção de monumentos históricos e estruturas urbanas (praças, largos, igrejas) como marcos físicos para pontuar o início e o fim de cada trajeto. Critérios subjetivos também foram considerados (estes já referidos e discutidos no Capítulo 1).

Esse procedimento foi importante para a edição dos mapas do percurso/trajetos realizados pelo pesquisador, bem como a categorização das imagens registradas em campo. Em seguida, as imagens foram sendo armazenadas

em pastas eletrônicas, de forma que pudessem ser facilmente identificadas e revisitadas para a construção do texto do Relato. Já as entrevistas, estas foram transcritas, de forma que seu conteúdo pudesse fundamentar a análise das observações e discussões abordadas no texto.

A ferramenta imagética utilizada nesta pesquisa, composta pelos mapas criados para especializar os trajetos percorridos, pelas fotografias retiradas em campo e também as referências das artes visuais e plásticas tem o objetivo de ajudar o leitor a vislumbrar as situações observadas pelo olhar do pesquisador, fazendo-se valer também do poder argumentativo e comprobatório.

As referências artísticas adotadas neste estudo, principalmente no Capítulo 1, do relato, são usadas com o intuito de argumentar as situações vivenciadas no campo durante o Bonfim, articulam os eixos de discussão desta pesquisa com o próprio entendimento deste fenômeno enquanto eminentemente cultural e artístico. Então, nada mais apropriado que se valer de referências artísticas para fundamentar as discussões aqui propostas e relatadas. Sobre a relevância do uso da arte neste trabalho, enquanto ferramenta de fundamentação das discussões, Fischer (1987) pode contribuir com seu entendimento de que:

[...] a arte é o meio indispensável para erra união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação das experiências e ideias. (FISCHER, 1987, p. 13).

Argan (2005) também direciona para essa importância, afirmando que a arte “[...] cujo valor se dá na percepção, torna presentes os valores da cultura no próprio ato em que os traduz e reduz os seus próprios valores”. (p. 26)

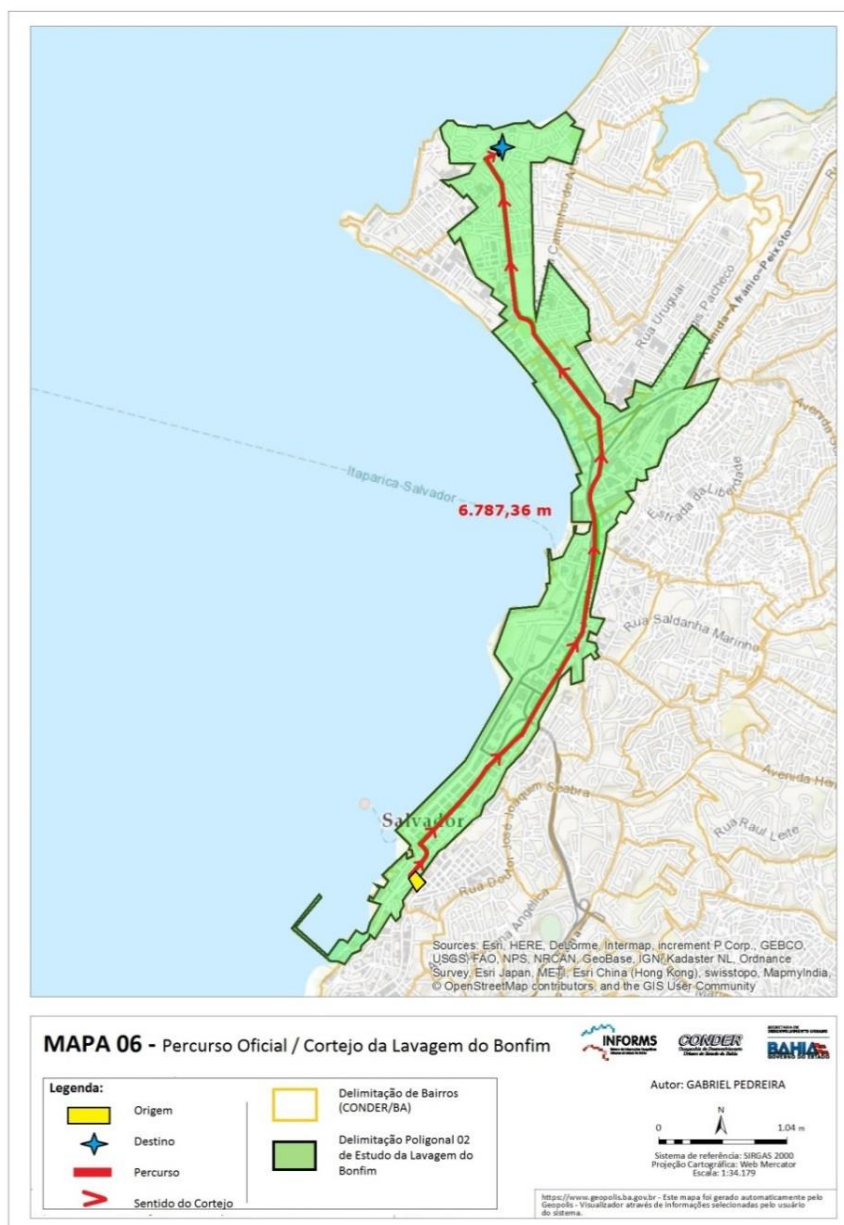
A caracterização do espaço físico e da demografia ocorreu nesta etapa para a construção de mapas, especializando a festa. A produção dos mapas de trajetos realizados pelo pesquisador, bem como a sistematização do material produzido em campo.

A seguir, um breve momento que discute, a partir do viés geográfico, a construção de poligonais de análise do espaço que serviram de base para a definição dos trajetos executados por esse pesquisador na experiência de campo.

2.2 DA CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DA LAVAGEM

Para a análise dos espaços construídos a partir dos movimentos e interações dos diversos agentes sociais participantes da Lavagem do Bonfim, se fez necessário para esta pesquisa localizar e caracterizar o espaço físico onde esse fenômeno urbano se realiza. Esse espaço é aqui considerado enquanto o palco onde as diversas manifestações e relações simbólicas e políticas (de poder) acontecem.

Figura 38 – Mapa do percurso oficial da Lavagem do Bonfim



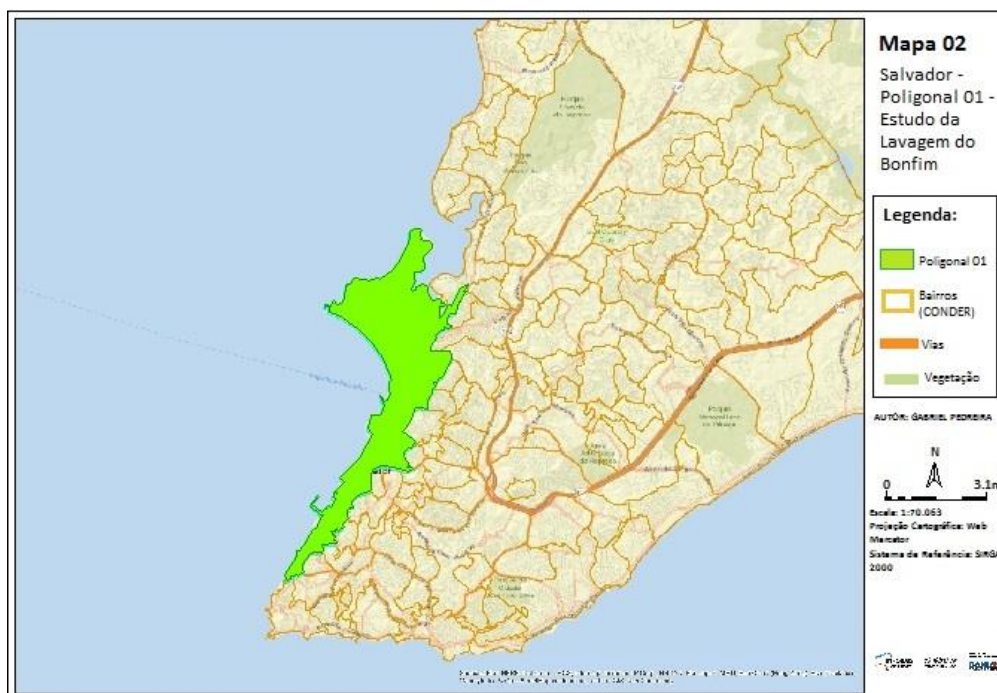
Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

O Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim (Figura 38) estende-se por aproximadamente 7 km da chamada Cidade Baixa de Salvador, desde a Igreja da Nossa Senhora da Conceição da Praia, nas imediações do Mercado Modelo, no bairro do Comércio, até a Igreja do Senhor do Bonfim, na Colina Sagrada, na Península de Itapagipe – bairro do Bonfim.

A caracterização do Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim é apresentada neste Capítulo 2, e não no capítulo inicial do trabalho por uma escolha conceitual da pesquisa. O percurso que determina as análises espaciais deste trabalho são os trajetos do pesquisador, devidamente identificados no Capítulo 1. O Percurso Oficial é aqui apresentado a título de sua importância para o andamento metodológico da pesquisa. Para a sua definição, foi antes necessária a adoção de poligonais de análise do espaço físico da Lavagem, estes explicitados a seguir.

A Poligonal 1 de estudo, descrita na Figura 39 refere-se à área composta pelos Bairros que assumem extrema relevância na logística e na acessibilidade do festejo, permitindo a circulação (entrada e dispersão) das pessoas e das mercadorias. Concentram grande parte das vias de acesso ao cortejo e nas localidades circunvizinhas.

Figura 39 – Poligonal 01 de Estudo da Lavagem do Bonfim



Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

Diversos bairros englobam esta Poligonal, relacionados na Figura 40. Bairros como Centro, Centro Histórico, Santo Antônio, Barbalho, Lapinha, Liberdade e Santa Luzia. Além destes, também os bairros que estão inseridos nos planejamentos oficiais da organização e acessibilidade da Lavagem por órgãos municipais e do Estado (ações de interdição de vias, monitoramento; vide Apêndice F, com aditamento de escala de trabalho pela Transalvador), como a Vitória; e aquelas áreas que formam a Península de Itapagipe, pelo impacto direto que o evento causa na dinâmica da localidade. São os bairros da Boa Viagem, Monte Serrat, Caminho de Areia, Ribeira, Massaranduba, Jardim Cruzeiro, Mangueira e Uruguai.

Figura 40 – Bairros pertencentes à Poligonal 1 de Estudo da Lavagem do Bonfim

Tabela 01 - Bairros pertencentes à Poligonal 01 de Estudo da Lavagem do Bonfim

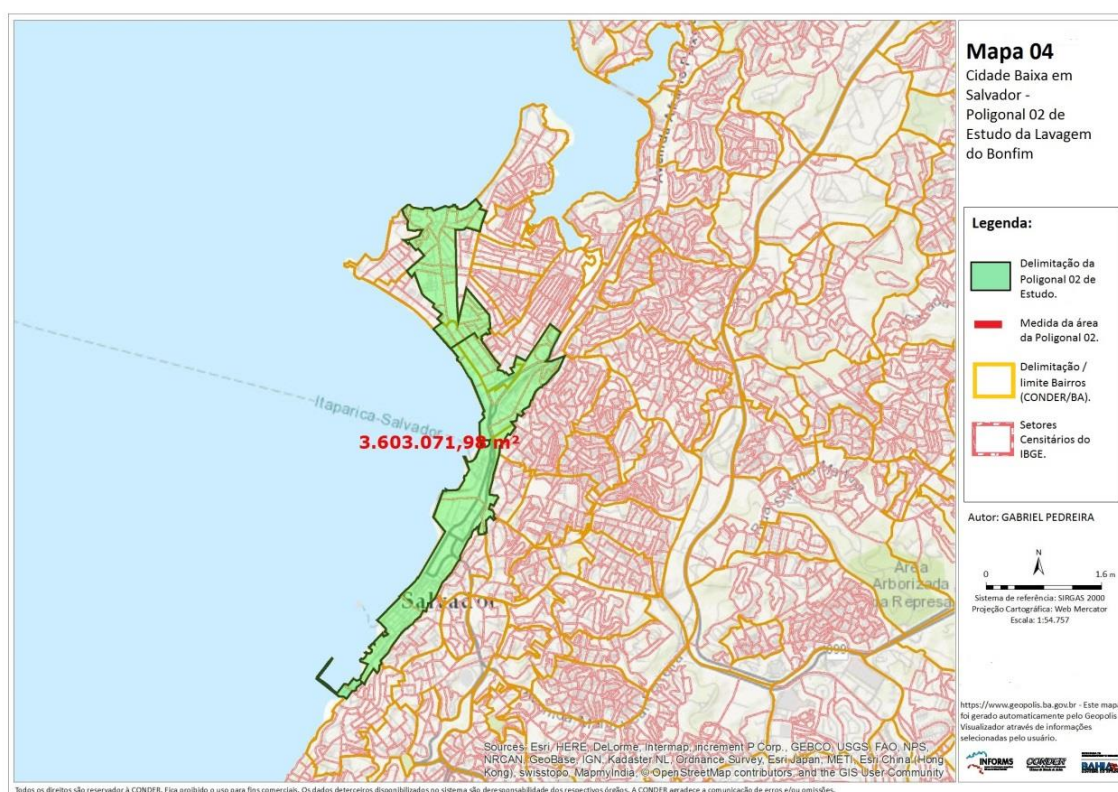
ID_BAIRRO	CODIGO_MUNICIPIO	NOME_MUNICIPIO ▲	CODIGO	NOME
88	2740	Salvador	25	Bonfim
6	2740	Salvador	90	Lapinha
13	2740	Salvador	14	Barbalho
15	2740	Salvador	52	Centro Histórico
16	2740	Salvador	140	Santo Antônio
17	2740	Salvador	55	Comércio
72	2740	Salvador	91	Liberdade
85	2740	Salvador	131	Ribeira
86	2740	Salvador	98	Massaranduba
87	2740	Salvador	137	Santa Luzia
8	2740	Salvador	50	Centro
89	2740	Salvador	95	Mangueira
129	2740	Salvador	156	Uruguai
125	2740	Salvador	40	Calçada
126	2740	Salvador	97	Mares
127	2740	Salvador	134	Roma
128	2740	Salvador	19	Boa Viagem
130	2740	Salvador	162	Vila Ruy Barbosa/Jardim
131	2740	Salvador	42	Caminho de Areia
132	2740	Salvador	101	Monte Serrat
8	2740	Salvador	163	Vitória

Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

A partir da delimitação da Poligonal 1 foi possível traçar uma segunda poligonal de análise.

A Poligonal 2 de estudo, representada pelas Figura 41 Figura 42, corresponde a uma área de aproximadamente 3.600 km² constituída pelos bairros onde o percurso (Cortejo) oficial da Lavagem do Bonfim está inserido. Além do trajeto do Cortejo, apresenta as vias paralelas e transversais, e áreas onde se concentram as festas (públicas e privadas) que ocorrem simultaneamente e posteriormente à Procissão. Corresponde aos bairros do Comércio, Calçada, Mares, Roma e Bonfim.

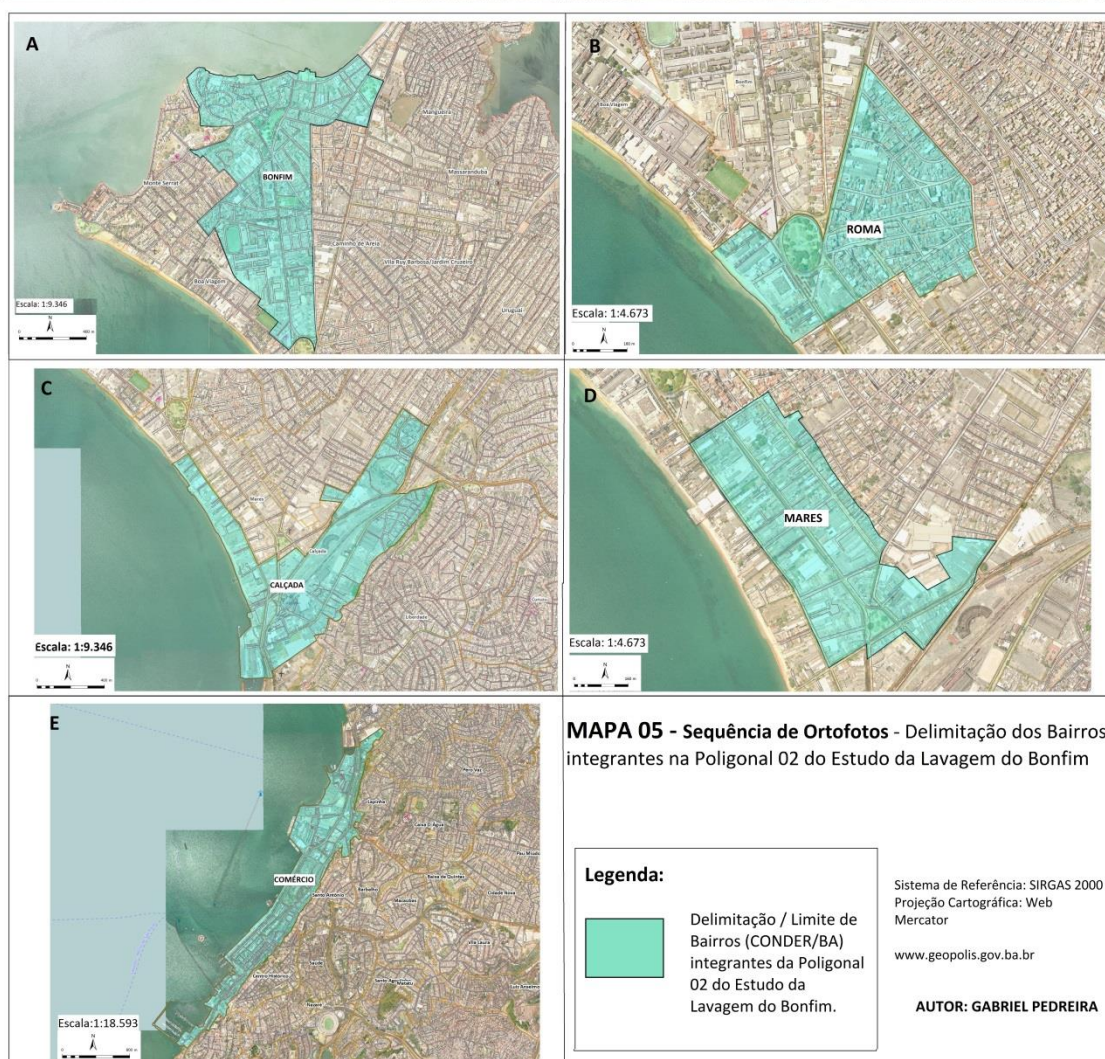
Figura 41 – Poligonal 2 de Estudo da Lavagem do Bonfim



Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

Esta Poligonal apresenta poucos pontos de acesso terrestres, pois a localidade tem a Baía de Todos os Santos como limite-leste e a falha geográfica (Cidade Alta) como limite-oeste, desde a Conceição até a Calçada;

Figura 42 – Sequencia de Ortofotos dos bairros integrantes da Poligonal 02 de Estudo da Lavagem do Bonfim



Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

A Poligonal 02 de estudo foi adotada para o cálculo da população residente, por ser a área diretamente impactada pelo incremento populacional durante o dia da Lavagem do Bonfim. É o vetor de fluxo e atratividade dos participantes do festejo. É constituída por 5 bairros, sendo 06 Distritos e 35 Setores Censitários do IBGE. A população da Poligonal 02 foi conseguida através da soma dos dados demográficos dos 35 Setores Censitários, o que totalizou 23.755 habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2010, do IBGE. (Tabela 1).

Tabela 1 - Dados demográficos e área da poligonal 02 do Estudo da Lavagem do Bonfim
(por bairro, distrito e setor censitário)

BAIRRO	DISTRITO	SETOR CENSITÁRIO	POP.	AREA (km²)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (hab/Km²)
Comércio	Conceição da Praia	292740805080001	497	0,31203109	1592,79
	Pilar	292740805170002	74	0,627757041	117,88
	Pilar	292740805170001	774	0,406542498	1903,86
Calçada	Mares	292740805110008	849	0,28881284	2939,62
	Santo Antônio	292740805210169	946	0,078416029	12063,86
	Santo Antônio	292740805210182	718	0,023946001	29984,13
	Santo Antônio	292740805210183	766	0,027086002	28280,29
	Penha	292740805150093	707	0,056243999	12570,23
	Penha	292740805150095	261	0,037132992	7028,79
	Penha	292740805150094	777	0,022831003	34032,67
	Mares	292740805110005	777	0,14898786	5215,19
Mares	Mares	292740805110007	704	0,17283496	4073,25
	Mares	292740805110006	878	0,090251038	9728,42
Roma	Mares	292740805110001	715	0,063370008	11282,94
	Penha	292740805150058	767	0,051309015	14948,64
	Penha	292740805150059	599	0,033669996	17790,32
	Penha	292740805150158	432	0,017811003	24254,67
	Penha	292740805150166	508	0,024630996	20624,42
	Penha	292740805150174	615	0,046409	13251,74
Bonfim	Mares	292740805110003	1034	0,107190025	9646,42
	Mares	292740805110004	0	0,13602596	0
	Mares	292740805110009	61	0,00366593	16639,7067
	Penha	292740805150034	733	0,092359023	7936,42
	Penha	292740805150018	621	0,040080988	15493,63
	Penha	292740805150119	650	0,044390993	14642,61
	Penha	292740805150035	518	0,05036598	10284,72
	Penha	292740805150036	1079	0,080470022	13408,72
	Penha	292740805150066	645	0,07182996	8979,54
	Penha	292740805150122	357	0,007179001	49728,37
	Penha	292740805150067	492	0,004419	111337,41
	Penha	292740805150037	911	0,052972015	17197,76
	Penha	292740805150070	815	0,049667986	16408,96
	Penha	292740805150071	1095	0,054536001	20078,48
	Penha	292740805150069	1078	0,069676997	15471,39
	Penha	292740805150068	1215	0,058579004	20741,22
Penha	292740805150177	87	0,007764003	11205,56	
TOTAL			23.755	3,46124626	6863,134901

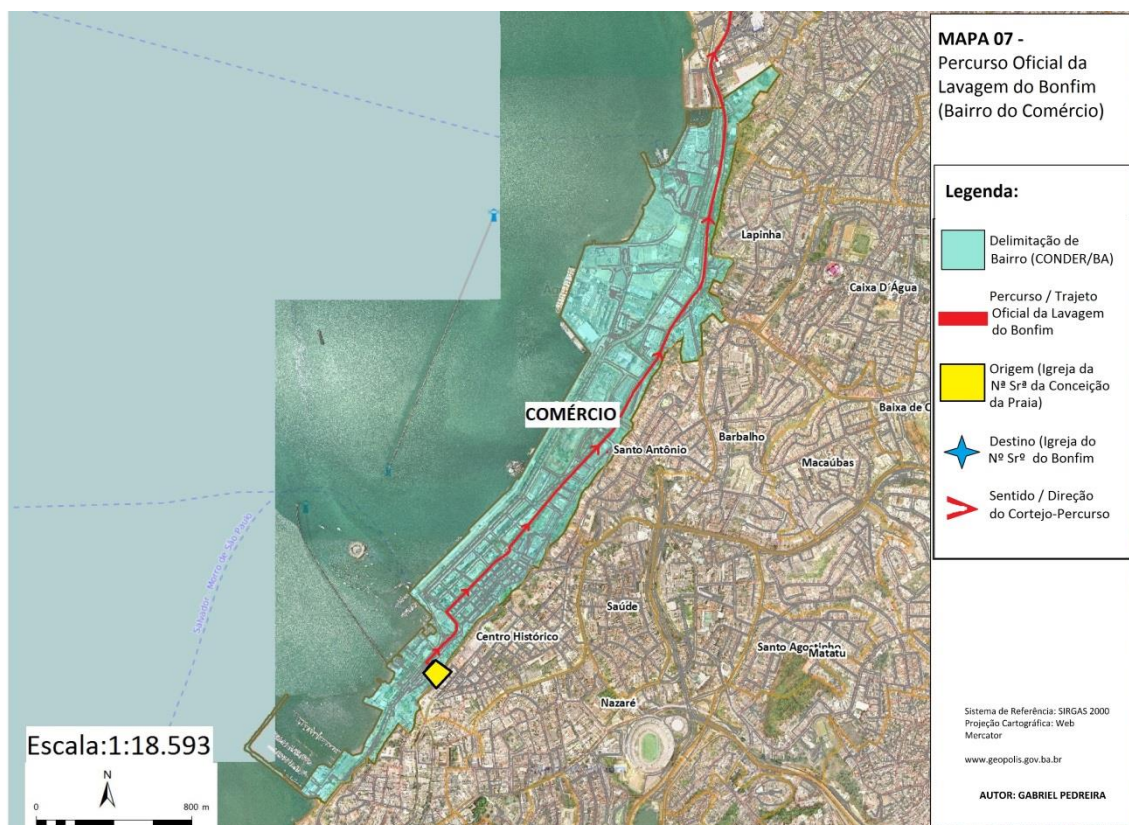
Fonte: autor (2016). A partir de dados do Censo 2010 do IBGE.

Segundo dados da Polícia Militar do Estado da Bahia (SOUZA, 2003), no ano de 2000 passaram pelo trajeto da Lavagem do Bonfim cerca de 01 milhão de pessoas, o que corresponde a um incremento de aproximadamente 976.250 pessoas na localidade por ocasião do evento.

Essa informação dá indícios de como a Lavagem do Bonfim é um fenômeno urbano que impacta não só a localidade onde é realizada, mas também toda a cidade de Salvador, já que, para sua organização, são exigidos complexos rearranjos de serviços e de estruturas urbanísticas por parte dos setores de gestão pública. Além disso, pode-se inferir o quanto este dia modifica o cotidiano dos habitantes da cidade. Estes indicadores, porém, não serão tratados nesta pesquisa. A título de informação, nos ANEXOS G e H são relacionadas algumas das ações realizadas pelos órgãos públicos para a organização do evento.

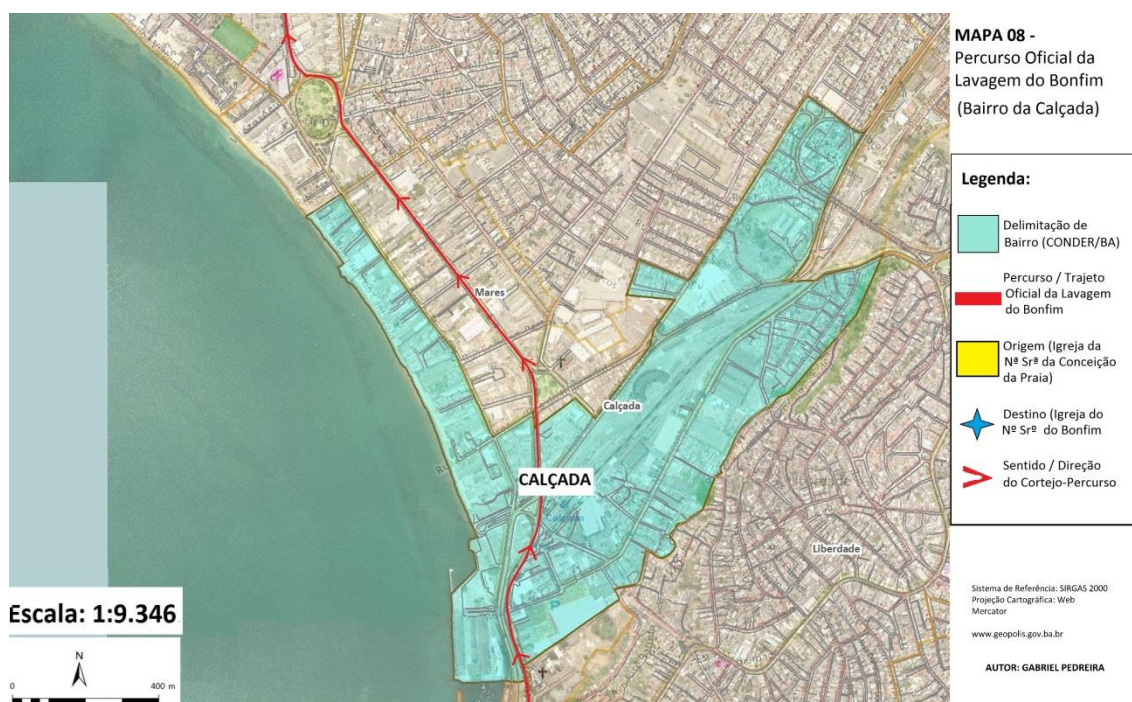
A sequência de figuras a seguir (Figura 43, Figura 44, Figura 45, Figura 46, Figura 47) detalha o Percorso Oficial onde acontece o cortejo da Lavagem do Bonfim. Iniciada em frente à Igreja da Nossa Senhora da Conceição da Praia, no Bairro do Comércio, Cidade Baixa, vai até a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, na Colina Sagrada, Península de Itapagipe. Corresponde às vias principais do Cortejo, sendo a Av. Lafayette Coutinho, Av. Jequitaia, Av. Fernandes da Cunha, Av. Dendezeiros do Bonfim e Ladeira do Bonfim. Essa delimitação baseia-se em dados da PMS e em experiência de campo.

Figura 43 – Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim (bairro do Comércio)



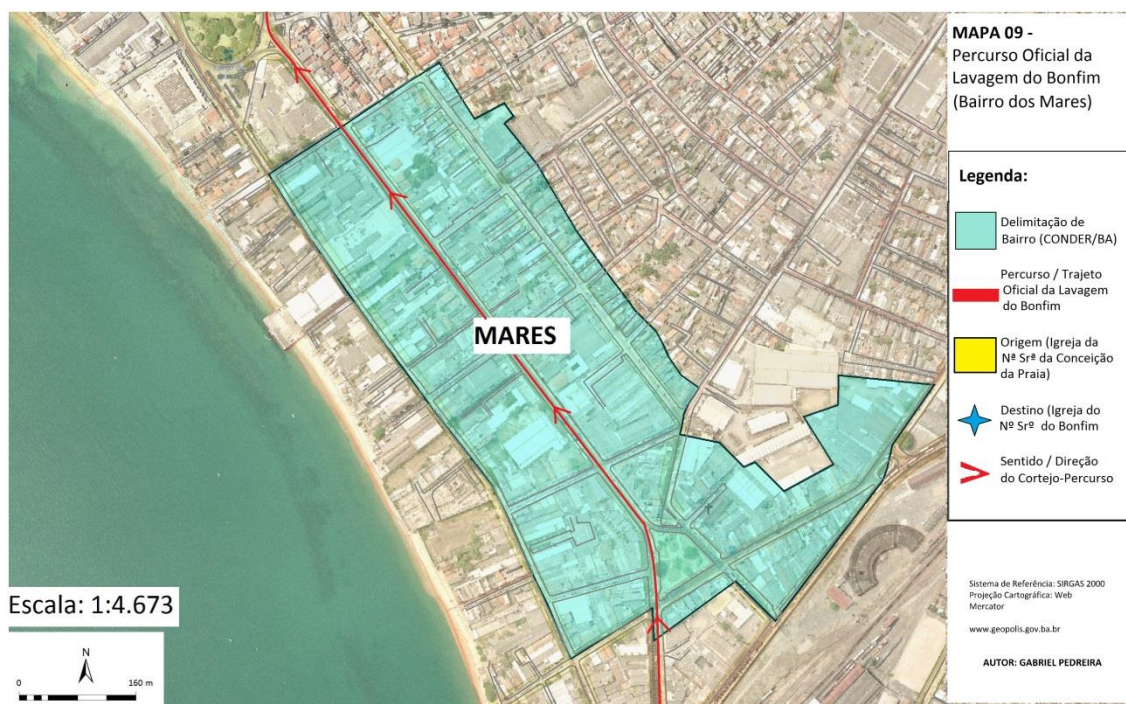
Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

Figura 44 – Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim (bairro da Calçada)



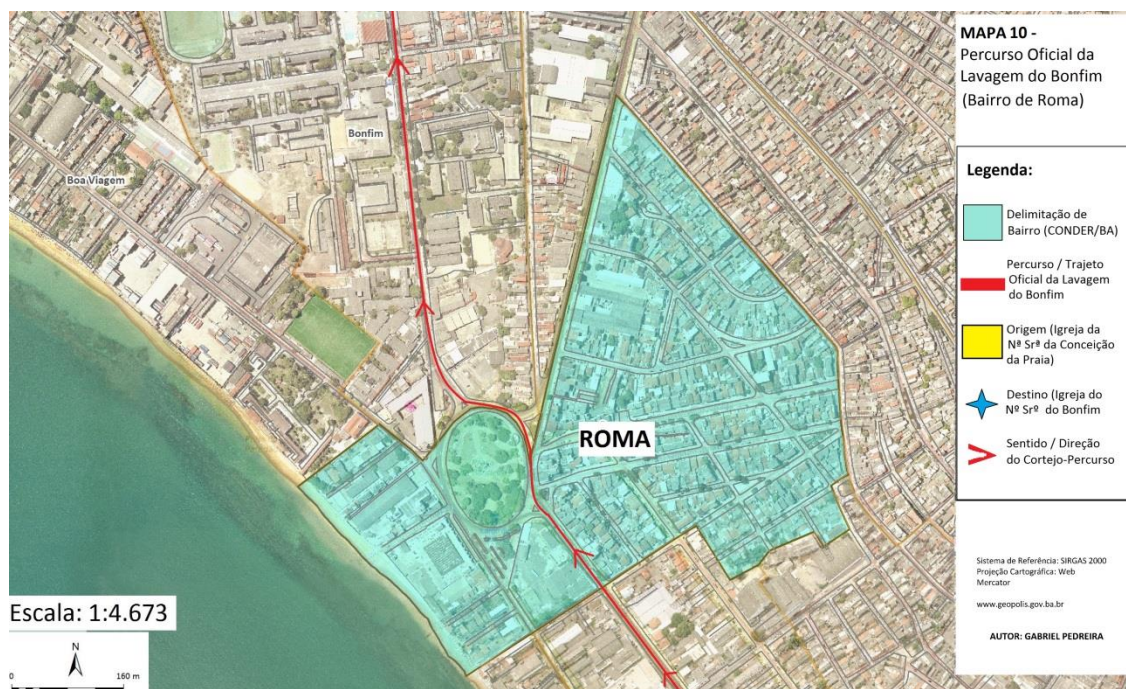
Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

Figura 45 – Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim (bairro de Mares)



Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

Figura 46 – Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim (bairro de Roma)



Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

Figura 47 – Percurso Oficial da Lavagem do Bonfim (bairro do Bonfim)



Fonte: autor (2016), a partir de dados do INFORMS/CONDER.

A seguir, este trabalho abre para as Considerações acerca das discussões aqui abordadas.

3 CONSIDERAÇÕES

A partir dos trajetos trilhados por este pesquisador, e das discussões teórico-metodológicas que foram acionadas, foi possível assinalar, a título de Considerações provisórias, algumas observações sobre este estudo. Estas estão relacionadas a seguir:

- Espaços são construídos pelos diversos agentes durante a realização da Lavagem do Bonfim, na medida em que o espaço físico é percorrido. Estes espaços, políticos e de representação (individual e/ou coletiva), criam espacialidades semoventes, transitórias e efêmeras fortemente delimitadas em termos simbólicos.

- Os espaços construídos são o produto da interação entre os diversos agentes participantes da Lavagem e com o espaço físico espetacularizado (fora do seu cotidiano), sendo que os aspectos culturais são determinantes para a construção de imaginários e de relações de poder (micro e macro) que se exercem na construção e transformação desses espaços.

- Além do deslocamento realizado para o alcance do sagrado, que é em si o Cortejo, na Lavagem do Bonfim, percebe-se também um sutil deslocamento, do ponto de vista simbólico, do local de culto, já que a própria rua torna-se também um espaço de ligação com o sagrado.

A Lavagem do Bonfim é um fenômeno urbano de Salvador que apresenta uma grande relevância do ponto de vista histórico e cultural não só no âmbito local, como também nos âmbitos nacional e regional. Sendo assim, desloca milhares de pessoas para a localidade em que se realiza no dia de sua ocorrência. Este deslocamento de pessoas transforma não só o espaço de realização do festejo, como também toda a cidade, já que a dinâmica da gestão das estruturas e dos serviços urbanísticos se altera para a sua realização.

Além dos aspectos históricos e culturais, este evento passou, ao longo dos últimos anos, a agregar e consolidar complexos aspectos econômicos e midiáticos em sua estrutura. Cada vez mais o turismo e a mídia reforçam e pontuam as construções do imaginário do festejo para o alcance de retornos econômicos para a cidade e para o Estado, o que reforça e potencializa ainda mais o caráter político

dos espaços que são formados durante o evento, espaços de visibilidade e representatividade.

Enquanto contribuição para o campo do Urbanismo, esta pesquisa caminha no sentido de considerar enquanto foco da análise e reflexão do fenômeno urbano aqui abordado o espaço que é simbólico, político e de representatividade, e não o espaço tradicionalmente admitido nesta área de conhecimento, que é o físico, geográfico. O espaço físico é nesta pesquisa considerado outro, espetacular, por estar fora do cotidiano. É importante também reconhecer que durante a realização da Lavagem do Bonfim espaços são construídos a partir dos movimentos, performances e da interação entre os diversos agentes que participam do cortejo, e que estes espaços, semoventes e fluidos, não são estáticos, tampouco perenes, já que se reconfiguram a cada nova caminhada, e se descontrolam no dia posterior à realização do festejo.

Apesar de muito estudada em pesquisas etnográficas, a Lavagem do Bonfim apresenta pouca produção acadêmica com abordagem urbanística. Esta pesquisa agrega conhecimentos da Geografia Humana, da Filosofia Política, da Antropologia e Sociologia Cultural, além das Artes, e isso enriquece o escopo das produções acadêmicas, e conseqüentemente o olhar sob este fenômeno urbano cultural. Em aspecto prático, a pesquisa reafirma a importância do evento em nível local, regional e nacional, e possibilita um embasamento teórico para novos estudos, quiçá para ações administrativas e organizacionais por parte dos órgãos gestores.

Como já mencionado no texto de Apresentação, esta pesquisa apenas se inicia neste Trabalho de Conclusão de Curso em Urbanismo. Esta pretende se desdobrar em outras reflexões e produtos, ora aprofundando questões aqui já relacionadas, ora congregando outras abordagens. Aqui foi pretendido, a título inicial, não só levantar algumas observações e questionamentos deste pesquisador, como também – e principalmente - estimular o leitor interessado a refletir sobre a possibilidade de um olhar deslocado sobre fenômenos urbanos, considerando aspectos culturais e simbólicos nas suas análises.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Bahia de todos os santos**: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. 6. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.

ANDRADE, Fabiane da Silva; MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. As festas e as suas sociabilidades. In: ESTRELA, Ely; KUSTNER, Rócio (Org.). **Cultura, memória e região**. Salvador: EDUNEB, 2011.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução de Pier Luigi Cabra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção a).

ASSIS, Felipe; FRANÇA, Leonardo; AQUINO, Rita. **Looping Bahia Overdub**. Salvador: 7Oito Projetos e Produções, 2015. Disponível em: www.cenacontemporanea.com.br/programacao/looping-bahia-overdub-felipe-de-assis-ba/. Acesso em: 9 set. 2016.

BAHIA. Secretaria de Desenvolvimento Urbano. **INFORMS**: Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia. Disponível em: <http://www.informs.conder.ba.gov.br/>. Acesso em: 03 jun. 2016.

BARBUDA, Amine Portugal. Carybé ou as Festas. In: JACQUES, Paola Berenstein et al. **Salvador, cidade do século XX**: a partir das memórias de Pasqualino Romano Magnavita. Salvador, EDUFBA, 2014.

BARROSO, Ary. No tabuleiro da baiana. In: BARBOSA, Luiz; MIRANDA, Carmem. **Luiz Barbosa e Carmem Miranda**. [S. n], 1936.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Um léxico para a Etnocologia: proposta preliminar. In: **Colóquio Internacional de Etnocologia**, 5. Salvador, 2007, p. 43-49. BIÃO, Armindo (Org.). Anais. Salvador: Fast Design, 2007.

BONFIM, Luís Américo. **Lavagem do Bonfim**: tradições e representações da fé na Bahia. In: II Congresso Virtual de Antropologia, Simpósio em Antropologia Visual, Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología/Equipo NAYA, 2000. Disponível em: http://www.academia.edu/6498066/Lavagem_do_Bonfim_Tradi%C3%A7%C3%B5es_e_Representa%C3%A7%C3%B5es_da_F%C3%A9_na_Bahia. Acesso em: 05 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Fernando Pessoa**. Portal Domínio Público: biblioteca digital desenvolvida em software livre. [S.l.], [200-]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000001.pdf>. Acesso em: 05 out. 2016.

CAYMMI, Dorival. Festa de rua. In: _____. **Dorival Caymmi**. RCA Victor, 1949.

_____. O que é que a baiana tem? In: MIRANDA, Carmem; CAYMMI, Dorival. **Carmem Miranda e Dorival Caymmi**. Odeon, 1939.

_____. Você já foi à Bahia?. In: _____. **Setenta anos**. Funarte, 1984, LP.

DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). **Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, Imprensa Oficial, 2001.

DOMÍNIO PÚBLICO. **Meu divino São José**. Ladainha do Sertão Nordestino.

DUARTE, Anselmo. **O pagador de promessas**. Adaptação da obra de Dias Gomes. Realização de Oswaldo Massaini. 1962. 1h 38min. PB color.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. Tradução de Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Ensino Superior).

ELEGIBÔ, Rogério Borges. Cidade de Salvador e as alegorias da baianidade. In: SOARES, Antônio Mateus; ELEGIBÔ, Rogério Borges (Org.) et al. **Salvador**: cidade africana, pobreza, espaços de cor, anticidade, carnaval. Salvador: Fast Design, 2012.

FESTAS populares acontecem em Salvador no Verão até o Carnaval: programe-se. **Correio**. Salvador, 25 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/confira-as-festas-populares-que-acontecem-em-salvador-no-verao-ate-o-carnaval-programe-se/?cHash=3c3929af44574df690d9adf3f93fbed4>>. Acesso em: 12 out. 2016.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Tradução de Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado (Org.). Rio de Janeiro: Edições Graef, 1979.

GIL, Gilberto. Lavagem do Bonfim. In: COSTA, Gal. **O sorriso de gata de Alice**. RCA Records, 1993, 1 CD.

_____. Procissão. In: _____. **Louvação**. Island Ref. Jam Music Group, 1967, LP.

HABERMAS, Jürgen. **Espaço Público**: um verbete de enciclopédia. Tradução de Edmilson Alves de Azevêdo. *Problemata*, Revista Internacional de Filosofia, n. 2, p. 218-227, 2012, v. 3. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4810135.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

INSTITUTO ANTROPOS: pesquisa sociocultural e missiológica aplicada. **A respeito das metodologias antropológicas para o estudo cultural**. [S.l.], 2008. Disponível em: <http://instituto.antropos.com.br/v3/index.php?option=com_content&view=article&id=55:a-respeito-das-metodologias-antropologicas-para-o-estudo-cultural&catid=40:consultoria-antropologia&Itemid=9>. Acesso em: 09 out. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. 2. ed. Rio de Janeiro, 2011.

JAQUES, Paola Berenstein. Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: JAQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra (Org.). **Corporcidade**: debates, ações e articulações. Salvador, EDUFBA, 2010. Debates, p. 106-119;

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view>. Acesso em: 01 out. 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**: o intercâmbio restritivo. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, Valmir; LUPA. Ilha de Maré: In: ALCIONE. **Pra que chorar**. Phillips, 1977, LP.

MARCUS, George; FISCHER, Michael. **Anthropology as cultural critique**: an experimental moment in the human sciences. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1986. Resenha de: MOREIRA, João Paulo A. [Resenha p. 17-44]. Caderno de leituras: quando os livros são o campo. [S.l.], 2009. Disponível em: <<https://stormblast.wordpress.com/2009/11/06/marcus-george-e-fischer-michael-j-1986-%E2%80%9Cethnography-and-interpretative-anthropology%E2%80%9D-in-anthropology-as-cultural-critique/>>. Acesso em: 09 out. 2016.

_____. **La antropologia como crítica cultural**: un momento experimental en las ciencias humanas. [S.l.]: Amorrortu editores, 2004.

MENDES, Roberto; VELLOSO, Jota. Bonfim. In: _____. **Roberto Mendes**. Velas, 1994, 1 CD.

MOTA, Alexandre. Nova orla do Rio Vermelho deve ficar pronta até a festa de Iemanjá: entenda como fica o trânsito. **Correio**. Salvador, 16 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/nova-orla-do-rio-vermelho-deve-ficar-pronta-ate-a-festa-de-iemanja-do-ano-que-vem/?cHash=cd4db25f97796846d8502168ab80788c>>. Acesso em: 11 out. 2016.

MOURA, Milton. O oriente é aqui: o cortejo de referências fantásticas de outros mundos no Carnaval de Salvador. In: _____. (Org.). **A larga barra da baía**: essa província no contexto do mundo. Salvador: EDUFBA, 2011, 242p. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/wnm5w/pdf/moura-9788523212094.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v13n28/a15v1328.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1980.

PENA, João Soares; WAN-DALL, Osnilo Adão. Partilha e conflito no espaço público: experiências urbanas na cidade de Salvador. **Revista Redobra**, nº9, ano 3. Salvador: EDUFBA, 2012.

PEREIRA, Geraldo; SILVA, Moreira da. **Lembranças da Bahia**. Odeon, 1942.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego por Bernardo Soares**. Seleção e Introdução de Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. **Vem aí um novo Rio Vermelho**. Disponível em: <<http://www.novaorla.salvador.ba.gov.br/index.php/rio-vermelho>>. Acesso em 11 out. 2016.

REVISTA LITERÁRIA: a casa das letras. **Biografia de Fernando Pessoa**. [S.l.], 2002. Disponível em: <<http://www.revistaliteraria.com.br/biopessoa.htm>>. Acesso em: 06 out. 2016.

RIACHÃO. Retrato da Bahia. In: TRIO NORDESTINO. **Trio Nordestino**. Copacabana, 1963, LP.

ROCHA, Glauber. **Barravento**. Realização Iglu Filmes. 1962. 74min. PB color.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 13. ed. Rio de Janeiro> José Olympio, 1979.

SALLES, Arthur; WANDERLEY, João. Hino ao Senhor do Bonfim. In: VELOSO, Caetano et al. **Tropicália ou Panis et Circences**. Phillips Records, 1969, LP.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 7. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. (Coleção Milton Santos, 1).

_____. **A cidade e o urbano como espaço-tempo**: texto comentário. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. 2. São Paulo, 1993. n. 1, p. 241-244, v. 2. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/341>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

_____. **Da totalidade ao Lugar**. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. (Coleção Milton Santos, 7).

SANTOS, Adailton. **A etnocenologia e seu método**. Pesquisa contemporânea em artes cênicas. Salvador: EDUFBA, 2012. 229 p. (Coleção Pesquisa em Artes).

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Apresentação e notas de Arlette Elkaim-Sartre. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Coleção Textos Filosóficos).

_____. **A imaginação**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SILVA, Mauro Sérgio S.; XAVIER, Dennys Garcia. Hannah Arendt e o conceito de espaço público. **Revista Profanações**. Ano 2, n. 1, p. 216-236, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/download/856/54>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Antropologia**. [S.l.]: By Aguaforte, 1999. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/da/vagner/antropo.html>>. Acesso em 09 out. 2016.

SOUZA, Wilson Caetano de. **Orixás, santos e festas**: encontros e desencontros do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador. Salvador: Ed. UNEB, 2003.

TAVARES, Odorico. **Bahia**: imagens da terra e do povo. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1961. Disponível em: www.vermelho.org.br/noticia/257192-11. Acesso em: 9 set. 2016.

TRIGO, Isa Maria Faria; SARÉ, Larissa Latif. **Máscaras baianas**: corpos de encruzilhada e de pertencimento. Salvador, 2011. Disponível em: <<http://estudosoculturais.com/congressos/europe-nations/pdf/0077.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

TRIGO, Isa Maria Faria. Estranhando-se ao entranhar-se: a posição do ator como personagem e pesquisador, contribuições à academia. In: LIMA, Arnaldo Soares de (Org.). **Educação e contemporaneidade**: contextos e singularidades. Salvador: EDUFBA: EDUNEB, 2012. Parte 2, p. 171-182.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana Beatriz. **Brasil de todos os santos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia de 1850**. Tradução de Maria Aparecida de Nobrega. 2. ed. Salvador: Corrupio, 1999; 240 p. (Coleção Baianada, v. 1).

VIOLA, Paulinho da; CARVALHO, Hermínio Belo de. Timoneiro. In: VIOLA, Paulinho. **Bebadosamba**. [S.l.]: Gravadora BMG Brasil, 1996, 1 CD.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS NA LAVAGEM DO BONFIM

- ENTREVISTADOS

Participantes - dos diversos grupos sociais, culturais, religiosos e políticos - da Lavagem do Bonfim no ano de 2016, em Salvador - BA.

- OBJETIVO:

Mapear os diversos grupos – sociais, artísticos, culturais, religiosos e políticos que participaram da Lavagem do Bonfim em 2016, analisando as diferentes relações que estes estabeleceram com a Festa, com o espaço público e com os demais presentes. Busca-se também identificar e dimensionar o grau de acessibilidade e oferta de infraestrutura e serviços urbanos, levando em conta os variados perfis de participantes.

- PERGUNTAS:

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

- a. Nome completo:
- b. Idade:
- c. Ocupação ou formação/título:
- d. Onde mora/reside (bairro ou região)?
- e. Concepção religiosa:
- f. Participou da Lavagem em grupo (amigos, família, movimento, partido político, empresa, bloco, cooperativa, etc)? Se sim, qual?

2. INFORMAÇÕES DE ACESSIBILIDADE:

- a. Qual o transporte ou meio utilizado para chegar até a Região da Lavagem (veículo individual, ônibus, taxi, moto, transporte a trilha, transporte marítimo, modo a pé)? E qual o ponto de chegada?

- b. Qual o acesso utilizado para chegar à via oficial da Festa? (Ladeira, Rua, Plano Inclinado, Elevador, Estação, Praça, etc)?
- c. Qual o horário (aproximado) de chegada ao local? E de saída?
- d. Qual a via utilizada para sair do local da Festa? Em que ponto/região?
- e. Qual o transporte ou meio utilizado para sair da Região da Lavagem?
- f. Teve alguma dificuldade de acesso à Lavagem, na chegada ou na saída (trânsito lento, pouca oferta de transporte, falta de sinalização, falta de segurança)?

3. QUESTÕES SUBJETIVAS:

- a. Há quanto tempo acompanha/participa da Lavagem do Bonfim? Poderia apontar a mudança mais significativa para você ocorrida ao longo dos anos?
- b. O que a Lavagem do Bonfim representa para você?
- c. O que o moveu/motivou a participar do Bonfim este ano?
- d. O que fez de fato no Bonfim (caminhou, rezou/orou/clamou, sambou, bebeu, se cansou)?
- e. Se possível, faça uma breve descrição do Roteiro realizado durante a Lavagem (onde parou para descansar? Para almoçar?).
- f. O que achou da estrutura montada pelo Poder Público para a Lavagem deste ano? (banheiros, limpeza e manutenção das vias, segurança, pontos de venda, sinalização)?
- g. Estar na RUA (pista) durante o Bonfim lhe trouxe alguma sensação diferente? Se sim, qual?
- h. Qual a sensação (caso tenha participado do Cortejo) de chegar até a Igreja?
- i. Gostaria de apontar algo mais sobre a Lavagem deste ano que não foi questionada nesta entrevista?

APÊNDICE B – ENTREVISTA I

Dia: **14 de janeiro de 2016 (dia da Lavagem do Bonfim)**

Local: **em frente ao Elevador Lacerda, bairro do Comércio, em Salvador.**

Horário: **às 8h31min.**

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

a) Nome completo: **Manoela Cerqueira dos Santos**

b) Idade: **32 anos.**

c) Ocupação ou formação/título: **Vendedora ambulante.**

d) Onde mora/reside (bairro ou região)? **Boca do Rio.**

e) Concepção religiosa:

f) Participou da Lavagem em grupo (amigos, família, movimento, partido político, empresa, bloco, cooperativa, etc)? Se sim, qual? **Sozinha.**

2. INFORMAÇÕES DE ACESSIBILIDADE:

a) Qual o transporte ou meio utilizado para chegar até a Região da Lavagem (veículo individual, ônibus, taxi, moto, transporte a trilho, transporte marítimo, modo a pé)? E qual o ponto de chegada?
De Buzú. Saltei lá em cima, na Praça da Sé.

b) Qual o acesso utilizado para chegar à via oficial da Festa? (Ladeira, Rua, Plano Inclinado, Elevador, Estação, Praça, etc)?
Ladeira da Montanha.

c) Qual o horário (aproximado) de chegada ao local? E de saída?
Ir embora lá pra umas 23 horas, por aí

3. QUESTÕES SUBJETIVAS:

- a) Há quanto tempo acompanha/participa da Lavagem do Bonfim? Poderia apontar a mudança mais significativa para você ocorrida ao longo dos anos?

Vendo nessa festa a uns 10 anos já.

- b) O que a Lavagem do Bonfim representa para você?

Tem um significado, é lógico! Porque não é só bom pra gente vender. Atrai o turista, a gente também ganha um dinheirinho extra.

- c) Se possível, faça uma breve descrição do Roteiro realizado durante a Lavagem (onde parou para descansar? Para almoçar?).

Mais tarde a gente acompanha o cortejo, agora não.

- d) O que achou da estrutura montada pelo Poder Público para a Lavagem deste ano? (banheiros, limpeza e manutenção das vias, segurança, pontos de venda, sinalização)?

Esse ano eu achei melhor num sentido. Porque no ano passado a gente foi muito perseguido pelo rápa. A gente não poderia trabalhar com carro, e esse ano, graças a Deus, a gente pode tranquilo.

- e) Qual a sensação (caso tenha participado do Cortejo) de chegar até a Igreja?

Eu nunca fiz essa caminhada, eu nunca fiz.

APÊNDICE C – ENTREVISTA II

Dia: **28 de janeiro de 2016**

Local: **Escola de Dança da Universidade do Estado da Bahia (UFBA), bairro de Ondina, Salvador.**

Horário: **12h53min**

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

- a) Nome completo: **Maíra Spanguero Ferreira**
- b) Idade: **45 anos**
- c) Ocupação ou formação/título: **Professora e Artista**
- d) Onde mora/reside (bairro ou região)? **Rio Vermelho**
- e) Concepção religiosa: **Não tem.**
- f) Participou da Lavagem em grupo (amigos, família, movimento, partido político, empresa, bloco, cooperativa, etc)? Se sim, qual? **Sim. O bloco Dhja8.**

2. INFORMAÇÕES DE ACESSIBILIDADE:

- a) Qual o transporte ou meio utilizado para chegar até a Região da Lavagem (veículo individual, ônibus, taxi, moto, transporte a trilho, transporte marítimo, modo a pé)? E qual o ponto de chegada?
Vim de carro até o Santo Antônio, e de lá eu descí a Ladeira do Quebra Bunda. Eu fico me achando saber o nome das ladeiras porque no início eu tive muita dificuldade de me relacionar com a cidade. Então nesse sentido, eu acho que não separa o bloco da cidade. Então eu conheci a Ladeira por conta do bloco.
- b) Qual o acesso utilizado para chegar à via oficial da Festa? (Ladeira, Rua, Plano Inclinado, Elevador, Estação, Praça, etc)?
Ladeira do Quebra Bunda.
- c) Qual o horário (aproximado) de chegada ao local? E de saída?

Eu cheguei no Santo Antônio às 8h. Mas o Bloco saiu lá pras 10h. Fui embora lá pras uma da tarde.

d) Qual a via utilizada para sair do local da Festa? Em que ponto/região?

Eu também subi o Santo Antônio também, agora pela Ladeira da Agua Brusca.

e) Qual o transporte ou meio utilizado para sair da Região da Lavagem?

A pé até o Santo Antônio. De lá, peguei o carro pra vir pra casa.

f) Teve alguma dificuldade de acesso à Lavagem, na chegada ou na saída (trânsito lento, pouca oferta de transporte, falta de sinalização, falta de segurança)?

Não, mas assim, eu fui até o Santo Antônio, eu não fui até o Bonfim. Então lá eu tinha o esquema. Ah... onde estaciona eu já sabia lá na hora que eu cheguei, às 8h da manhã. Então eu não passei por isso da dificuldade, de “ah, eu precisava saber da placa...” porque eu tinha amigo que sabia o caminho. Então a minha resposta talvez não contribua de ser real.

3. QUESTÕES SUBJETIVAS:

a) Há quanto tempo acompanha/participa da Lavagem do Bonfim? Poderia apontar a mudança mais significativa para você ocorrida ao longo dos anos?

Indo mesmo é a segunda vez que eu vou. A primeira vez que eu fui tem 2 anos atrás ou 3 anos atrás. Foi bem curioso a primeira vez que eu fui porque eu fui com um cadeirante. Era ele, a esposa e tinha mais um casal. Então assim, eu passei pelo meio dos Filhos de Gandhi. Era assim, ele abria o caminho comigo. A gente chegou no Bonfim, jamais eu teria chegado lá, atravessado aquela multidão se eu não tivesse de cadeirante. Então foi assim surreal porque todo mundo viu o cadeirante abrir as passagens pra gente. Que eu saiba, você não pode passar nos Filhos de Gandhi. E eu passei no meio dos Filhos de Gandhi. Então assim, foi muito interessante dessa primeira vez porque era isso, eu não tive dificuldade de andar, ninguém me empurrou. Pelo contrário. Todo mundo abria o caminho pra passar. Surreal isso.

b) O que a Lavagem do Bonfim representa para você?

Ela representa socialização. Representa estar em grupo na cidade, que é muito diferente de estar sozinha ou amigo, ou estar com o namorado. Então eu acho que tem a ver com me sentir

segura porque eu to em bando, não estou sozinha, e ali tinha um objetivo a mais, que era o nosso bloco tocando. Então representa muito essa socialização, representa ficar na cidade sem medo, eu tenho muito medo de Salvador. Então pra mim era um momento em que eu não tinha medo. E assim, tem hora que, como a gente é um bloco pequeno, e o bloco não tava completo, tava menor ainda, tinham bandas que passavam, grupos diversos, que a sensação que eu tinha é que ia atropelar, que vinham com uma violência, uma força, uma velocidade, que eu senti que o grupo: “não, vamo pará, vamo sair do caminho”. A gente... Eu sinto mesmo a política de corpos assim, que independente de qualquer razão, partido político, mas assim... política mesmo: “tenho a minha fanfarra, e eu sou agressivo, eu vou passar e sai da frente”. Ali poderia, se pega outro... podia dar algum conflito: “como assim? A gente ta passando aqui e você vem do nada, né?!”. E teve um ponto especial que eu achei que... tem um viaduto, né, que a gente passa uma hora em baixo? A gente tava bem no meio do viaduto e veio o grupo do ACM, e que era muita gente. Às vezes, vinha com o carro de som super alto, a gente para de tocar porque não vai dar pra ouvir, e aí quando a gente viu que era o ACM, a gente falou: “não, nós não vamos tocar enquanto esse pessoal passa”. E a gente parou e a gente parou. O que que aconteceu? Eles vinham, eles tinham que se dividir. Então isso do movimento dos corpos eu achei muito significativo. A resistência que isso significou porque eles eram muitos, com carro de som, se sentindo porque eles estão no Poder e tal. E de repente, eles tinham que desviar, eles não podiam seguir. A gente ficou parado embaixo do viaduto e eles passaram assim. Então eu fiquei imaginando esse movimento de cima, de micro resistência e aquela multidão, o quanto a gente atrapalhou também um pouquinho eles, de alguma forma, porque eles estão passando por cima da cidade, né, eles enquanto partido político e tal. E ali eles tinham que... né? Então eu achei bem significativo assim desses corpos ali. E o tempo todo isso, toda hora tinha um bloco que vinha mais violento, violento assim, não violento de violência, mas às vezes tem muito menino, e o mestre tem muita testosterona... E tem uma coisa do próprio baiano, eu acho, generalista no meu entender, que assim é normal isso acontecer. Pra mim, é um horror, né? Meu Deus, como eu sofri! E você não vai esperar desculpa do outro, o outro não vai dar desculpa, então é como se fosse já um código dos corpos aqui. As pessoas não se incomodam tanto com esses pequenos porque eu acho que em outro lugar isso incomodaria bem mais. É uma corporalidade, não é mais uma questão de não ter espaço. É uma cidade que você não passa impune.

c) O que o moveu/motivou a participar do Bonfim este ano?

A saída do bloco.

d) O que fez de fato no Bonfim (caminhou, rezou/orou/clamou, sambou, bebeu, se cansou)?

Então, andar, a caminhada em si. O tormento, dançar, participar ali dessa alegria que é, né?

Uma coisa impressionante porque você toca e as pessoas sorriem e vem dançar. É aquela musica do Chico Buarque, né? A banda passar... a moça triste abriu a janela... Eu tenho um pouco essa sensação quando o bloco passa. Claro que ali eram muitas musicas. É o nosso bloco e eu vendo o efeito. Acho que se encontram pessoas, por exemplo, o Osório, eu jamais imaginaria, pra mim ele ta no Rio, e no meio daquela multidão, no meio duma estrada imensa e vai encontrar ele? E eu encontrei inúmeras pessoas assim. Foi bem surpreso, assim, eu encontrar gente conhecida. Eu não sou muito daqui, tenho poucas relações, mas eu vi um monte de gente. Acho que tem assim, um pouco... essa observação, tem uma hora que... o pau de Skin, você viu o pau de Skin? Tem o pau de selfie, obvio, né? Eles pegaram um cabo de vassou, cortaram uma garrafa de refrigerante e botaram nesse pau e vendiam a Skin e colocavam em cima. Então depois do pau de selfie, tinha o pau de Skin. Então, isso é incrível! Você vê uma gambiarra, em prol da sobrevivência porque era uma pessoa querendo ganhar mais dinheiro... Então, isso tudo, é cheio disso no caminhar da festa, né?

Acho que tem isso da bebida, né? Muito alcoolismo, eu vejo muita gente bêbada. De novo, essas mil energias e todo mundo aproveitando. Tem gente que ta lá pra festa mesmo, inclusive turistas.

O que mais? Eu acho que esse contato humano com quem você tá, né? Faz caminhada o tempo todo, e essa política dos corpos. Impressionante isso, me afetou muito, como que alguém passa por mim com tanta força e eu que tenho que sair dali.

Um grupo é mais lento, exige mais espaço. Inclusive na hora da gente entrar. A gente ficou um tempão parado pra ver a hora de entrar. "Ah... eu vou entrar na frente do ACM", nem foi isso na hora, mas eu lembro que tinha "não, aqui não!". Às vezes, o som tava muito alto, ou era mesmo um grupo político, alguma coisa que a gente não queria ta perto. Então tem mesmo a negociação o tempo todo, né? De alguém que cruza e acaba se esbarrando. A rua é a rua.

e) Se possível, faça uma breve descrição do Roteiro realizado durante a Lavagem (onde parou para descansar? Para almoçar?).

A gente fez umas paradas, eu não vou saber te dizer bem. Mas foi ali da Ladeira do Quebra Bunda até a Agua Brusca. Acho que nem é um trajeto tão intenso, né? Nesse trajeto, teve essas vezes em que outro bloco atrapalhava, teve uma menina que desmaiou, todo bloco ficou ali, nem era uma menina do bloco, mas... Aí ficou um pouco toca toca toca, acontece isso, invade, a

gente da uma paradinha. Então demorou mais foi porque foi nessas relações, né, com a cidade. Daí para alguém pra comprar uma bebidinha.

- f) O que achou da estrutura montada pelo Poder Público para a Lavagem deste ano? (banheiros, limpeza e manutenção das vias, segurança, pontos de venda, sinalização)?

Não. Eu fiquei preocupada, às vezes, com polícia que a gente via porque a gente nunca sabe, né, como eles vão agir.

- g) Estar na RUA (pista) durante o Bonfim lhe trouxe alguma sensação diferente? Se sim, qual?

Eu sinto a cidade, o grupo, a cultura porque eu tava num grupo de samba, então de alguma forma parece que você tá no certo. É uma experiência desse outro lugar também, o nível da perna, você enxerga o outro aqui, né? Tem essa sensação de pertencimento, de socialização, de liberdade... não sei se pra mim é liberdade, estar na rua segura, sabendo que tem mil energias, mil intenções porque você vê gente que passa olhando pro seu bolso, daí você já saca. Mas cara, você ta na cidade tanto quanto ele, ele não vai me oprimir, porque ele ta aqui pra roubar. É uma apropriação de estar na rua mesmo. É o meu direito estar aqui também, não só de carro. E isso é valioso, né? Numa rua que só passa carro.

- h) Gostaria de apontar algo mais sobre a Lavagem deste ano que não foi questionada nesta entrevista?

Eu lembrei de uma coisa que você falou essa coisa de liberdade. Eu fui de camiseta e top. Tava muito calor, daí eu amarrei a camiseta e fiquei de top, como se fosse um biquíni, alguma coisa assim. E isso pra mim, do corpo de mulher, que só nessa situação eu faria isso, de andar de top porque eu sei que tem um monte de menino do meu lado. Estar em grupo, eu jamais ficaria com aquela roupa se eu estivesse com uma amiga, por exemplo. Então nesse sentido me deu liberdade. Uma mulher com uma roupa dessa, ela é visada. Então mesmo que ela não ta lá pra namorar com ninguém, ela tá com calor. Isso na maioria das cidades não é possível. Eu tava super a vontade, tava de top. E se tivesse alguém me olhando, não ia ter o mesmo impacto e a mesma força porque eu tava em grupo. Alguma gracinha, algum assédio maior. E outra que jamais estaria daquela forma, tem outras coisas, 45 anos, professora, você também é modelo. Como eu estava no bloco, pra mim foi bem diferente, eu corpo. Não estava ali disponível. Talvez nem enxergavam a Maíra e sim o todo, o bloco.

APÊNDICE D – ENTREVISTA III

Dia: **14 de janeiro de 2016 (dia da Lavagem do Bonfim)**

Local: **em frente ao Mercado Popular, no bairro do Comércio, em Salvador.**

Horário: **10h13min.**

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

a) Nome completo: **Taise Ferreira**

b) Idade: **26 anos.**

c) Ocupação ou formação/título: **Capoeirista, aluna formada.**

d) Onde mora/reside (bairro ou região)? **Fazenda Grande do Retiro.**

e) Concepção religiosa: **Católica.**

f) Participou da Lavagem em grupo (amigos, família, movimento, partido político, empresa, bloco, cooperativa, etc)? Se sim, qual? **Escola de Capoeira Augusto Ovelha Negra.**

2. INFORMAÇÕES DE ACESSIBILIDADE:

a) Qual o transporte ou meio utilizado para chegar até a Região da Lavagem (veículo individual, ônibus, taxi, moto, transporte a trilho, transporte marítimo, modo a pé)? E qual o ponto de chegada?

A pé. A gente veio pela Lapinha.

b) Qual o acesso utilizado para chegar à via oficial da Festa? (Ladeira, Rua, Plano Inclinado, Elevador, Estação, Praça, etc)?

Ladeira da Agua Brusca.

c) Qual o horário (aproximado) de chegada ao local? E de saída?

A gente chegou aqui umas 9h. É porque depende muito da quantidade de gente que vai, do que acontece na hora da roda. Aí, 12h, 13h, 14h a gente já ta terminando.

3. QUESTÕES SUBJETIVAS:

a) Há quanto tempo acompanha/participa da Lavagem do Bonfim? Poderia apontar a mudança mais significativa para você ocorrida ao longo dos anos?

Tem uns 5 anos que eu venho.

b) O que a Lavagem do Bonfim representa para você?

Isso, além de ser uma festa religiosa, dá a oportunidade da gente também poder apresentar o nosso trabalho, né? A religião, a Igreja Católica, com a capoeira eles conseguem também fazer esse trabalho unificado. A gente consegue mostrar pra a nossa comunidade, pra todo mundo que capoeira não é só luta, tal. Também tem a nossa crença, que faz parte dessa festa.

c) O que o moveu/motivou a participar do Bonfim este ano?

A gente veio no cortejo da capoeira, veio prestigiar essa festa, né? E com fé em Deus, vamos tentar subir a Colina lá pra agradecer também a Deus, né?

O nosso ano aí na capoeira.

d) Se possível, faça uma breve descrição do Roteiro realizado durante a Lavagem (onde parou para descansar? Para almoçar?).

Normalmente, esse aqui é o nosso ponto de encontro. Aqui no Mercado do Peixe. Aí a gente vai até a Colina. Vai direto, seguindo na roda de capoeira. Chegando lá, cada um pega o seu destino.

e) O que achou da estrutura montada pelo Poder Publico para a Lavagem deste ano? (banheiros, limpeza e manutenção das vias, segurança, pontos de venda, sinalização)?

Pra mim continua ainda a mesma coisa. Assim, eu ainda não sai daqui. Eu cheguei aqui no ponto e ainda to aguardando, ainda vou ver ainda no circuito ainda como é que ta. Não consegui observar isso ainda não.

APÊNDICE E – ENTREVISTA IV

Dia: **14 de janeiro de 2016 (no dia da Lavagem do Bonfim)**

Local: **Praça do Bonfim, bairro do Bonfim, em Salvador.**

Horário: **14h17min.**

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

- a) Nome completo: **Suzana Ferreira Cerqueira**
- b) Idade: **26 anos.**
- c) Ocupação ou formação/título: **Lavadora, dona de casa.**
- d) Onde mora/reside (bairro ou região)? **Distrito de Tiquaruçu, município de Feira de Santana.**
- e) Concepção religiosa: **Católica.**
- f) Participou da Lavagem em grupo (amigos, família, movimento, partido político, empresa, bloco, cooperativa, etc)? Se sim, qual? **Acompanhada com o grupo de samba de roda de Irará.**

2. INFORMAÇÕES DE ACESSIBILIDADE:

- a) Qual o transporte ou meio utilizado para chegar até a Região da Lavagem (veículo individual, ônibus, taxi, moto, transporte a trilho, transporte marítimo, modo a pé)? E qual o ponto de chegada?

Vimos de caravana, ônibus do grupo, micro-ônibus. Em frente ao elevador Lacerda.

- b) Qual o horário (aproximado) de chegada ao local? E de saída?

Sáimos de lá de Irará às 4h da manhã e chegamos aqui 7:30h da manhã.

3. QUESTÕES SUBJETIVAS:

- a) Há quanto tempo acompanha/participa da Lavagem do Bonfim? Poderia apontar a mudança mais significativa para você ocorrida ao longo dos anos?

Minha primeira vez. Adorei, não tenho do que reclamar não. Pretendo vir mais vezes.

b) O que a Lavagem do Bonfim representa para você?

Pra mim, é um momento de fé e dedicação ao Nosso Senhor do Bonfim. É um prazer imenso da cidade trazer um pouco da nossa cultura ao povo da cidade de Salvador.

c) O que o moveu/motivou a participar do Bonfim este ano?

Conhecer a Lavagem do Bonfim, que era o meu sonho.

d) Se possível, faça uma breve descrição do Roteiro realizado durante a Lavagem (onde parou para descansar? Para almoçar?).

Vimos direto, sempre a pé e sempre sambando.

e) O que achou da estrutura montada pelo Poder Público para a Lavagem deste ano? (banheiros, limpeza e manutenção das vias, segurança, pontos de venda, sinalização)?

Na folia, não deu nem pra notar. Mas a quantidade de segurança tá ótimo, tá bem. Bem organizada. Tranquila, sossegada. Indico a quem quiser vim pra conhecer a festa.

APÊNDICE F – ENTREVISTA V

Dia: **14 de janeiro de 2016 (dia da Lavagem do Bonfim).**

Local: **em frente à Igreja do Bonfim, no bairro do Bonfim, em Salvador.**

Horário: **13h30min.**

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

a) Nome completo: **Carla Oliveira**

b) Idade: **21 anos**

c) Ocupação ou formação/título: **Estudante**

d) Onde mora/reside (bairro ou região)? **Feira de Santana**

e) Concepção religiosa: **Não definida.**

f) Participou da Lavagem em grupo (amigos, família, movimento, partido político, empresa, bloco, cooperativa, etc)? Se sim, qual? **Militante do MST (movimento dos Sem-Terra)**

2. INFORMAÇÕES DE ACESSIBILIDADE:

a) Qual o transporte ou meio utilizado para chegar até a Região da Lavagem (veículo individual, ônibus, taxi, moto, transporte a trilho, transporte marítimo, modo a pé)? E qual o ponto de chegada?
Vimos de ônibus, todo mundo do MST. Chegamos na Praça Castro Alves.

b) Qual o acesso utilizado para chegar à via oficial da Festa? (Ladeira, Rua, Plano Inclinado, Elevador, Estação, Praça, etc)?
Descemos a Ladeira da Montanha e viemos direto pra cá.

c) Qual o horário (aproximado) de chegada ao local? E de saída?
Chegada em torno das 8h / Saída às 14h.

d) Qual a via utilizada para sair do local da Festa? Em que ponto/região?
Ladeira da Montanha

e) Qual o transporte ou meio utilizado para sair da Região da Lavagem?

A pé.

3. QUESTÕES SUBJETIVAS:

a) Há quanto tempo acompanha/participa da Lavagem do Bonfim? Poderia apontar a mudança mais significativa para você ocorrida ao longo dos anos?

A uns 3 / 4 anos, por aí.

b) O que a Lavagem do Bonfim representa para você?

Um instrumento de fortalecimento da fé. A Lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim, no candomblé Senhor do Bonfim é Oxalá e é o fortalecimento da fé. Eu tenho uma crítica ainda a algumas pessoas porque as pessoas passam o ano inteiro falando mal do candomblé, dizendo que é coisa, demonizando o candomblé e numa festa como a do Senhor do Bonfim, e na virada do ano, por exemplo, todo mundo pula as sete ondas, em 2 de Fevereiro todo mundo vai pra Festa de Iemanjá, e aí nesses dias específicos o candomblé é uma religião, candomblé é especial, e o resto do ano não presta, né?

c) O que o moveu/motivou a participar do Bonfim este ano?

A festa.

d) O que fez de fato no Bonfim (caminhou, rezou/orou/clamou, sambou, bebeu, se cansou)?

Eu acho que o que trouxe todo mundo aqui foi a fé, em especial. E é um espaço histórico em Salvador que é importante a presença do MST aqui também.

e) Se possível, faça uma breve descrição do Roteiro realizado durante a Lavagem (onde parou para descansar? Para almoçar?).

Vimos direto o percurso.

f) O que achou da estrutura montada pelo Poder Público para a Lavagem deste ano? (banheiros, limpeza e manutenção das vias, segurança, pontos de venda, sinalização)?

Olha, sinceramente, eu vou ser o mais sincera possível com você. Eu não vi nenhum banheiro no caminho. Não sei se tinha, não prestei atenção. Não vi nenhum banheiro no caminho. Eu vi policiamento, tinha vários policiais passando e tudo mais. A única coisa assim de estrutura mais forte que eu vi. E o pessoal vendo coisas, vendendo lanche, vendendo cerveja no lado, na calçada. No mais, foi a única coisa que eu vi, nem banheiro eu vi. E a estrutura que tem na frente da Igreja que o município sempre coloca, né? Um camarote na frente da Igreja não diz nada pro povo, não representa o povo um camarote pra o Governo na porta da Igreja.

g) Estar na RUA (pista) durante o Bonfim lhe trouxe alguma sensação diferente? Se sim, qual?

É uma pergunta complicada porque a gente faz isso várias vezes, desde que o MST é MST, quando a gente ocupa as ruas, quando a gente fecha uma pista, quando a gente fecha a cidade, quando a gente para a cidade, a gente ocupa as ruas. E é especial isso. E daí, é algo inédito, sempre traz isso porque a gente praticamente não fica naquele lugar, os carros sempre ocupa aquilo e a gente passa rápido pra sair da frente dos carros. A gente tem um empoderamento da cidade.

APÊNDICE G – ENTREVISTA VI

Dia: **14 de janeiro de 2016 (dia da Lavagem do Bonfim)**

Local: **em frente ao Terminal Marítimo de São Joaquim, no bairro do Comércio, em Salvador**

Horário: **10h 30min.**

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

a) Nome completo: **Ivana Ribeiro Araujo da Cruz**

b) Idade: **52 anos.**

c) Ocupação ou formação/título: **Estudante e Do lar.**

d) Onde mora/reside (bairro ou região)? **Roma.**

e) Concepção religiosa: **Candomblé.**

f) Participou da Lavagem em grupo (amigos, família, movimento, partido político, empresa, bloco, cooperativa, etc)? Se sim, qual? **Com amigos.**

2. INFORMAÇÕES DE ACESSIBILIDADE:

a) Qual o transporte ou meio utilizado para chegar até a Região da Lavagem (veículo individual, ônibus, taxi, moto, transporte a trilho, transporte marítimo, modo a pé)? E qual o ponto de chegada?
Andando, só na caminhada.

b) Qual o acesso utilizado para chegar à via oficial da Festa? (Ladeira, Rua, Plano Inclinado, Elevador, Estação, Praça, etc)?
Roma.

c) Qual o horário (aproximado) de chegada ao local? E de saída?
A gente chegou aqui umas 9h.

d) Qual a via utilizada para sair do local da Festa? Em que ponto/região?
De volta, Roma.

e) Qual o transporte ou meio utilizado para sair da Região da Lavagem?

A pé.

3. QUESTÕES SUBJETIVAS:

a. Há quanto tempo acompanha/participa da Lavagem do Bonfim? Poderia apontar a mudança mais significativa para você ocorrida ao longo dos anos?

São trinta e poucos anos, todo ano eu to na Festa.

b. O que a Lavagem do Bonfim representa para você?

Tudo de bom. Paz, tranquilidade, fé, harmonia, união, é aonde o povo se une e a religião se encontra.

c. O que o moveu/motivou a participar do Bonfim este ano?

Nada a pedir a ele, já me da tudo.

d. Se possível, faça uma breve descrição do Roteiro realizado durante a Lavagem (onde parou para descansar? Para almoçar?).

Roma - Comércio. Comércio – Roma.

e. O que achou da estrutura montada pelo Poder Publico para a Lavagem deste ano? (banheiros, limpeza e manutenção das vias, segurança, pontos de venda, sinalização)?

Esse 2016 tá assim, estruturado. Porque os outros anos... é aquela coisa, a mudança, né? A mudança. O tempo muda, as coisa muda. Porque a hierarquia do Bonfim não era essa, né? Era a procissão, baiana, carroças, monumento, isso aí. Mudou, mas tá ótimo. Ta tudo perfeito, esse ano tá perfeito.

APENDICE H – ENTREVISTA VII

Dia: **14 de janeiro de 2016 (dia da Lavagem do Bonfim).**

Local: **em frente ao Elevador Lacerda, no bairro do Comércio, em Salvador.**

Horário: **8h 39min.**

1. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO:

a) Nome completo: **Marli Moraes Rodrigues**

b) Idade: **62 anos.**

c) Ocupação ou formação/título: **Assistente Social, Servidora Publica Estadual.**

d) Onde mora/reside (bairro ou região)? **Brotas.**

e) Participou da Lavagem em grupo (amigos, família, movimento, partido político, empresa, bloco, cooperativa, etc)? Se sim, qual? **Com as colegas.**

2. INFORMAÇÕES DE ACESSIBILIDADE:

a) Qual o transporte ou meio utilizado para chegar até a Região da Lavagem (veículo individual, ônibus, taxi, moto, transporte a trilho, transporte marítimo, modo a pé)? E qual o ponto de chegada?
De taxi. Descemos aqui de junto onde pega as lanchas, em frente ao Mercado.

b) Teve alguma dificuldade de acesso à Lavagem, na chegada ou na saída (trânsito lento, pouca oferta de transporte, falta de sinalização, falta de segurança)?
Nesse horário foi fácil.

3. QUESTÕES SUBJETIVAS:

c) Há quanto tempo acompanha/participa da Lavagem do Bonfim? Poderia apontar a mudança mais significativa para você ocorrida ao longo dos anos?

Ave... desde que me entendo por gente. A uns 40 anos que eu rodo o Bonfim, a Lavagem.

A cada ano eu acho que aumenta mais, as pessoas tão indo mais. Aumenta o volume de pessoas. Eu não gostei porque faltou a carroça, os cavalos, aquela coisa que tinha, que o pessoal do movimento de animais, que eu acho a maior... poderia ser mais leve. No caso de uma festa dessa. Por que não? Só na festa. Não vai maltratar o animal não. Como era antigamente porque pela questão cultural, a tradição.

d) O que o moveu/motivou a participar do Bonfim este ano?

Pra ver essa maravilha, ver as pessoas vindo ao Bonfim. Ser movido pela fé porque ninguém vai até lá por acaso não. Você vai por um motivo muito forte. Ninguém sai de sua casa de manhã cedo, pra ta aqui essa hora, só porque quer caminhar? Não. Você tem uma motivação maior. A questão espiritual hoje, eu acho que nesse planeta, ta cada vez mais indo pro lado da força da fé, de ser movido por uma fé maior. Eu acho que é isso que nos move, nos traz pra aqui, pra chegar até lá, ou não. Ou até chegar até um determinado local onde sua limitação diz: "para", você para. Eu já fui várias vezes, hoje eu não sei se vou chegar até lá, mas minha pretensão é ficar por aqui. Eu to com um pessoal aqui na Ilha esperando, mas eu sempre chego até a Colina Sagrada. Eu também fui anteontem pra lá com eles, porque talvez eu não fosse até lá. Mas a gente vai mais movido pela fé.

e) O que fez de fato no Bonfim (caminhou, rezou/orou/clamou, sambou, bebeu, se cansou)?

Sambar, tomar cerveja, ta com os amigos, ver as pessoas. Ver o movimento desse dia, que desse dia da Bahia é mais forte que o dia da Conceição da Praia, que é a padroeira de Salvador. Eu acho que é uma tradição. Você vai na Igreja do Bonfim e todo dia tem visita, de tudo quanto é parte do Brasil.

f) Se possível, faça uma breve descrição do Roteiro realizado durante a Lavagem (onde parou para descansar? Para almoçar?).

Não tem roteiro não. A cada ano a gente muda a saída e a chegada. Porque para na casa de um pra comer uma feijoada, para na barraquinha pra comprar cerveja, vê um feijão assim num lugar desses, para pra comer. Mas não tem nada programado, não tem programação definida não. A gente vai indo.

g) O que achou da estrutura montada pelo Poder Publico para a Lavagem deste ano? (banheiros, limpeza e manutenção das vias, segurança, pontos de venda, sinalização)?

Já vi uns banheiros junto do porto. Bem sinalizado lá na chegada. E na gestão de ACM Neto, ele ta sendo um prefeito que a gente sempre sonhou, até agora. Dessa questão mesmo de pensar no cidadão, né? Você viu, o Reveillon aqui? Foi pra a gente. Eu não tava aqui não, tava em Porto

Seguro. Mas ele fez a programação pra o pessoal de Salvador, que antes isso não acontecia.

“ahhh, porque o povo que veio, o turista”... né o turista não, é a gente que mora aqui 365 dias do ano, não é uma vez na vida, 5 dias, 10, tem que pensar em nós cidadão pra Salvador

h) Qual a sensação (caso tenha participado do Cortejo) de chegar até a Igreja?

Alívio, de missão cumprida. Sabe? Daquela coisa que você programa o ano todo, ir pra Lavagem do Bonfim... De agradecer a ele, a Deus, a saúde da gente estar podendo estar aqui porque podia estar doente, não poder vim. A sensação é dessa, de alívio. E cada vez fortalecer a fé da gente e para o ano estar aqui de novo.

ANEXO A – CRONOGRAMA OFICIAL DA LAVAGEM DO BONFIM

09/04/2016

G1 - Veja programação para a Lavagem do Bonfim 2016, em Salvador - notícias em Verão 2016

Quinta-feira (14/01):

Ocorre a tradicional lavagem do adro da Basílica Santuário Senhor Bom Jesus do Bonfim.

- **8h** - Começa a caminhada saindo da Basílica Santuário Nossa Senhora da Conceição da Praia até o Bonfim.
- **9h** - Show de músicas religiosas no adro da igreja do Bonfim preparando o público para o momento da Bênção que será concedido aos fiéis.
- **12h** - Acontece a acolhida às baianas pelos membros da Irmandade (Devoção di Senhor do Bonfim) e entrega das vassouras para a lavagem do adro da Basílica.

Após o ritual da lavagem do adro, a imagem Peregrina do Senhor do Bonfim ficará próxima à porta principal na Basílica Santuário para veneração pública até às 18 horas.

Sexta-feira (15/01):

- **15h** - Concentração dos movimentos e serviços eclesiais arquidiocesanos.
- **19h** - Terá início a oitava noite do novenário, com o subtema "Neste Ano da Misericórdia somos convocados a irmos ao encontro de todas as pessoas 'crentes e afastadas', levando-lhes a bondade e a ternura de Deus". A pregação será feita pelo padre Thiago Kern Nascimento Santos.

Sábado (16/01)

- **17h** - Acontece a missa com participação especial das crianças.
- **19h** - Acontece a última noite do novenário, com subtema "Neste Ano da Misericórdia, a Basílica Santuário do Senhor do Bonfim é confirmada e consagrada Mansão da Misericórdia, onde qualquer pessoa encontra a Porta da Misericórdia' sempre aberta, possibilitando-lhe 'experimentar o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança". O novenário será conduzido pelo padre Gilson Magno dos Santos.

Domingo (17/01):

Dia festivo

- **4h30** - Ocorre Alvorada e repique dos sinos, anunciando o grande dia da festa.
- **5h** - Missa com participação especial nos homens.
- **6h** - Missa dos Devotos e das devotas pelas famílias baianas que cultivam a devoção ao Senhor do Bonfim, recebida dos seus antepassados.
- **7h30** - Missa.

<http://g1.com.br/bahia/verao2016/noticia/2015/12/veja-programacao-para-lavagem-do-bonfim-2016-em-salvador.html>

13/21

Fonte: Portal G1 (2016).

ANEXO B – MANCHETE DE JORNAL DA LAVAGEM DO BONFIM COM IMAGEM DE BAIANA I

09/04/2016

G1 - Veja programação para a Lavagem do Bonfim 2016, em Salvador - notícias em Verão 2016



Lavagem do Bonfim 2016, em Salvador, será no dia 14 de janeiro (Foto: Max Haack/Ag. Haack)

Lavagem do Bonfim 2016, em Salvador, será

A tradicional Lavagem do Bonfim, em Salvador, será realizada no dia 14 de janeiro de 2016, e coincidirá com as celebrações do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, [santo católico instituído pelo papa Francisco](#) que prevê perdão aos arrependidos pelos pecados. A programação do Bonfim na capital tem início no dia 7, com o hasteamento da bandeira do Senhor do Bonfim, e vai até o dia 17, quando ocorre a procissão dos três pedidos. *[Confira abaixo a programação completa].*

<http://g1.globo.com/bahia/verao/2016/noticia/2016/12/veja-programacao-para-lavagem-do-bonfim-2016-em-salvador.html>

9/21

Fonte: Portal G1 (2016)

ANEXO C – MANCHETE DE JORNAL DA LAVAGEM DO BONFIM COM IMAGEM DE BAIANA II

09/04/2016

G1 - Fiéis do candomblé reforçam tradição na BA e reverenciam Oxalá no Bonfim - notícias em: Verão 2016



Mãe de santo abençoa fiel na porta da Igreja do Bonfim, após lavagem do adro, em Salvador (Foto: Danutta Rodrigues/G1)

Oito quilômetros percorridos e a emoção de completar mais uma promessa feita ao Nosso Senhor Jesus do Bonfim. Nesta quinta-feira (14), fiéis do candomblé dividiram espaço com católicos para caminhar até a Colina Sagrada, em [Salvador](#), ao som do samba de roda, batuques e fanfarras.

Como em uma festa de largo "andante", manifestações culturais de diversos cantos do estado. Roda de capoeira, boi bumbá e bandas de sopro somados aos milhares de baianos e turistas que acompanharam o cortejo das baianas até a Igreja do Bonfim.

<http://g1.globo.com/bahia/salvador/2016/04/14/fiéis-do-candomblé-reforçam-tradição-na-ba-e-reverenciam-oxalá-no-bonfim.html>

9/29

Fonte: Portal G1 (2016).

ANEXO D – MANCHETE DE JORNAL DA LAVAGEM DO BONFIM COM IMAGEM DE BAIANA III

09/04/2016 Demonstrações de fé marcam cortejo até a Colina Sagrada - Salvador | Portal A TARDE

UOL

NOTÍCIAS ESPORTES ENTRETENIMENTO CLASSIFICADOS EDUCAÇÃO DIGITAL MAIS

LOGIN

Bahia
Salvador

Fale com a Redação

BUSCA

Quil, 14/01/2016 às 23:36

Demonstrações de fé marcam cortejo até a Colina Sagrada

Rafael Silva

Tags: festas populares festa do senhor do bonfim lavagem salvador agora

Twitter G+ D Recusar

COMENTÁRIOS (0)

Ludeno da Mota | Aqu, A TARDE

Últimas Notícias

06
06
ABS

às 13:54 | Comentários(0)
Bandidos matam vigilante em tentativa de assalto a papelaria

às 09:44 | Comentários(0)
Perseguição policial termina em acidente na Via da França

às 07:50 | Comentários(0)
Interrupção na av. da França complica trânsito no Comércio

05
05
ABS

às 23:47 | Comentários(0)
Jovem de 21 anos morre baleado em Brotas

às 23:00 | Comentários(0)
CPF propõe censura na internet e é criticada

http://site.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1709426-demonstracoes-de-fe-marcam-cortejo-ate-a-colina-sagrada

09/04/2016 Demonstrações de fé marcam cortejo até a Colina Sagrada - Salvador | Portal A TARDE

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

19:42

Tradição: adro da Igreja do Bonfim é lavado pelas baianas

Com o tema Celebrando o Ano da Santa Misericórdia, a tradicional Lavagem do Bonfim reuniu, nesta quinta-feira, 17, fiéis, pagadores de promessas e turistas de todas as idades.

Após uma celebração ecumênica iniciada às 8h, na Basílica Santuário Nossa Senhora da Conceição da Praia, que reuniu líderes de várias religiões, o cortejo habitual das baianas seguiu os cerca de oito quilômetros de percurso, em procissão, seguido pela multidão, do Comércio até a Colina Sagrada, no bairro do Bonfim.

Com belos trajes típicos e vasos com água perfumada, as baianas foram acolhidas, por volta do meio-dia, pelos membros da Irmandade Devoção do Senhor do Bonfim, quando foi feita a entrega das vassouras para a lavagem da escadaria e adro da Igreja Basílica Santuário do Bonfim.

Salva mais

A baiana Evânia Lopes, 43 anos, revelou que fez muitos pedidos. "Participo da lavagem há mais de

http://site.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1709426-demonstracoes-de-fe-marcam-cortejo-ate-a-colina-sagrada

Fonte: Portal A Tarde (2016).

ANEXO E – MANCHETE DE JORNAL DA LAVAGEM DO BONFIM COM IMAGEM DE BAIANA IV

05/04/2016

G1 - Lavagem do Bonfim altera serviços e agrega festas profanas; veja esquema - notícias em Março 2016



Lavagem do Bonfim altera serviços na capital

(Foto: Max Haack/Ag. Haack)

Na quinta-feira (14), a tradicional [Lavagem do Bonfim](#), em Salvador, irá provocar algumas alterações nos esquemas de trânsito, transporte, segurança e limpeza da capital. Os festejos também alteram o [funcionamento de dois shoppings](#) e de quatro agências dos Correios localizadas no Centro.

Além das mudanças relacionadas às áreas de serviço, segurança e infraestrutura, a festa religiosa ainda atrai uma [série de eventos que unem o sagrado e o profano](#). A "Enxaguada do Bonfim", por exemplo, irá reunir artistas como Diogo Nogueira, Nelson Rufino, Marlene de Castro e Mumuzinho no Museu do Ritmo.

A festa ocorre às 14h, logo após os oito quilômetros de caminhada entre a Basílica Santuário Nossa Senhora da Conceição da Praia, no bairro do Comércio, da Basílica Santuário do Senhor do Bonfim.

Confira serviços relacionados à Lavagem do Bonfim:

<http://g1.globo.com/bahia/verao/2016/noticia/2016/01/lavagem-do-bonfim-11-lava-servicos-e-agrega-festas-profanas-veja-esquema.html>

9/26

Fonte: Portal G1 (2016).

ANEXO F – ORGANIZAÇÃO DE ÓRGÃOS GESTORES PARA A LAVAGEM DO BONFIM 2016

		ADITAMENTO ESCALA MENSAL JANEIRO DE 2016			
COORD. GERAL: Antonio Neri dos Santos FONE: 99979-2900		COND. CORD		Emerson Souza Santos	
COND. CORD		COND. CORD		José Luis Reboças	
COORDENADORES:		Marcos Nascimento dos Reis FONE: 98813-9834	Divair Eloi da Silva FONE: 99963-3051	Coordenar o cumprimento de todo plano de trabalho	
Condutores		Cândido Santana Moreira			
BONFIM					
quinta-feira, 14 de janeiro de 2016					
HORÁRIO: Das 06:00 h às 21:00 h					
ROTEIRO	POSTO	PREPOSTOS 06:00 às 14:00	PREPOSTOS 13:00 às 21:00	MISSÃO:	
ÁREA 2					
Vale do Canela até Comércio					
200	VTR	SUPERVISORES: Nilton de Almeida Reis FONE: 99605-4263	José Raimundo Lima Freitas FONE: 99975-3100	Supervisionar o cumprimento de todo plano de trabalho	
		CONDUTORES: Alisson dos Santos Teles	Élismar Lima dos Santos		
201	VTR	Nilson de Souza	Gerson de Jesus das Neves	Proibir acesso de ônibus e caminhões - Apoio do TRANSPORTE	
		João José Chaves Filho	Pablo Marcel do Couto Silva		
202	PO	Edson Gonçalves Dórea	César Augusto Lima Nascimento	Proibir acesso de ônibus e caminhões - Apoio do TRANSPORTE	
		André Luiz Fontes Penas Seara	Evandro Martins da Cruz Junior		
203		POLÍCIA MILITAR			
	VTR	Rubens José Portela de Oliveira Junior	Cláudio Oliveira Machado	Monitoramento e Desvio do tráfego para Av. Sete de Setembro	
		Aldo Lima Bonfim Dias	Ricardo José Souza Fadigas		
		Ailton Gomes dos Santos	Nemeriancy de Freitas Mendes		
		Everton de Araújo Dantas	Fábio Luiz de Assis Santos		
	PO	POLÍCIA MILITAR			
204		POLÍCIA MILITAR			
205		POLÍCIA MILITAR		Rondas e Apoio as Barreiras	
206	VTR	Melquisedenes Santana Teixeira	José Soares da Silva Filho	Monitoramento do Tráfego e disciplinamento de estacionamento	
		Reinaldo César Dias Santos	Edilson José da Silva Lira		
207		POLÍCIA MILITAR		BARREIRA FIXA	
208		POLÍCIA MILITAR		BARREIRA FIXA	
209	VTR	Jonas de Santana	Jailson Borges dos Santos	Bloqueio do tráfego sentido Comércio	
		Jailson Santos Mota	Gitson Silva Carvalho		

ANEXO G – MATÉRIA DE JORNAL COM ORGANIZAÇÃO PLANEJADA PARA A LAVAGEM DE 2016 I

Confira serviços relacionados à Lavagem do Bonfim:

<http://g1.globo.com/bahia/verao/2016/noticia/2016/01/lavagem-do-bonfim-altera-servicos-e-agrega-festas-profanas-veja-esquema.html>

9/28

06/04/2016

G1 - Lavagem do Bonfim altera serviços e agrega festas profanas; veja esquema - notícias em Verão 2016



Vias do Comércio terão alteração no trânsito

(Foto: Max Haack/Agcom)

Trânsito

De acordo com a Superintendência de Trânsito de Salvador (Transalvador), [o ordenamento do trânsito começa a partir de 1h da quinta-feira \(14\)](#). A partir deste horário, serão proibidos o estacionamento e a circulação de veículos - exceto os liberados para o cortejo -, na Avenida Lafayette Coutinho, também conhecida como Contorno, e na Rua da Conceição da Praia.

Também serão proibidos o estacionamento e a circulação de veículos nas principais vias entre o Comércio e o Bonfim. A Transalvador informou que só permitirá a circulação de veículos com capacidade de até uma tonelada nas vias do cortejo.

A partir das 6h do dia da festa, outras modificações englobam o sentido duplo de tráfego da Avenida Oscar Pontes, com interdição progressiva de veículos da Praça Visconde de Cayru à Avenida Bonfim e sentido único de tráfego na Rua Luiz Régis Pacheco.

Os veículos destinados aos serviços públicos, a exemplo da operação de trânsito e transporte, bombeiros, ambulâncias e polícias, além de prioridade, terão livre trânsito e estacionamento, quando devidamente identificados e estiverem em serviço.

Fonte: Portal G1 (2016).

ANEXO H – MATÉRIA DE JORNAL COM ORGANIZAÇÃO PLANEJADA PARA A LAVAGEM DE 2016 II

06/04/2016

G1 - Lavagem do Bonfim altera serviços e agrega festas profanas; veja esquema - notícias em Verão 2016

(Foto: Manu Dias/Secom)

Segurança

O trajeto entre a Conceição da Praia e a Colina Sagrada, e os principais acessos do cortejo, terão o policiamento reforçado. [Serão mais de 1.500 policiais, entre civis, militares e bombeiros](#), escalados para realizar a segurança da festa. O esquema especial da Polícia Militar terá início às 6h, com o acompanhamento da Corrida Sagrada.

O policiamento ostensivo será reforçado com policiais do Esquadrão de Motociclistas Águia, das companhias independentes do Comando Baía de Todos os Santos, das operações Apolo e Gêmeos e da Companhia Independente de Policiamento e Tático (CIPT).

Ao todo, serão 200 patrulhas, 20 postos elevados de observação e quatro bases comunitárias móveis de segurança que estarão distribuídas ao longo do trajeto. Também haverá patrulhamento nas estações de transbordo e de metrô, corredores de tráfego, pontos de ônibus e nas vias de acesso à festa do Bonfim.

Três postos da Polícia Civil serão instalados na Conceição da Praia e no Bonfim. Um carro presídio também estará à disposição para transportar as pessoas detidas na festa, que serão encaminhadas ao Complexo Policial dos Barris.



Região da festa terá 372 sanitários, diz Limpurb

(Foto: Viviane Mateus/G1)

Limpeza

Segundo informações da Empresa de Limpeza Urbana de Salvador (Limpurb), 372 sanitários químicos serão distribuídos em pontos estratégicos entre a Conceição da Praia e a Colina Sagrada.

A Limpurb ainda irá utilizar 16 compactadores, 22 caminhões, dois ônibus, cinco caminhões pipa e duas carretas pipa para a limpeza das ruas.

A ação contará com aproximadamente 600 profissionais, entre agentes de varrição, coleta, lavagem e motoristas. O esquema será mantido proporcionalmente até segunda-feira (18), quando acontece a Segunda-Feira Gorda da Ribeira, também na Cidade Baixa.

<http://g1.globo.com/bahia/verao2016/noticia/2016/01/lavagem-do-bonfim-altera-servicos-agrega-festas-profanas-veja-esquema.html>

12/28

Fonte: Portal G1 (2016).